

O PREÇO
DE
UM SONHO

Robert Ramos Roman

Capítulo Um

Dia cinco de junho de 1996, uma quarta-feira ensolarada, oito horas da manhã.

Mais um amanhecer igual aos anteriores para Sarah Alexander, que despertava em sua incomum casa de veraneio, incrustada na Selva Amazônica.

Sarah levantou, e como habitualmente, após preparar o desjejum para a família, ficou lendo na varanda, aguardando seu marido Anthony e sua filha Carolina, que também como de hábito, já haviam saído para sua caminhada matinal pela floresta.

Martin, seu filho mais velho, era sempre o último a levantar, e raramente acompanhava a família na refeição matinal. Havia chegado de Nova Iorque há apenas três dias, enquanto o restante da família já estava ali desde o início das férias escolares de Carolina, há quinze dias. Martin não gostava muito do lugar. Viera apenas para conversar com os pais a respeito de seu futuro.

Pai e filho eram muito parecidos fisicamente, contudo, Martin não compartilhava do mesmo gosto de Anthony por exercícios físicos. Quando tivesse a idade do seu pai, a falta destes exercícios certamente levaria Martin, então com vinte e dois anos, a se tornar uma pessoa obesa.

Anthony, então com quarenta e sete anos, tinha as feições bem marcadas, era alto e forte e estava constantemente praticando exercícios. Na época em que Martin morava com ele, da infância até a adolescência, arrastava-o junto às academias sempre que podia, para manter a forma.

Apesar disso, o pai não havia conseguido transmitir ao filho sua predileção pela prática de esportes. Ambos eram morenos e tinham olhos castanhos, porém Anthony tinha a pele bronzeada pelo tempo de exposição ao sol, enquanto Martin tinha a pele mais clara.

Sarah, com cerca de um metro e setenta de altura, era loira, tinha olhos claros, a mesma idade de Anthony e o mesmo gosto por esportes, o que permitia manter suas formas bem proporcionadas em relação à sua altura.

Carolina, com vinte anos, era loira como a mãe e tinha os olhos claros também iguais aos da mãe, tinha as formas bem distribuídas, por seus quase um metro e setenta e cinco de altura, e herdara a cor da pele do pai, o que a transformava numa pessoa muito atraente. Além disso, com poucos dias de exposição ao sol, em países tropicais, sua pele ficava ainda mais bonita, adquirindo uma cor “de cuia”, segundo os moradores do local.

Sempre que surgia oportunidade, em meio a compromissos profissionais e sociais, a família Alexander refugiava-se em sua exótica casa na floresta, na qual Anthony havia passado grande parte de sua infância, seguindo os passos de seu pai, que era botânico, e mesmo sem norte-americano, havia residido ali durante grande parte de sua vida.

Era uma casa de dois pisos, grande e confortável, situada em uma pequena clareira e toda cercada por uma varanda coberta. Continha na parte de baixo, além da cozinha, banheiro e de uma enorme sala de estar, uma biblioteca, onde Sarah e Anthony guardavam seus achados literários, e uma sala de ginástica completa. No andar de cima, ficavam os quatro quartos e outros dois banheiros. Todas as aberturas eram protegidas por telas, que evitavam, com sucesso, a entrada de insetos. Havia também na casa, todos os eletrodomésticos comuns a casas de cidade, um gerador de energia, dois computadores pessoais, um rádio amador e um telefone celular de longo alcance, pois as linhas telefônicas convencionais ainda não haviam chegado até o local. Em todas as peças haviam ventiladores de teto, para

amenizar o calor tropical. Alguns destes confortos tinham sido acrescentados à casa por Anthony, após herdá-la do pai.

A família não costumava ter empregados enquanto permanecia na casa. O serviço doméstico era dividido entre todos os presentes. Quando não a estavam utilizando, a casa era habitada por um casal de nativos, que morava na cidade de Manaus.

Sarah não se importava muito de estar na selva. Como era romancista, havendo uma sala silenciosa e uma tomada para ligar seu computador portátil, desligava-se do mundo exterior. Sentia-se à vontade em qualquer lugar do mundo, pois o fato de seu marido ser embaixador, nunca permitiu que a família residisse por muito tempo em um mesmo país. Além disso, sua casa ficava a apenas uma hora de carro de Manaus, a capital do estado do Amazonas, no norte do Brasil, cidade de onde podiam ir a qualquer lugar do mundo através do aeroporto internacional Eduardo Gomes.

Sarah divertia-se muito ao conversar com algumas esposas de diplomatas ou com colegas escritores em congressos e conferências, que, nunca tendo saído do hemisfério norte do planeta, ainda acreditavam que os países do hemisfério sul eram povoados somente por índios e não possuíam a tecnologia existente no primeiro mundo.

Anthony era realizado em sua profissão, e sempre participava ativamente das negociações que envolviam seu país, os Estados Unidos da América, com o país onde estava desempenhando suas funções diplomáticas. Já havia atuado no Brasil, Argentina, Angola e Venezuela. Atualmente, residia na Colômbia, país onde estava negociando a participação do exército americano no combate ao narcotráfico, tendo apenas Sarah em sua companhia. Porém, em suas férias e folgas, desligava-se totalmente dos problemas inerentes a sua profissão, e somente seus assessores diretos sabiam onde se encontrava. No entanto estes tinham ordens expressas de só interrompê-las em caso de extrema necessidade. A floresta Amazônica era seu verdadeiro lar.

Toda a família falava fluentemente inglês, português e espanhol. Inglês era sua língua nativa, e, aproveitando-se do fato de sempre terem morado em países das últimas duas línguas, Sarah sempre havia procurado colocar os filhos em escolas freqüentadas por nativos, onde seu aprendizado era feito na língua oficial do país. Sarah evitava as escolas especiais para estrangeiros, onde as aulas eram administradas em inglês, por entender que quanto mais línguas e costumes diferentes seus filhos adquirissem, mais facilidades estes teriam na vida. Além disso, durante o tempo em que os filhos moraram com o casal, Sarah estabeleceu um rodízio de idiomas dentro de casa. Cada semana falavam em apenas uma das três línguas, para não perder a prática.

Sarah, após preparar o café da manhã, pegou o romance que estava lendo e sentou-se na varanda para aguardar seus parceiros de refeição. Gostava muito de ler neste local, pois além de soprar permanentemente uma brisa agradável, a cadeira em que se sentava era uma antiga e confortável cadeira de balanço que havia pertencido à avó de Anthony. Ficou absorta com a leitura do livro, que já estava nos últimos capítulos, e não percebeu o tempo passar. A chegada de Anthony e Carolina era a senha para que parasse de ler.

Quando seu estômago roncou, avisando que já havia passado a hora do desjejum, olhou em seu relógio de pulso.

- Quase dez horas! - exclamou para si mesma. - Onde se meteram aqueles dois? - *com certeza encontraram alguma nova planta e a estão estudando para enriquecer ainda mais seus conhecimentos sobre a selva*, pensou.

Sarah largou seu livro no chão da varanda, levantou-se e ficou por algum tempo contemplando uma das trilhas que saía de sua casa em direção à selva, da qual os dois sempre

voltavam de sua caminhada. Não os avistando, resolveu saciar sua fome, desta vez sem companhia.

Enquanto comia, Sarah pensava em como solucionar o problema que estavam enfrentando. Estava muito preocupada, pois os últimos dias haviam sido demasiadamente tensos para toda a família. O motivo de sua preocupação era Martin, que estava decidido a fazer uma longa viagem, juntamente com amigos, para a Europa. Não havia recebido autorização nem ajuda financeira do pai, que já estava farto de seu desinteresse pelos estudos.

Sarah entendia o desejo de Martin, pois em todos estes anos, acompanhando as mudanças dos pais através dos diversos países onde haviam morado, este nunca tinha tido a oportunidade de conhecer o velho mundo. Sempre haviam estado em países menos desenvolvidos, onde Anthony acreditava ser mais útil ao seu governo. Porém, ela também não estava gostando muito da forma desinteressada com que seu filho encaminhava o próprio futuro.

Carolina apoiou a decisão do pai, fato que causou um constrangimento ainda maior na família. Os irmãos desentediavam-se algumas vezes, principalmente pelo fato de terem personalidades muito diferentes, Carolina passava a maior parte do seu tempo estudando e sonhava em seguir a mesma profissão do pai. Martin passava seu tempo divertindo-se com amigos, e não estava se saindo muito bem em sua faculdade de engenharia mecânica. Os dois moravam juntos há cerca de três anos em um apartamento em Nova Iorque, mas cada um tinha seu próprio grupo de amigos.

Durante as últimas discussões haviam sido trocadas algumas palavras demasiadamente ásperas entre pai e filho. Sarah pedia calma a todos a fim de evitar uma desagregação maior na família, que até pouco tempo tinha sido muito unida.

Martin tinha também algumas mágoas em relação ao pai da época de sua infância. Na época, achava que este trabalhava demais e havia lhe despendido pouca atenção, fato que Sarah, sempre que pôde, procurou remediar. Passara a maior parte de seu dia na companhia dos filhos, deixando para dedicar-se à sua profissão nos horários em que estes estavam na escola ou tinham seus próprios compromissos.

Anthony era um bom pai, adorava os filhos, mas tinha um senso de responsabilidade muito grande em relação ao seu trabalho, tendo por diversas vezes adiado ou faltado à compromissos familiares por causa de reuniões de última hora.

Absorvida em seus pensamentos, Sarah resolveu dar uma caminhada para ver se encontrava os dois. Havia várias trilhas que partiam de sua casa, e quase todas elas se cruzavam em algum lugar, junto às margens do rio Negro. O que diferenciava uma da outra era a distância a percorrer e os obstáculos do caminho. As trilhas mais utilizadas eram mais limpas. Para percorrer as menos utilizadas era preciso abrir caminho entre as folhas e galhos que as invadiam.

Seguindo sempre as trilhas mais utilizadas, Sarah os procurou nos locais por onde costumavam passar. Como não os encontrou, decidiu ir até a casa de Pedro, o vizinho mais próximo, para ver se estavam lá. Pedro morava a cerca de quinze minutos de caminhada através da trilha que unia as duas casas.

A cabana estava deserta.

- Pedro deve estar pescando. - murmurou, ao não enxergar o barco do vizinho, que sempre estava ancorado à beira do rio Negro, que margeava a casa.

Pedro era um velho seringueiro que morava sozinho há muitos anos. Na infância de Anthony, tinha sido um segundo pai. Havia lhe dado muitas lições sobre a selva e como viver nela. Vivia exclusivamente da extração vegetal e era um exemplo perfeito de como explorar a

natureza sem maltratá-la. Quando o pai de Anthony estava muito ocupado para lhe dar atenção, este sempre ia à casa do amigo para escutar suas histórias.

Pedro, que na época era um jovem cheio de energia, por várias vezes embrenhou-se na mata levando Anthony em sua companhia. Anthony por vezes precisou ser carregado pelo companheiro no regresso ao lar, de tão cansado das aventuras. Quando isso acontecia, o pai de Anthony, preocupado, repreendia solenemente o amigo, que dava de ombros e voltava a repetir a façanha dias depois. Estas aventuras renderam a Anthony um enorme conhecimento sobre a selva.

Onze horas da manhã. Sarah, já angustiada, retornou a sua casa, na certeza de que havia tomado uma trilha diferente da utilizada por Anthony e Carolina, e que estes já estariam em casa à esperá-la. A essa altura, Sarah caminhava numa velocidade muito acelerada, quase correndo.

- Duque! - gritou, chamando pelo cão de estimação da família, que sempre acompanhava as caminhadas de seu marido.

Duque era um cachorro da raça labrador, muito apegado à Anthony e com ouvidos muito sensíveis. Se estivessem por perto, com certeza ela seria escutada.

Sarah seguiu agindo desta forma, até chegar em casa. Não a estavam esperando, como havia imaginado. Entrou em casa, ainda chamando, às vezes por Anthony, às vezes por Carolina, ou ainda por Duque. Continuou sem obter nenhuma resposta. Bastante assustada, foi até o quarto de Martin solicitar ajuda para encontrá-los. Quando abriu a porta do quarto do filho, um calafrio de pavor percorreu sua espinha. A cama de Martin estava arrumada, sinal de que ele não havia dormido em casa.

Capítulo Dois

Atordoada, e sem entender exatamente o que estava acontecendo, Sarah usou o rádio amador para pedir socorro. Comunicou-se com os integrantes do posto da guarda florestal mais próxima, aonde tinham alguns amigos. O posto ficava no caminho que separava a casa dos Alexander de Manaus, e Anthony tinha por hábito descer do carro para conversar com os guardas, sempre que lá passava. Também visitavam-nos, freqüentemente para conversar e preencher um pouco a solidão da selva.

Cerca de vinte minutos depois, o tempo suficiente para percorrer a distância que separava o posto da polícia florestal da residência dos Alexander de jipe, chegaram os primeiros policiais em seu auxílio.

- Alguma novidade? - perguntou imediatamente, Ricardo Santini, o chefe da polícia florestal e antigo amigo da família, ainda sentado ao volante do veículo.

- Nenhuma. - respondeu Sarah, aflita.

- Não se preocupe, logo eles aparecerão com uma boa explicação! - Ricardo tentou acalmá-la, enquanto desembarcava.

Os policiais que o acompanhavam, também desceram do jipe colocando-se à volta de Sarah. Eram quatro ao todo.

- Estou tentando manter-me calma, Ricardo. Mas o que poderá ter acontecido?

- Já vamos descobrir! - confortou-a com um longo abraço.

Por volta das duas horas da tarde, após uma breve busca nos arredores, e sem que os três houvessem retornado, Ricardo resolveu pedir ajuda ao batalhão do exército que atuava na selva.

As quatro horas da tarde chegaram várias tropas do exército especializadas em buscas e sobrevivência na mata. Ao todo eram três caminhões que traziam, em sua carroceria, cerca de sessenta soldados. À frente vinha um jipe com um oficial que comandava o grupo. Rapidamente os militares procuraram inteirar-se sobre os hábitos da família, além de outras pistas que pudessem ajudar nas buscas. Sarah tentava lembrar-se em que outros lugares, ainda não procurados, eles poderiam ser encontrados.

Sob o comando do coronel Carlos Peterson, o exército imediatamente iniciou uma varredura na redondeza. Os soldados formaram uma linha e partiram na direção do rio Negro pelas trilhas onde Anthony costumava caminhar com sua filha. Nesta região a mata não era muito espessa, tornando possível ter uma visão bastante ampla, em todas as direções. Sarah guiava-os, sempre acompanhada por Ricardo. Ao chegarem à uma grande estufa, Sarah comunicou ao coronel:

- Aqui Anthony costuma passar a maior parte de seu tempo. Quando quero encontrá-lo, é aqui que procuro primeiro.

- Já os procurou aqui hoje? - perguntou o coronel.

- É claro! Chamei-os por toda a volta. Estão acompanhados por nosso cão, que certamente teria me escutado.

- Examinem o local! - ordenou o coronel Peterson. - Eles costumam ir mais adiante em suas caminhadas, senhora?

- Algumas vezes... Mas geralmente aqui é seu ponto de retorno. Adiante a mata começa a ficar muito densa. Somente pessoas com bastante experiência costumam aventurar-se. Anthony, quando se aventura, não costuma levar Carolina, e muito menos Martin, que é totalmente avesso à selva.

- A senhora tem certeza que eles não saíram para pescar, ou talvez para alguma expedição mais prolongada? Pode ser que tenham lhe avisado há alguns dias e a senhora tenha esquecido... Soube, através de Santini, que são amigos de um antigo morador do local.

- Tenho absoluta certeza que aconteceu alguma coisa, coronel! Meu marido nunca deixaria de me avisar caso pretendesse ausentar-se por um período prolongado. Ademais, como eu poderia me esquecer se ele houvesse me avisado?

- A senhora não está de aniversário? Hoje não é alguma data especial para que estejam lhe pregando uma peça?

- Minha família não costuma fazer brincadeiras de mau gosto, coronel! - exclamou, já com uma certa impaciência.

- Desculpe-me se lhe aborreço, senhora Sarah, mas precisamos analisar todas as possibilidades. Devemos estar atentos a tudo que possa contribuir com as nossas buscas.

Sarah arrependeu-se por ter sido tão agressiva em sua resposta.

- Entendo sua posição, coronel, mas por favor, acredite em mim. Devemos procurá-los, estão precisando de nossa ajuda!

- Já entrou em contato com alguém na cidade, para saber se não estiveram por lá?

- A guarda florestal está encarregada disso. - intrometeu-se Ricardo, que acompanhava a conversa. - Seremos imediatamente informados caso surja qualquer novidade da cidade. Além disso, nenhum veículo passou desde ontem à noite por nosso posto, que fica no único caminho para a cidade.

- Coronel... pessoal! - gritou um soldado de dentro da estufa. - Vejam isto!

Antes que o coronel Peterson pudesse alcançar a estufa, Sarah, que estava mais afastada desta, ultrapassou-o correndo e adentrou-a.

O soldado que os havia chamado estava bem no fundo da estufa, que era bem comprida. Durante sua corrida até o local, pareceu a Sarah que esta distância era maior ainda. A visão que teve, ao chegar ao lado do soldado, deixou-a aterrorizada. Duque estava deitado no chão, completamente imóvel.

- Duque! - gritou Sarah, jogando-se ao chão e abraçando seu animal de estimação.

O cão permaneceu imóvel.

- Está morto? - indagou atônita, com os olhos cheios d'água.

- Estou sentindo a pulsação dele, senhora... O coração ainda bate, mas estou verificando porque está assim. - respondeu o soldado, enquanto apalpava o pescoço de Duque.

- Então ele ficará bem?

- Não sei. Ele pode ter sido envenenado ou estar ferido. É o que vamos descobrir agora.

Outro soldado chegou trazendo uma maleta de primeiros socorros.

- Encontrei isto junto dele. - disse o soldado que havia encontrado Duque, alcançando um papel dobrado à Sarah, que, trêmula, e com o coração acelerado, abriu-o. Recebeu então o maior choque do dia. Sentiu o mundo desabar sob seus pés. Sem acreditar no que havia acabado de ler, alcançou o bilhete para o coronel Peterson, que já havia chegado ao local e estava em pé ao seu lado. Peterson imediatamente pôs-se a lê-lo.

"Oi mamãe,

Não se preocupe conosco, estamos bem!

Peço perdão pelo que você vai ler agora, mas estou desesperado para obter dinheiro para minha viagem e não me restou outra alternativa, senão manter em cativeiro papai e Carolina até que você me dê a quantia de que preciso.

Esteja certa que não farei mal algum aos dois.

Por favor, não avise ninguém do acontecido, pois não seria bom nem para mim nem para o papai.

Assim que estivermos em um local seguro, entro em contato contigo para combinarmos o resgate.

Te amo muito e espero que seja capaz de me perdoar.

Um beijo,

Martin Turman Alexander"

- Isso é possível? - perguntou o coronel, após uma rápida leitura.

- Não sei. - balbuciou Sarah, em estado de choque.

- Provavelmente estejam lhe pregando alguma peça! - exclamou Ricardo assustado, já com o bilhete em sua mão.

Sarah, completamente inerte, fitava o vazio, enquanto as lágrimas escorriam por sua face. Não ouviu o comentário do amigo.

- Senhora Sarah, precisamos conversar! - exclamou o coronel Peterson, abaixando-se para ampará-la.

O coronel colocou-a em pé e passou o braço pelas suas costas, segurando-a pela cintura. Ricardo colocou-se do outro lado de Sarah e agarrou-a pelo braço, mais como um conforto do que como ajuda física, pois o coronel podia perfeitamente carregá-la sozinho.

- Vamos ter calma! - completou Ricardo. Contudo, sua afirmação não combinava com sua expressão transtornada.

Os dois homens ampararam Sarah até a saída da estufa, para que pudesse respirar melhor. Ajudaram-na a sentar-se em uma pedra à frente desta, e postaram-se, em pé, à sua frente, como se estivessem preparados para segurá-la, caso voltasse a perder suas forças.

- Por favor, alguém traga um pouco de água. - pediu Ricardo.

Um soldado trouxe um cantil d'água, que Ricardo segurou ao alcance dos lábios de Sarah. Esta sorveu apenas alguns pequenos goles, muito lentamente.

- A senhora acredita que esta história possa ser verdadeira? - indagou em tom firme novamente o coronel Peterson, observando que Sarah já estava se recuperando do susto.

- Não! - respondeu ela, ainda atônita.

- Seu filho seria capaz de uma atitude destas?

- Acredito que não. Apesar de... - interrompeu-se Sarah, arrependida de ter começado a falar.

- Apesar de... - interessou-se o amigo Ricardo.

- Apesar de nada. - apressou-se Sarah - Acho que se trata realmente de uma brincadeira! - desconversou.

Sarah olhava para os lados, como se evitasse encarar os dois homens ainda postados a sua frente.

- Senhora Sarah, não estamos aqui para brincadeiras! - retrucou o coronel, duramente, mas procurando manter-se calmo. - Se for um seqüestro, precisamos avisar a polícia federal.

- Se algo está acontecendo, por favor nos diga, para que possamos ajudá-los. - completou Ricardo.

Ela se limitava a escutá-los, sem nada dizer. Sua cabeça fervilhava de dúvidas. *Seria Martin capaz de tal ato? Não, seu filho, apesar das discussões dos últimos dias, nunca faria mal à própria família... Mas onde eles estariam?*

- Senhora Alexander? - chamou-a à realidade o coronel.

- Ajude-nos a ajudá-la. - disse Ricardo, trazendo-a definitivamente de volta à realidade.

- Está bem... - balbuciou Sarah, que após tomar um pouco de fôlego, continuou, já com a voz mais firme. - Ricardo... Você sabe alguma coisa sobre Martin querer viajar à Europa?

Encarou, finalmente, o amigo de frente.

- Sim, Anthony tem me falado sobre isso algumas vezes. Está muito aborrecido.

- Pois bem. Os últimos dias têm sido muito difíceis para nós. Martin anda distante... Ele e o pai têm discutido muito por causa desta viagem.

- Porquê? - perguntou o coronel, tentando inteirar-se sobre o assunto tanto quanto o guarda florestal.

- Anthony condicionou sua autorização a Martin continuar cursando a faculdade e ainda procurar um trabalho antes de viajar. Acha que esta viagem deve ficar para mais tarde. Também quer que ele se afaste de suas atuais companhias... Martin anda muito estranho ultimamente, e não aceita a interferência do pai na sua vida.

- Mas a situação é tão séria? - indagou Ricardo.

- Não acreditava que fosse até este momento. Agora já não estou tão certa disso.

- Vou comunicar a polícia federal agora mesmo! - anunciou o coronel Peterson. - Enquanto isso, vamos continuar as buscas imediatamente, pois se partiram esta manhã, andando pela selva, não podem estar muito longe ainda. - o coronel voltou-se para Ricardo Santini. - Acha que Martin pode fazer algum mal ao pai e a irmã, caso os encontrarmos?

- Se esta história for verdadeira, não acredito que Martin esteja sozinho! - exclamou Ricardo. - Não seria fácil para ele dominar o pai e a irmã, pois além de ser mais forte que ele, o pai conhece a selva como poucos, enquanto Martin é como um peixe fora d'água.

- Não importa quem esteja metido nisso, o que importa é que quanto antes recommencarmos as buscas, maiores serão as chances de encontrá-los. - afirmou o coronel. - Vamos varrer toda a redondeza. Vou solicitar a ajuda de todos os helicópteros e barcos que tivermos disponíveis no momento.

- Boas notícias! - disse um soldado vindo de dentro da estufa. - O cachorro está apenas sedado. Ficará bem.

Os três viraram-se para a porta da estufa, onde puderam ver Duque sendo carregado nos braços do soldado que saía. Sarah experimentou o primeiro alívio do dia. Toda família adorava muito aquele cachorro, principalmente Anthony.

- Quero pedir-lhe um favor, coronel. - disse Sarah.

- Que favor, senhora?

- Gostaria de manter tudo isso em sigilo, por enquanto.

- Isso a senhora nem precisava ter-me pedido. Pode ter certeza que nenhum soldado de meu pelotão cometerá alguma indiscrição.

- Se esta loucura realmente estiver acontecendo, a carreira de meu marido poderia ser muito prejudicada.

- Apenas preciso alertá-la de uma coisa, senhora... Se o seu filho realmente seqüestrou seu marido e sua filha, sob os olhos da lei do nosso país, é um criminoso sujeito a suas penas.

Sarah baixou os olhos.

- Entendo, coronel... – e voltando à fitá-lo. - Mas isso não me importa no momento. A única coisa que quero agora é ter a minha família de volta sã e salva.

- Faremos o possível para ajudá-la! - exclamou o coronel.

Capítulo Três

Sarah participou ativamente das buscas organizadas pelo coronel Peterson, sempre acompanhada por Ricardo. Ao final do dia, quando a escuridão começou a tomar conta da floresta e o grupo resolveu voltar, Sarah começou a sentir um vazio desesperador em seu peito. Não podia acreditar no que estava acontecendo: seu marido e sua filha eram reféns de seu próprio filho! O caminho de volta a sua casa foi muito penoso.

- Vamos montar um acampamento aqui ao lado da casa, onde é mais apropriado. - avisou Ricardo. - Assim que raiar o dia recomeçaremos as buscas.

Os dois estavam agachados na varanda da casa, ao lado de Duque, que já havia acordado mas continuava deitado, ainda sob efeito do sedativo.

- Tomei a liberdade de pedir a Carmem para lhe fazer companhia esta noite. - continuou Ricardo.

- Sua esposa precisa estar com seus filhos, Ricardo. Eu posso me arranjar sozinha. - respondeu Sarah.

- Não se preocupe com isso.

Ricardo levantou-se, indo participar da montagem do acampamento. Teriam uma longa noite pela frente.

Ao entrar em casa Sarah percebeu que realmente precisava de companhia, pois seria insuportável passar a noite sozinha lá dentro. Olhou para a escada, que levava até o andar de cima, como se esperasse que alguém descesse correndo para recebê-la. Desejou ardentemente que tudo se tratasse de uma brincadeira de mau gosto.

Pouco tempo depois chegou um jipe da polícia florestal trazendo Carmem, a esposa de Ricardo. Sarah correu para abraçá-la assim que a viu descendo do jipe. Quando aninhou-se nesta, a mulher calma e forte, que tinha se mantido firme até então, relaxou e pôs-se a chorar copiosamente sem conseguir dizer uma só palavra.

- Tudo bem minha amiga, chore para aliviar a tensão. - tentou confortá-la Carmem, apertando-a contra seu peito.

- Não consigo aceitar o que está acontecendo, Carmem.

- Eles estão bem... Martin nunca lhes faria mal algum.

- Espero que os que o acompanham também ajam assim.

- Depois falamos sobre isso, agora vamos entrar.. Vou preparar-lhe um banho. Você está toda arranhada. Precisamos limpar seus machucados.

Somente neste momento, Sarah percebeu que não tivera tempo nem de trocar a roupa que estava usando quando saiu para procurá-los pela manhã. Usava um vestido sem mangas e uma sandália, e as buscas pelos lugares mais espessos da mata tinham produzido arranhões pelos seus braços e pernas. Alguns eram superficiais, porém de outros havia brotado bastante sangue, o que denunciava que tinham sido mais profundos. Percebeu então, que estava com o corpo todo dolorido.

As buscas recomeçaram ao amanhecer do novo dia, agora com a participação da polícia federal brasileira, já inteirada do caso. Helicópteros e lanchas da polícia e do exército circulavam sem cessar. Também estavam a caminho agentes do F.B.I., autorizados pelo governo brasileiro a participar das investigações, pois além de ser um cidadão americano, Anthony era um dos embaixadores mais importantes para o atual governo de seu país.

Alguns agentes da polícia federal brasileira foram participar das buscas, enquanto outros ficaram na casa fazendo uma bateria de perguntas para Sarah, sempre amparada por Carmem. Os agentes também fizeram uma revista geral na casa em busca de evidências que pudessem ajudar a esclarecer o caso.

- Alguma coisa que gostaria ainda de nos dizer sobre Martin? - indagou, dirigindo-se a Sarah, o agente da polícia federal encarregado do caso.

O agente descia a escada, vindo do quarto de Martin. Sarah estava sentada no sofá da sala, tendo Carmem ao seu lado.

- Acho que já disse tudo o que sabia. - respondeu exausta, após uma noite inteira sem dormir, apesar dos calmantes ingerido a pedido da amiga.

- E o resgate? - indagou o agente.

- Tudo o que sei é o que estava escrito no bilhete, que o valor e a forma de pagamento seriam informados em um contato posterior. Você já o tem em mãos.

O agente sentou-se em um sofá que o permitia ficar frente a frente com a entrevistada e a encarou.

- E ele ainda não entrou em contato?

Sarah se irritou.

- Acho que já lhe respondi isso.

- Parece-me que seu filho está querendo ganhar tempo, senhora. Tem certeza que não sabe o paradeiro dele?

- Absoluta.

Sarah demonstrava toda a sua impaciência com as perguntas repetitivas do agente.

- Por favor, não nos esconda nada para proteger seu filho, pois poderá estar pondo em risco a vida de seu marido e de sua filha. - disse este.

- O senhor pode estar certo que sou a maior interessada em resolver logo esta situação.

- E a senhora pode estar certa que estamos aqui apenas para ajudá-la... Neste momento eu preferia estar confortavelmente sentado atrás de minha escrivaninha.

Sarah arrependeu-se de ter sido tão rude. Estava descontando sua angústia em cima das pessoas que vinham para ajudá-la. Por outro lado, temia por Martin. Seu filho poderia ser preso ou até mesmo morto num confronto com a polícia ou com o exército.

- Desculpe-me se estou sendo indelicada, mas estou muito nervosa.

O agente fez um gesto de aceitação do pedido de desculpas, balançando levemente suas mãos voltadas para a frente.

- Sei disso, senhora... Mas peço mais uma vez que confie em nós. Não estamos aqui para prejudicá-la.

Pedro, o vizinho mais próximo, assim que soube do ocorrido, foi ao encontro de Sarah. Assustou-se ao encontrá-la tão desesperada.

- Estranho muito o acontecido, dona Sarah. - disse-lhe. - Anthony conhece muito bem a selva, enquanto que Martin nunca teve nenhum interesse por esta, não a conhece direito, e seria muito difícil para ele ocultar duas pessoas na redondeza sem serem encontrados.

Pedro, por haver conhecido Sarah já adulta, esposa de Anthony, sempre a tratava de uma maneira formal, esta já havia desistido de insistir que ele a tratasse mais informalmente.

- Martin não está sozinho, conta com a ajuda de outras pessoas! - afirmou Sarah.

Pedro ficou ainda mais surpreso. Os dois conversaram por algum tempo sobre os acontecimentos dos últimos dias. Pedro sabia do conflito que pai e filho estavam travando, e, como de costume, já havia até dado seus conselhos para o amigo durante as conversas que

havam tido sobre o assunto. Sarah contou-lhe sobre o bilhete e das pistas que já haviam conseguido durante as buscas do dia anterior na estufa e arredores.

Ao despedir-se de Sarah, Pedro declarou:

- Vou procurá-los, dona Sarah! A senhora pode ter certeza de uma coisa: se estiverem dentro da mata, eu os encontrarei e os trarei sãos e salvos!

- Você é minha maior esperança de encontrá-los. - confidenciou Sarah, após um longo abraço no melhor amigo de seu marido.

Pedro colocou-se imediatamente em ação, utilizando toda a sua experiência de habitante da selva na tentativa de encontrá-los. Já no primeiro dia, antes que as pistas pudessem ser destruídas pelas expedições, tratou de segui-las até onde pôde. Contou com pegadas na lama, galhos quebrados, folhas arrancadas, marcas em troncos de árvores, e tudo o mais que registrasse a passagem de alguém através da mata. Marcou, à beira do rio Negro, até onde conseguiu seguir pistas precisas. Tomou este lugar como ponto de partida para novas expedições. Quando seguia em uma direção e esta não o conduzia a nenhuma nova pista, retornava ao ponto de partida e recomeçava sua busca em outra direção. Após alguns dias, começou a enfrentar um novo problema. Os grupos de busca destruíram qualquer pista que ainda pudesse restar ao fazerem arrastões pela floresta. Como não podia mais seguir o caminho tomado pelo amigo, resolveu colocar em prática outra forma de busca muito usada na mata. A partir de uma linha perpendicular ao rio, começou a fazer setas esculpidas nos troncos das árvores mais frondosas apontando na direção deste. Em baixo das setas, esculpia a letra "N". Tinha certeza de que se Anthony conseguisse encontrar alguma destas marcas, entenderia seu significado.

De todos os ensinamentos que transmitira ao amigo a respeito da mata, dois deles eram de fundamental importância para pessoas perdidas. O primeiro era que sempre registrasse sua passagem com marcas nas árvores. Anthony não estava fazendo isso, ou por estar impossibilitado de fazê-lo, ou por não estar mais na mata. O segundo era que sempre prestasse atenção aos barulhos da mata, quando ouvisse um rio deveria procurar pela sua margem, e ao encontrá-la, acompanhá-la sempre. Com isso evitaria andar em círculos e sempre chegaria a algum lugar.

A certeza de que o amigo não esquecera seus ensinamentos fazia-o continuar a marcar as árvores em linha, desde o rio Negro, até que este não pudesse ser escutado por um bom tempo. Avançava alguns quilômetros à frente margeando o rio e repetia a operação. Executou esta tarefa por muitos dias.

Para saber se seus amigos já haviam sido localizados, retornava pelo rio em seu barco até encontrar outros participantes das buscas. Como as notícias continuavam sendo negativas, voltava à tarefa a que tinha se proposto. Durante todo este tempo, nunca mais se encontrou com Sarah.

Foram vários dias de buscas infrutíferas para todos. Ricardo, que era quem mais acompanhava Sarah, estava arrasado. A cada dia que retornavam sem respostas, ficava sem saber o que dizer ou fazer para aliviar o sofrimento da amiga.

Paralelamente às buscas da polícia federal brasileira, seus colegas do F.B.I. investigavam o campus universitário onde Martin estudava e o bairro onde morava na cidade de Nova Iorque.

Para aumentar o desespero de Sarah, as notícias vindas dos EUA também não eram boas. Seu filho estava freqüentando lugares tidos como suspeitos para a polícia americana, e

estava andando em companhia de algumas pessoas com ocorrências policiais por porte de tóxicos, ou com históricos de atos considerados subversivos pelo governo.

- Em que exatamente Martin está metido? - Sarah perguntou a um agente do F.B.I.

Estavam embrenhados no meio do mato, em mais um dia de buscas.

- Tudo o que sabemos até agora, senhora, é que ele não deve estar sozinho, pois assim como ele, dois outros amigos seus também partiram de Nova Iorque com destino ao Brasil.

- Que tipo de amigos?

- Colegas da universidade.

- E vocês acham possível que três acadêmicos, saídos de uma grande cidade, possam estar escondendo Anthony e Carolina no meio da selva?

- Nosso trabalho não é de fazer suposições, senhora. Por enquanto, estamos fazendo tudo o que é possível para encontrá-los.

Passavam-se os dias sem que houvesse nenhuma novidade. O F.B.I., estranhamente, não mais recebia apoio político do governo americano para continuar participando das investigações. Sarah procurou o governo de seu país de origem em busca de apoio.

- Estamos fazendo o possível para ajudar Alexander. - respondeu um alto funcionário da Casa Branca ao telefone. - A senhora sabe disso... Entretanto, o desaparecimento deles aconteceu fora de nossa jurisdição. Agora, tudo o que podemos fazer é esperar e torcer pela polícia brasileira.

- Por favor, ajudem-nos! - implorou ela. - Se não é por humanidade, pelo menos o façam em consideração a um cidadão americano que dedica a sua vida a servir o seu país.

- Acredite em mim, senhora Alexander. Estamos fazendo tudo que está ao nosso alcance para ajudá-los. - concluiu a conversa o funcionário.

Sarah, inconformada, não podia acreditar que além de ter perdido toda a sua família, o governo de seu país parecia dar-lhe as costas.

Dia vinte de junho, após dezesseis dias de buscas frustradas, o exército brasileiro retirou-se do caso, pois tinha a convicção que as pessoas desaparecidas não se encontravam mais na mata. A polícia brasileira continuava com suas investigações, mas não aparecia nenhum fato novo que viesse a contribuir com o seu esclarecimento.

Vinte de julho, trinta dias após o encerramento das buscas pelo exército, não havendo nenhum pedido de resgate, a polícia passou a tratar o caso como desaparecimento das três pessoas, já que não surgiam pistas nem evidências, além do bilhete encontrado junto ao cachorro da família, que indicassem para um caso de seqüestro.

Sarah foi a Brasília, onde, acompanhada do embaixador americano no Brasil, conseguiu uma audiência com o Ministro da Justiça, com quem tentou a continuidade das buscas.

- Serei muito franco com a senhora. - afirmou o ministro. - Desde o desaparecimento de sua família, estive em contato permanente com o superintendente da polícia federal, para me manter informado da situação. A última informação que obtive é que a polícia não acredita mais que eles estejam na selva, pelo menos nos arredores de sua casa, onde cada pedaço de mata foi vasculhado.

- Mas... Não seria possível procurá-los em todo o país?

- Isto já está sendo feito, senhora Alexander. Sempre que alguém desaparece, imediatamente toda a polícia do país é informada.

- E eles são procurados?

- Na medida do possível... Não podemos colocar toda a nossa polícia na busca de sua família. Se eu colocar na sua frente a lista de pessoas atualmente desaparecidas, a senhora levará um susto. Nosso país é muito extenso e não há dia em que não hajam inúmeros novos casos de pessoas seqüestradas ou desaparecidas.

- Mas eu estou desesperada, senhor! Perdi toda a minha família! - exclamou, sem poder conter a emoção.

- Prometo-lhe uma coisa, senhora. - afirmou o ministro, consternado com a situação em que Sarah se encontrava. - Se houver qualquer fato novo ou qualquer pista que nos leve até eles, não pouparemos esforços em ajudá-la.

De volta à floresta, Sarah resolveu não mais esperar pela ajuda dos dois governos.

- Ajude-me a contratar um grupo de busca. - pediu a Ricardo. - Quero continuar a procurá-los!

- Eu compreendo sua dor, minha amiga, mas o exército já foi auxiliado pelos nativos. Além disso, seu pessoal é treinado para buscas na mata.

- Mas eu nunca vou desistir de encontrá-los!

- Escute-me, Sarah... A polícia não acredita mais que eles estejam na mata.

- Mas, se estão na cidade, porque não estabelecem contato conosco? Eles não podem ser tratados como desaparecidos. E o bilhete que Martin me deixou?

- Sarah... Acho que devemos nos preparar para o pior.

- Nunca se está preparado para perder toda a família de uma única vez... Como posso viver o resto de meus dias se abrir mão deles?

- Eu não gostaria nem de estar pensando nisso, Sarah... Mas pode ter acontecido algum acidente dentro da mata enquanto Martin tentava escondê-los. Você sabe melhor do que eu, que Martin não tem experiência na mata. E esta é cheia de surpresas.

- Não acredito nisso, Ricardo! Se estivessem mortos já teríamos achado seus corpos.

Ricardo silenciou.

- E então, vai me ajudar? Ou terei que providenciar tudo sozinha?

Ricardo refletiu por algum tempo.

- Está bem... vou ajudá-la. - respondeu resignado. - Pedro também poderia nos ajudar a formar o grupo.

- Ele já está nos ajudando. Não tem feito outra coisa senão isto.

- De que forma?

- Não o tenho visto, mas disseram-me que entrou na mata e não mais voltou, apenas aparece algumas vezes em busca de informações. Preferiu procurá-los sozinho, pois acha que as companhias somente poderiam atrapalhá-lo...

- Será que encontrou alguma pista?

Sarah deixou a pergunta de Ricardo sem resposta. *Quem dera Pedro tivesse pistas que pudessem nos ajudar a localizá-los*, pensou.

Contratado o grupo, foram muitos dias de buscas. Nem as chuvas torrenciais, que costumam cair em florestas tropicais, impediam a saída das expedições, que por vezes ficavam vários dias sem retornar à base. Infelizmente todas elas estavam sendo infrutíferas. Sarah, sempre presente, já se alimentava muito pouco e estava ficando fraca, correndo o risco de

contrair alguma doença tropical. Já não chorava mais sua perda. Os dias e noites embrenhados na mata tinham-na tornado mais dura. Só tinha uma palavra em sua mente: encontrá-los. Quando retornava a sua casa para descansar, encontrava-a sempre limpa e arrumada por Carmem, que entre seus próprios afazeres, sempre encontrava alguns dias na semana para ir até a casa da amiga.

Vinte e dois de outubro, amanhecer. Sarah, que nunca perdia suas esperanças, estava deitada no chão da varanda de sua casa enquanto esperava o grupo de buscas aprontar-se para uma nova investida pela selva. Afagava Duque, que, prostrado desde o desaparecimento de seu dono, passava a maior parte do dia deitado na soleira da porta da casa, como se estivesse a esperá-lo. Repentinamente, Duque colocou-se de pé e começou a correr na direção de uma das trilhas que saíam da mata. Sarah, surpreendida, olhou na direção em que o cão corria. Quase desfaleceu ao reconhecer as três pessoas, que saindo da trilha e já no início da clareira, dirigiam-se à casa. Anthony vinha à frente. Pedro vinha mais atrás, carregando Carolina em seus braços. Sarah, gritando e chorando de alegria, partiu correndo atrás de Duque, que já havia alcançado Anthony.

- Você os encontrou! - gritava. - Você os encontrou!

Quando, finalmente, alcançou Anthony, quase perdeu os sentidos, tomada pela emoção, acrescida do esforço da corrida desenfreada.

- Aonde vocês estavam? - foi tudo o que lhe ocorreu perguntar, apesar disso não ter a mínima importância no momento.

Anthony a amparou, continuando a ser assediado, incessantemente, por Duque, que pulava em suas pernas, tentando receber atenção. Carolina chorava de alegria. Pedro colocou-a no chão, ao lado dos pais. Sarah, recobrando suas forças, abraçou-a com tanta força que esta chegou a gemer, pois seu corpo estava todo dolorido. Carolina e Anthony, emocionados, não conseguiam dizer uma só palavra. Os homens que participavam do grupo de busca também chegavam ao local do encontro e paravam à volta dos recém-chegados.

- Onde estavam? - perguntou mais uma vez Sarah.

- Onde estávamos nunca seríamos encontrados por vocês. - respondeu Anthony, finalmente dominando sua emoção.

Capítulo Quatro

Dia dois de maio de 1996, quinta-feira. Martin, que já estava praticamente rodado em quase todas as matérias em que havia se matriculado na faculdade, mais uma vez, ao invés de freqüentar as aulas, estava sentado no café da esquina da sua rua conversando com amigos.

Era um pequeno café, de apenas oito mesas, mas muito aconchegante e tranqüilo. Três pessoas dividiam uma mesa com Martin. Uma delas era Ralph, que como ele, cursava a faculdade de engenharia mecânica na *Columbia University*. Ao lado de Ralph estava Joseph, seu amigo de infância, e que Martin conhecia desde o início da faculdade, há três anos. Era mais responsável que os amigos e não descuidava dos estudos, nem sempre encontrava-se com eles no café, preferindo freqüentar as aulas de engenharia civil. A quarta pessoa da mesa era Estevan, um amigo de Ralph, que o havia apresentado aos outros dois há algumas semanas. Martin, Joseph e Ralph tinham pouca diferença de idade entre si. Joseph era o mais novo. Estevan era bem mais velho que os demais, aparentando ter cerca de vinte e oito anos e estava matriculado em jornalismo na mesma universidade.

- Vamos nos divertir muito! - exclamou eufórico Ralph.

- Mas ainda não consegui convencer o meu pai a me dar dinheiro. Ele não quer nem falar sobre esse assunto! - afirmou Martin, desconsolado.

- Você podia assaltar um banco. - disse Estevan, sorrindo divertido.

- Não preciso tanto assim.

- Assalte então uma fruteira! - completou Ralph.

- Não brinquem assim, com a vontade que estou de viajar vou acabar fazendo isso! - Martin sorriu amarelo.

O assunto da roda de amigos era uma longa viagem de vários meses à Europa, sugerida por Estevan há alguns dias. A idéia foi logo aceita por todos, diante das maravilhas contadas por este, que já havia morado lá por três anos.

- Em que países você morou por lá? - perguntou Martin a Estevan, trocando de assunto.

- Morei em praticamente todos os países, mas a maior parte do tempo passei na Espanha, Irlanda e França.

- E como fazia para sobreviver?

- Fazia, assim como faço aqui, de tudo um pouco. Entregas, limpezas, entre outras coisas. - desconversou Estevan. - Mas, falávamos de nossa viagem, não de...

- Eu também não tenho todo o dinheiro. - cortou Joseph, num suspiro. - Meu pai não está passando por um bom momento financeiro e disse-me que pode me dar somente uma parte, além disso, assim como o pai de Martin, ele não gostaria que eu interrompesse meus estudos.

- Vocês só pensam em conseguir dinheiro da forma tradicional? - disse Estevan. - Sejam criativos, busquem outras alternativas além de pedir para o papai e a mamãe. - completou em tom irônico.

- Como por exemplo? - perguntou Joseph.

- Trabalhar, economizar ou pedir emprestado não fazem parte dos seus vocabulários?

Martin e Joseph refletiram por algum tempo.

- Tudo isso é muito demorado, preciso de uma forma mais imediata. - respondeu Martin.

- Sabem que seqüestro é um bom negócio? - gracejou Estevan.

- Certamente não para o seqüestrado! - exclamou Joseph, entrando na brincadeira.

Todos riram.

- Depende... - retrucou Estevan. - Já ouvi falar que na maior parte das vezes o seqüestrado se apaixona pelo seqüestrador!

- Então vamos seqüestrar a Shirley Savalas! - brincou Martin, fazendo referência a atriz mais famosa do momento no cinema mundial e tida como símbolo sexual.

Todos riram muito. Martin conseguia ser espirituoso, mesmo estando aborrecido.

- Porque não seqüestra sua mãe, Martin? - perguntou Ralph, também em tom de brincadeira.

- O problema é que meu pai nem perceberia. - respondeu este, ainda rindo de sua brincadeira.

- Seqüestre então seu pai. - sentenciou Estevan. - Sua mãe perceberia?

Martin ficou sério.

- O governo dos Estados Unidos perceberia. - respondeu. - Meu pai vale atualmente para eles muito mais que uma simples viagem para a Europa.

- Então esta é a solução para todos os nossos problemas. Porque ficarmos na Europa apenas alguns meses, se podemos ficar viajando pelo mundo o resto de nossas vidas?

Houve uma gargalhada geral, seguida de um silêncio reflexivo.

- Você está falando sério? - assustou-se Joseph.

Foi a vez de Estevan ficar com uma expressão séria.

- O que você acha?

Martin levantou-se.

- Vamos encerrar este assunto, não estou gostando desta brincadeira! - protestou. - Hora de ir para casa. - completou, largando sobre a mesa sua parte na despesa.

- Não esqueça que combinamos de ir ao cinema hoje, Martin. A que horas passo na sua casa? - perguntou Ralph.

Martin pousou sua mão sobre os ombros de Joseph, enquanto passava por detrás dele.

- Por volta de oito horas... Você vem conosco, Joseph?

- Hoje não posso, prometi ao meu pai que o ajudaria a arrumar a garagem. Nosso carro quase nem cabe nela de tanta quinquilharia.

- Está bem... - bateu com sua mão direita no ombro do amigo. - Fica para a próxima.

- Carolina não quer ir conosco? - perguntou Ralph. - Tenho certeza que ela gostará muito deste filme.

- Ela viajou para Boston com alguns amigos.

- Que pena, faz tempo que não a vejo.... Bem, até a noite...

- O.K.!

Martin divertiu-se observando o olhar desconsolado de Ralph ao saber que Carolina não estava em Nova Iorque. Percebia, apesar do esforço do amigo em disfarçar, que este nutria uma paixão secreta por ela.

No dia seguinte, novamente os amigos encontraram-se no café. Mais uma vez, entre vários assuntos, fizeram planos para a viagem. Martin estava aborrecido, pois havia telefonado para o pai na noite anterior e este novamente havia negado sua autorização. A certa altura da conversa, resmungou cabisbaixo:

- Pessoal, acho que terão que ir sem mim.

- De jeito nenhum! - exclamou Ralph. - Ou vão todos ou eu não vou!

- E se adiarmos a viagem por algum tempo? - sugeriu Joseph. - Poderíamos ganhar algum dinheiro durante este tempo e economizá-lo.

Estevan fulminou-o com o olhar.

- Eu vou viajar logo. - rebateu. - Já estou programado para isso e não vou mudar meus planos. Se quiserem me acompanhar, é agora ou nunca!

- Calma, Estevan! - disse Joseph. - foi apenas uma sugestão. Não precisa ficar nervoso!

- Não estou nervoso, apenas acho que vocês não estão sendo criativos. A vida sempre exige que façamos escolhas, se você não quiser viajar é uma escolha unicamente sua, não tem o direito de pedir-me que não o faça.

O clima da mesa de amigos ficou tenso.

- Neste caso, a questão não é querer ou não querer! - exclamou Martin. - Eu faria qualquer coisa por esta viagem.

- Qualquer coisa? - indagou Estevan. - Então ainda nos resta a opção do seqüestro.

- Pensei que este assunto já estivesse encerrado! - protestou Martin.

Estevan sorriu.

- Desculpe-me, eu só quis melhorar seu humor com uma brincadeira.

- Tudo bem, Estevan... - bateu no braço deste - Já estou de saída pessoal. - disse, levantando-se. - Preciso fazer algumas compras.

- Já está gastando por conta do resgate? - brincou Estevan.

Martin não gostou da insistência de Estevan com a brincadeira e saiu do café bastante chateado, fato que foi claramente percebido pelos amigos. Arrepiava-se só em pensar em participar de um seqüestro, principalmente de alguém de sua família. Porém durante todo o resto do dia, este assunto não saiu da sua cabeça. *Por que será que Estevan insistia tanto nisso? Será que falava sério ou estava apenas sendo inconveniente em uma brincadeira?* Esta dúvida não saía de sua mente.

Naquela noite, Martin, em casa, não conseguia se concentrar em mais nada, além da conversa com os amigos. Ligou a televisão e passou um bom tempo com o controle remoto na mão, trocando os canais sem ao menos perceber o que estava assistindo. Foi chamado à realidade pela campainha do telefone.

- Alô!

- Martin? - Martin reconheceu a voz de Joseph no outro lado da linha.

- Sim?

- É Joseph!

- Olá, Joseph!

- Estive pensando sobre o que Estevan disse... Você acha que ele falava sério?

Joseph transmitia angústia pela sua forma de falar.

- Olha, Joseph... Não sei... Às vezes o Estevan me assusta! - declarou. - Eu não o conheço tão bem para saber quando fala sério ou não, mas não gostei da expressão de seu rosto enquanto falava no seqüestro.

- Você sabe alguma coisa sobre o seu passado?

- Tudo o que sei é o que Ralph me conta a respeito dele. Pensei que você o conhecesse, pois você e Ralph são amigos há tanto tempo!

- Ralph o conheceu em um movimento estudantil no ano passado e desde então tem andado muito com ele. Eu o conheço há tanto tempo quanto você.

- Acho melhor nós perguntarmos ao Ralph sobre ele.

- Também acho, vou conversar com Ralph...

Enquanto Joseph falava, a campainha da porta tocou.

- Preciso desligar, Joseph. Tem alguém na minha porta.

- Tudo bem, então amanhã a gente conversa, tchau!

- Até!

Apesar de Martin ser colega de Ralph, e andar bastante com ele, identificava-se mais com Joseph. Os dois tinham mais afinidade, eram pacatos, e, aparentemente, pensavam da mesma forma, enquanto Ralph era mais agitado e estava sempre envolvido em movimentos estudantis.

Abriu a porta, encontrando Ralph à aguardá-lo.

- Você ficou muito chateado, Martin? - perguntou Ralph, enquanto entrava.

- E não era para estar?

- Estevan estava apenas brincando! Pediu-me que passasse por aqui para pedir-lhe desculpas. Ele não imaginava que você fosse ficar aborrecido.

Os dois sentaram-se no mesmo sofá.

- O seu tom não foi de brincadeira. - retrucou Martin, enquanto desligava a televisão com o controle remoto, que estava no sofá.

- Estevan acha que exagerou e ficou preocupado. Queria vir comigo, mas eu achei melhor vir sozinho.

- Você nunca me disse de onde o conhece. - trocou de assunto Martin.

Ralph pareceu meditar por alguns segundos, pensando na melhor resposta.

- Estevan é muito legal. Eu o conheço há bastante tempo e sempre pude contar com ele quando precisei. Quando você o conhecer melhor, perceberá.

- Tomara!

- Foi você que disse que estava sem dinheiro e queria muito viajar. Estevan só quis ajudar.

- Que bela forma de ajudar! Querendo me transformar em um criminoso!

- Você acha tão grave assim o que ele sugeriu? Provavelmente sua família levaria na brincadeira. Pela originalidade da atitude, quem sabe até você conseguisse o tão sonhado dinheiro para a viagem?

- E se minha mãe chamasse a polícia?

- Duvido que chamasse a polícia por causa de uma brincadeira inconseqüente. Com certeza ela lhe daria o dinheiro e depois nada mais que um bom puxão de orelha.

- Isso não é uma brincadeira!

- Tudo bem amigo, não está mais aqui quem falou!

Martin ligou novamente a televisão e os dois amigos, após alguns instantes em silêncio, passaram a conversar sobre outras coisas, enquanto assistiam à uma partida de basquete.

Quando Ralph foi embora, a cabeça de Martin recomeçou a fervilhar. Queria muito fazer esta viagem. *Será que seria mesmo tão sério este seqüestro? Como sua família reagiria? Se pelo menos o relacionamento com seu pai estivesse melhor, poderiam tentar conversar para chegar a um entendimento.* Passou a noite em claro.

Logo que amanheceu, tomou uma ducha demorada e encaminhou-se para o café onde costumeiramente se encontrava com os amigos. Não esperava encontrá-los por lá, pois geralmente encontravam-se à tarde. Pediu um suco de laranja, e assim que se sentou, avistou Estevan, que chegava.

- E aí, seqüestrador? - cumprimentou Estevan, e antes que Martin pudesse responder ao cumprimento, completou. - Brincadeira!

- Tudo bem, sente-se!

Estevan sentou-se.

- Ralph conversou com você?

- Claro, sem ressentimentos!

- Ótimo, eu detestaria perder sua amizade.

Quando a garçonete trouxe o suco de Martin, Estevan pediu um café com leite e torradas.

- Sabe, Estevan... Estive pensando. Talvez não fosse tão grave assim seqüestrar o meu pai.

Estevan jogou-se para trás na cadeira.

- Está brincando?

- Não, só estou pensando alto!

A garçonete colocou o desjejum de Estevan sobre a mesa, este voltou-se a sentar apoiado nela para iniciar sua refeição.

- Eu não opino mais. Não gostaria de recomeçar essa discussão.

- É sério. E se eu conseguisse uma boa grana com minha mãe? Talvez todos nós pudessemos viajar melhor.

- Eu vou viajar com certeza. Com bastante ou pouco dinheiro, isso para mim não faz a menor diferença. Eu me viro sozinho para sobreviver, fiz isso a minha vida inteira.

- O que você faz atualmente? Continua entregando pizzas?

- Tenho dois empregos agora. Além de entregar pizzas à noite, estou entregando flores pela manhã. Só passei aqui para tomar um café, nem esperava encontrá-lo.

- Você economiza para viajar?

- Economizo um pouco, mas sempre que falta dinheiro eu agarro o primeiro emprego que aparece, não importa onde eu esteja. Gosto de aventuras.

- Deve ser emocionante viver assim! Acho que eu gostaria de experimentar.

- Não acredito nisso, Martin. Você sempre teve tudo na vida, nunca teve que trabalhar. Não sabe o que é preciso fazer às vezes para ter um prato de comida.

- Você fala como se ter dinheiro fosse um crime.

- Não é isso, só estou tentando mostrar-lhe que a vida não é tão fácil como você imagina.

- Tudo bem. Desculpe-me se o humilhei, não foi minha intenção.

- Sei disso, Martin, você não tem maldade, acho que é isso que gosto em você.

- Só não vá me dar um beijo.

Os dois riram.

- Você precisa dar um rumo à sua vida Martin, não importa qual seja. Contudo, deve partir de você, caso contrário corre o risco de se arrepender mais tarde.

Martin ficou sério.

- Atualmente, a única coisa que quero fazer na minha vida é esta viagem! Depois, na volta, eu decido o que fazer.

- Então lute por isso, meu amigo!

- Joseph também não tem todo o dinheiro que precisa. Eu gostaria de ajudá-lo. Afinal, para que servem os amigos?

- Apesar de não precisar de seu dinheiro, pode contar comigo para o que der e vier.

- E se... - interrompeu-se.

- Diga!

- Se eles nunca soubessem que participei do seqüestro? Eu poderia dar todas as dicas para vocês e acompanhar à distância.

- Martin! - exclamou Estevan. - Você já está falando como quem tem um plano!

- Estava apenas pensando alto novamente. Acho que nunca seria capaz de um ato desses.

- Se você acha que realmente este é um ato muito grave, não sei porque está pensando na possibilidade de executá-lo.

- Para ser bem sincero, não sei se é tão grave assim.

- Pense com calma, meu amigo. - Estevan levantou-se. - Conversamos mais tarde, já estou atrasado para o meu trabalho.

Martin ficou observando o amigo pagar a conta no balcão, antes de deixar o café. Sozinho, continuou a travar uma batalha no seu íntimo. *Eu seria capaz de seqüestrar meu pai?* Pensou.

Por alguns dias, Martin deixou de freqüentar o café.

Os amigos estranharam sua ausência, pois era uma pessoa dada a hábitos, e um deles era encontrá-los diariamente. Joseph, preocupado, ligou para sua casa várias vezes. Carolina atendeu algumas vezes, mas não sabia onde o irmão estava. Em muitas ocasiões quem atendia era a secretária eletrônica.

Martin evitou encontrar-se com qualquer um que o fizesse se lembrar da viagem. Só voltava para casa na hora de dormir. Por vezes andava a pé pela cidade para arejar a cabeça. Chegou até a freqüentar algumas aulas da faculdade nas matérias que considerava perdidas. Tentou, de todas as formas, pensar nos mais variados assuntos, mas seu pensamento era um só: *Este seqüestro seria ou não um crime?*

Terminou o semestre, chegando as férias escolares. Carolina viajou para se encontrar com os pais. Martin passou então a se refugiar em casa, enquanto tentava administrar o conflito pessoal ao qual estava submetido.

Capítulo Cinco

Dia vinte e sete de maio de 1996, segunda-feira, sala do apartamento de Martin. Estavam presentes, além deste, seus amigos Estevan, Joseph e Ralph. Todos os visitantes haviam estranhado o convite repentino e cercado de mistérios feito por Martin, pois há vários dias este andava sumido e não respondia os recados deixados por eles em sua secretária eletrônica. Todos sentaram-se em volta da mesa da sala, sobre a qual Martin havia colocado uma garrafa de suco de laranja e quatro copos. Apenas o seu estava servido com o suco.

- Chamei-os aqui para tratarmos do seqüestro de meu pai! - anunciou aos visitantes.

Os três entreolharam-se incrédulos. Houve um silêncio tumular que pareceu durar uma eternidade para todos.

- Fala sério? - animou-se a perguntar Joseph.

- Nunca falei tão sério na minha vida!

Joseph, nervoso, ajustou-se melhor na cadeira, onde até então estava sentado displacentemente. Apoiou os cotovelos na mesa e endireitou suas costas.

- Você mesmo disse, outro dia, que isso não é brincadeira que se faça! - disse Ralph.

Martin impacientou-se.

- Não é brincadeira! O que preciso fazer para acreditarem que estou completamente decidido a executar este seqüestro?

- Preciso que me apresente um atestado de sanidade mental. - respondeu Joseph, tentando fazer graça, mas, sem conseguir esconder o nervosismo. - Qual é a próxima etapa desta brincadeira? Vai nos dizer que já seqüestrou o Papa?

Martin, exaltado, colocou as duas mãos sobre a mesa e apoiou-se nelas, levantando-se da cadeira, num gesto de agressividade.

- Joseph, entenda! - quase berrou, demonstrando uma visível irritação. - Não estou brincando! Esta é definitivamente a única forma que encontrei de conseguirmos dinheiro para a nossa viagem...

- Conseguirmos? - interpelou-o o outro.

- Sim! Conseguirmos! Não estou pensando somente em mim, você também não tem todo o dinheiro que precisa para viajar.

Joseph também tomou uma postura agressiva, inclinando-se para a frente, e fuzilando os olhos de Martin com os seus.

- Nunca lhe pedi que conseguisse dinheiro para a minha viagem! Não me use como pretexto para resolver os seus problemas, Martin!

Martin, acuado com a reação do amigo, sentou-se novamente e recostou-se na cadeira, instintivamente, numa atitude de defesa.

- Desculpe-me se lhe ofendi. - disse, tentando se acalmar. - Mas para que servem os amigos? Eu posso lhe emprestar uma parte do dinheiro que obtivemos e assim que puder, você me paga.

Joseph riu, nervosamente.

- Ótimo, vou receber emprestado dinheiro obtido num crime hediondo! Muito obrigado pela consideração que você tem por mim, mas dispense sua ajuda.

Martin, ainda tentando manter-se calmo, projetou-se novamente para a frente, sem se levantar.

- Estive pensando muito, Joseph... Meus pais têm bastante dinheiro para viverem bem até o fim de suas vidas, e quando partirem para outra vida, sobrá ainda um bocado para

mim e minha irmã. Nós só estaremos pegando adiantado uma pequena parte do que já me pertence!

Joseph estava abismado com o que ouvia.

- Esta falando sério mesmo?

- Claro que estou!

Joseph levantou-se.

- Não consigo acreditar no que estou ouvindo... Vou-me embora agora mesmo!

Pegou sua jaqueta, que havia deixado pendurada no cabide que ficava ao lado da porta de entrada do apartamento. Saiu sem fechar a porta. Martin, pego de surpresa pela reação tão intempestiva do amigo, ainda tentou alcançá-lo, mas foi impedido por Ralph, que o agarrou pelo braço.

- Espere, Martin! - disse Ralph. - Deixe-o ir, conheço-o desde criança. Ele é muito impulsivo.

O dono da casa estancou, ainda meio confuso.

- Depois que ele se acalmar, eu me encarrego de procurá-lo para conversar. - completou Ralph.

Martin sentou-se novamente. Estevan levantou-se, fechou a porta e tornou a sentar-se no mesmo lugar que ocupara antes.

- Eu me assustei com a reação dele. - murmurou Martin. - Até parece que propus alguma coisa muito grave!

Os outros mantinham-se quietos, limitando-se a escutá-lo.

- Não vamos matar nem machucar ninguém... apenas encontrei uma forma de resolver meu problema financeiro.

Ralph pousou sua mão direita no braço esquerdo de Martin, que repousava sobre a mesa.

- Não se preocupe com ele, Martin, o problema é que foi pego de surpresa. Assim que se acalmar, vai voltar e pedir desculpas.

- Gosto muito do Joseph... Não gostei de vê-lo saindo assim...

- Você já traçou um plano de ação? - indagou Estevan, o único que havia permanecido calado até então.

Martin bebeu o suco de seu copo, serviu-se novamente e tornou a sorvê-lo, de um gole só, talvez por sede, talvez para aliviar a secura que sentia na boca pelo nervosismo que a discussão havia lhe provocado. Limpou a boca com a manga da camiseta que usava, respirou fundo e recomeçou a falar.

- Minha família encontra-se agora no Brasil, na Selva Amazônica.

- Isso nós já sabemos, você não pára de se queixar que talvez tenha que ir para lá! - exclamou Ralph num tímido sorriso, tentando desconstrair o ambiente.

Martin nem percebeu a tentativa do amigo. Estava muito nervoso para isso.

- Pois bem. - continuou. - Meu plano é muito simples... Meu pai e minha irmã costumam caminhar todas as manhãs na mata... Nós os esperamos em um local apropriado, onde não possamos ser vistos nem escutados. Quando lá chegarem nós os interceptaremos e levaremos meu pai para um lugar seguro.

- Que lugar seguro seria esse? - perguntou Ralph.

- Ainda não pensei. - admitiu Martin - Mas poderíamos levar meu pai pela mata até passarmos pelo posto da polícia florestal que fica na estrada que liga nossa casa à cidade de Manaus. Depois pegaríamos um carro e o esconderíamos na cidade em alguma casa alugada para este fim.

- E sua irmã?

- Mandaremos Carolina para casa com o pedido de resgate.

- Mas e você seria levado a sério?

- Isso eu ainda não pensei bem, mas talvez fosse melhor eu não aparecer. Assim o seqüestro teria mais autenticidade e com certeza seria levado a sério.

- Mas... neste caso, provavelmente sua mãe chamaria a polícia.

Martin refletiu, por alguns segundos, sobre o que Ralph havia acabado de dizer. Por fim, socou, levemente a mesa, com os nós dos dedos de sua mão direita, como se já tivesse absorvido a observação feita.

- Você tem razão... - disse. - Acho melhor eu aparecer.

- Retorno então à pergunta inicial... Seríamos levados a sério?

O outro fez um gesto de conformismo, levantando as duas mãos, espalmadas, voltadas para cima.

- Enquanto não formos levados a sério, meu pai fica em cativeiro.

- E se elas chamarem a polícia, assim que Carolina retornar a sua casa com a notícia?

- Duvido que minha mãe o faça. Ela entenderá que eu só quero um pouco de dinheiro para viajar... Em poucos dias tudo estará resolvido.

- E depois, como você ficará?

Martin ficou em silêncio por alguns instantes, como se temesse esta pergunta.

- Esse é meu único dilema... Talvez após a viagem, eu possa voltar arrependido, pedindo perdão. Acredito que seria bem recebido.

Ralph não conteve o riso.

- Fácil assim?

Martin também sorriu, pela primeira vez, desde o início da reunião.

- Talvez não tão fácil, ficariam algumas cicatrizes, mas nada que o tempo não apague... Minha mãe gosta muito de mim e saberia dobrar meu pai.

Estevan prestava atenção na conversa, sem interferir. Martin percebeu e resolveu saber qual era a opinião dele.

- O que você acha, Estevan?

Este, a exemplo dos outros dois, que já estavam com os braços colocados sobre a mesa, também o fez.

- Você tem certeza que não vai se arrepender?

- Tenho! - Martin foi positivo.

Estevan gostou do que ouviu.

- Durante todos estes dias, meditei muito sobre tudo o que é e o que não é importante para mim. - continuou Martin. - A conclusão que cheguei, é que, por enquanto, a única coisa que quero é aproveitar a vida, e nisso está incluída a nossa viagem. Se não fizer isso agora, tenho certeza que me arrependerei mais tarde.

Os dois ouvintes perceberam toda a convicção de Martin em sua explanação.

- E se algo der errado? - indagou Estevan.

- Nada vai dar errado.

- Então pode contar comigo! Como você mesmo disse... Para que servem os amigos?

- Conte comigo também! - exclamou Ralph.

Joseph, deitado em sua cama, escutou o telefone tocar, na casa em que morava com a família. Ouviu também sua mãe atender na extensão da sala. Após alguns segundos, tempo necessário para que alguém do outro lado da linha dissesse com quem queria falar, ouviu sua mãe chamando por seu nome da entrada do corredor.

- Joseph!

- Sim? - respondeu.

- Telefone para você!

Joseph pegou a extensão de seu quarto e esperou que sua mãe voltasse a colocar o aparelho telefônico da sala no gancho.

- Alô! - atendeu.

- É Joseph? - perguntou uma voz, visivelmente disfarçada.

- Sim!

- Preste muita atenção no que vou lhe dizer... Porque vou falar uma única vez.

-...

- Você preza sua vida e principalmente a de sua família?

- Como?

- Nunca, em hipótese alguma, conte a alguém o que você ouviu hoje no apartamento de Martin!

- Alô... Alô... Alô... - Joseph repetia assustado, mas de nada adiantava. Seu interlocutor já havia desligado o telefone. Apesar da voz abafada do outro lado da linha, Joseph estremeceu ao perceber perfeitamente o sotaque latino de Estevan. E pelo tom de sua voz, não estava fazendo uma ameaça que não pretendesse cumprir.

Capítulo Seis

O vôo proveniente de Nova Iorque, com escalas em Brasília e São Paulo, chegou ao aeroporto de Manaus no horário previsto. Assim que desembarcou, Martin pegou sua bagagem, passou pela alfândega, encaminhou-se ao balcão de uma locadora de veículos e contratou um jipe com motorista para levá-lo até a casa da família. Antes de procurar pelo veículo que o levaria, passou em uma farmácia e comprou alguns comprimidos para dor de cabeça, pois a sua parecia que iria explodir.

Durante a viagem, tinha refletido muito sobre sua vida até então. Estava determinado a dar um destino mais sério à ela após esta aventura. Porém, a simples idéia de ter esta decisão cobrada pelo pai já o irritava. Era muito orgulhoso para admitir, frente a frente com Anthony, que já estava na hora de agir como adulto. Talvez se o seu pai não fosse tão intervencionista, deixando-o mais a vontade, o relacionamento entre eles fosse melhor.

O plano de ação já estava traçado. Ralph e Estevan viriam em três dias ao seu encontro. Sua única frustração era não poder contar com a ajuda de Joseph, que o evitava desde o dia em que haviam discutido em seu apartamento por causa do seqüestro. Procurou-o por diversas vezes, mas nunca conseguiu conversar diretamente com ele. Deixou recados, mas estes não foram respondidos. Ralph disse-lhe que havia conversado com Joseph, e este tinha entendido a posição de Martin, porém tinha preferido não participar da operação.

Ao chegar na casa dos pais, a primeira pessoa que Martin avistou foi sua mãe. Pôde vê-la através da janela da sala, concentrada na tela de seu computador, enquanto escrevia. Ao ouvir o ruído do jipe se afastando, após deixá-lo, Sarah percebeu sua presença. Veio recebê-lo na porta, feliz por vê-lo.

- Olá meu filho, que surpresa é essa que resolveu nos pregar?

- Como? - Martin assustou-se com a pergunta, enquanto a abraçava.

- Claro! - respondeu Sarah. - Não esperávamos vê-lo nessas férias, seu pai vai levar um susto ao vê-lo.

Martin relaxou aliviado. Por um momento pensou que seu plano havia sido descoberto.

- Onde está ele, mamãe?

- Adivinha!

- Na estufa.

- Acertou!

- Como estão as coisas, mamãe?

- Tudo bem. Estávamos com saudade de você! Faz muito tempo que não nos vemos!

- Vocês são sempre tão ocupados, mamãe.

- Isso não é motivo para não nos visitar, meu filho. Você sabe que sempre arranjamos um tempo para você e sua irmã.

- Você arranja. - Martin reforçou o "você".

Sarah percebeu claramente a ironia das palavras do filho.

- Não fale assim Martin, seu pai fica magoado.

Martin deu de ombros.

- E Carolina, onde está?

- Deve estar lendo, deitada em alguma rede da varanda.

Haviam sempre três redes penduradas em ganchos, presos aos pilares da varanda, no fundo da casa. Sempre que alguém queria tirar uma soneca ou ler algum livro sem ser inco-

modado, utilizava-se de uma destas redes, pois além de serem muito confortáveis, ninguém costumava transitar nos fundos da casa.

- Vou ver se a encontro e prego-lhe um susto! - disse entrando na casa, após depositar sua bagagem no chão da varanda.

Sarah pegou as bagagens e levou-as para o quarto do filho, pois conhecendo-o como conhecia, sabia que não as levaria tão cedo. Martin encontrou a irmã dormindo na rede e resolveu não acordá-la. Preferiu procurar primeiro por seu pai. Passou novamente por dentro de casa e partiu na direção da estufa. Duque avistou-o enquanto chegava à estufa e correu ao seu encontro, lambendo-lhe a face.

- Olá, meu velho amigo!

Anthony, que estava logo na entrada da estufa, ouviu a voz do filho e virou-se incrédulo.

- Filho! - exclamou Anthony, caminhando em sua direção para cumprimentá-lo com um abraço.

- Olá, papai! - saudou Martin ao avistá-lo, enquanto tentava livrar-se do assédio de Duque.

- Que milagre o fez aparecer?

- Não posso visitar minha família?

Martin tentou ser o mais sarcástico possível, pois ainda estava irritado com o pai pela última conversa que haviam tido ao telefone.

- Não quis dizer isso... - Anthony chateou-se pela forma com que Martin falou. - Apenas não esperávamos vê-lo tão cedo.

O recém-chegado preferiu mudar de assunto.

- Sempre envolvido com suas plantas?

- Já estou acabando aqui por hoje. Vamos para casa enquanto conversamos.

Anthony começou a retirar as luvas, que sempre usava enquanto trabalhava com suas plantas.

- Não vai me convidar para vê-las?

- Desculpe-me! Acontece que sei que você não se interessa nem um pouco pelas minhas plantas. Não quero entediá-lo.

Martin foi entrando na estufa.

- Desta vez vou abrir uma exceção! - exclamou.

Anthony entrou atrás dele.

- Sente-se ali então. - disse, apontando uma cadeira que ficava ao lado do local onde estava trabalhando.

Anthony recolocou as luvas que havia acabado de tirar e terminou o que estava fazendo. Mostrou, orgulhoso, suas experiências para o filho. Quando o dia começou a escurecer, Anthony guardou tudo o que estava fazendo e os dois partiram de volta à casa. Ao chegarem, Martin encontrou a irmã sentada na sala. Os dois cumprimentaram-se com um abraço carinhoso e depois sentaram-se para conversar na varanda enquanto esperavam Sarah terminar de preparar o jantar. Anthony preparou um drinque e trouxe para os filhos. Não ficou conversando com eles. Preferiu subir e tomar um banho rápido, antes do jantar. Sarah, entre uma olhada e outra no fogão, juntava-se aos filhos para conversar. Quando o jantar já estava quase pronto, Anthony desceu e juntou-se a eles.

O jantar transcorreu normalmente, o clima era tranqüilo e cordial. Os assuntos trazidos à mesa foram os mais diversos possíveis, desde o que estava acontecendo nos esportes até os últimos filmes que Martin havia assistido em Nova Iorque. Todos evitaram comentar a discussão que haviam tido na última vez em que se encontraram. O motivo desta, como sempre ultimamente, tinha sido o futuro de Martin. Para agravar ainda mais a situação, Martin havia

telefonado várias vezes nos últimos dias pedindo permissão para fazer sua viagem. Após o jantar, Martin recomeçou o assunto.

- Então papai, já pensou a respeito da minha viagem?

Anthony fez cara de surpreso.

- Eu não tenho nada para pensar, meu filho. Se alguém tem algo para pensar é você.

- Como assim?

Já, desde o início, qualquer um que observasse o rumo da conversa, perceberia que esta acabaria em uma discussão acalorada.

- Eu já impus minhas condições para concordar com esta viagem.

- Mas papai... Todos os meus amigos vão viajar agora! Gostaria de ir com eles!

- Amigos?

O tom de Anthony era irônico.

- Não fale assim de meus amigos, papai! Você não os conhece para julgá-los desta forma!

- Pelas idéias que colocaram na sua cabeça, posso imaginar perfeitamente como eles são.

- Pelo menos são meus amigos. Não sou como você, que precisa tratar bem seus inimigos, numa falsa amizade. Não sou eu que vivo em um ninho de cobras.

Anthony tentou contemporizar.

- Não fale assim Martin, você sabe que eu e sua mãe só queremos o seu bem.

- Se vai começar o discurso político, prefiro subir para o meu quarto! - exclamou Martin.

Assim que terminou de falar, subiu correndo as escadas, em direção ao seu quarto, tentando evitar que Anthony tivesse a última palavra. O pai estava irredutível em sua decisão. Sarah e Carolina limitaram-se a acompanhar a conversa caladas. Sabiam que qualquer opinião que expusessem não seria bem aceita no momento pelo contrariado e isso só agravaria mais a situação. Martin, que ainda alimentava alguma esperança de entender-se com o pai, estava cada vez mais convencido que sua única saída era o seqüestro. Naquela noite deitou-se furioso e não quis mais ver nenhum membro de sua família. *Se pelo menos mamãe e Carolina me apoiassem, conseguiríamos dobrar papai*, pensou. A noite foi horrível para ele. Quando finalmente conseguiu dormir, o dia já estava quase amanhecendo.

Ao acordar na manhã seguinte, Martin abriu a janela do seu quarto e pôde ver que o sol já estava alto. Devia ser quase meio-dia. Tomou um banho prolongado, tentando relaxar, depois desceu. Somente sua mãe estava em casa.

- Onde estão papai e Carolina? - perguntou à sua mãe enquanto entrava na cozinha, onde esta preparava o almoço.

- Anthony foi até a cidade comprar mantimentos. Queria acordar-lhe para ir junto e ver se conseguiam se entender pelo caminho, mas achei melhor deixá-lo dormir. Percebi que você levantou diversas vezes durante a noite.

- Realmente mamãe, minha noite não foi das melhores... E Carolina onde está? Gostaria de conversar com ela...

- Carolina deve estar na cabana do seu Pedro... Pelo menos foi onde me disse que iria hoje cedo. Ficou de voltar para preparar o almoço, pois hoje é sua vez de prepará-lo. Como ainda não voltou, eu o estou adiantando.

Martin pegou um iogurte líquido, sacudiu-o e começou a bebê-lo na própria garrafa.

- Como está o seu Pedro? Há muito tempo não o vejo.

- Você devia visitá-lo, meu filho.

- Nós não temos assuntos em comum, mamãe. Seu único assunto é a floresta Amazônica, e você sabe muito bem que eu, definitivamente, não morro de amores por isso aqui..

- Mas ele gosta muito de você.

- Tudo bem... Depois eu dou uma passada por lá.

- Ele vai adorar!

Sarah sorriu satisfeita. Martin aproximou-se por detrás da mãe, colocou as duas mãos em sua cintura e aplicou-lhe um beijo na face.

- Mamãe... O que eu devo fazer para convencer o papai a deixar-me viajar? - indagou, abordando novamente o assunto tão delicado.

Sarah suspirou, antes de responder.

- Filho, não é somente seu pai que está preocupado com você. Sua irmã e eu também achamos que está jogando sua vida fora.

Martin soltou sua mãe e colocou-se ao seu lado, voltado para ela, num gesto de contrariedade.

- Mas mamãe, ainda tenho muito tempo pela frente para estudar e trabalhar, agora estou somente querendo me divertir. Estou tão errado assim?

- Não é isso, meu filho. O tempo passa rapidamente e a gente nem percebe! Além do mais, você terá muitas outras oportunidades de viajar na sua vida!

Sarah mediu as palavras, antes de continuar.

- Além disso, suas companhias não estão lhe fazendo muito bem. - concluiu.

- Como você sabe? - Martin irritou-se com a mãe. - Nem os conhece!

Martin sentou-se à mesa da cozinha, bastante desanimado.

- Sei pela sua forma de agir. Você está muito mudado, meu filho. Isso só pode ser reflexo de suas companhias.

Sarah colocou sua mão esquerda no ombro direito do filho, ficando de frente para este, numa tentativa de aproximação.

- Vocês estão exagerando, mãe. As coisas não são bem assim!

Sarah colocou sua outra mão no ombro esquerdo de Martin, tentando prender sua atenção para o que iria dizer.

- Filho, vamos fazer um acordo?

Martin, que permanecia sentado, olhou um pouco para cima procurando fitar os olhos da mãe.

- Que espécie de acordo?

- Eu me comprometo, sem mesmo consultar seu pai, que assim que você se formar, nós lhe daremos dinheiro para viajar durante um ano...Por onde você quiser.

Martin levantou-se, desvencilhando-se dos braços da mãe e deu as costas para ela.

- Vocês continuam não entendendo, mamãe! Não quero viajar daqui a alguns anos... Quero viajar agora!

Sarah tentou novamente um contato físico com o filho, desta vez colocando a mão em seu ombro, mas por trás.

- Seu pai nunca vai permitir, Martin... Não importa o que você faça.

Martin afastou-se novamente da mãe, demonstrando claramente seu descontentamento.

- Isso nós veremos! - encerrou o assunto, em tom ameaçador.

Martin saiu para a floresta pela porta da cozinha, que dava para a varanda. Sarah ficou a observá-lo, assustada com sua afirmação.

Quando Anthony retornou da cidade, Sarah contou-lhe sobre a conversa que havia tido com o filho e externou-lhe sua preocupação com relação à ameaça feita por este.

- Não dê tanta importância a isso. - respondeu Anthony. - Com certeza Martin falou sem pensar, provavelmente já esqueceu o que disse.

Sarah estava aflita.

- Mas ele quer muito fazer esta viagem, Anthony.

- Então ele que trate de entrar na linha.

Sarah deu de ombros. Anthony era mais teimoso que o filho.

- Vamos mudar de assunto. - disse Anthony. - Senão daqui a pouco nós também estaremos discutindo... Além disso, Martin e Carolina já estão chegando em casa. Eu passei por eles na estrada quando cheguei. Recusaram minha carona, preferindo vir a pé.

Os dois irmãos chegaram logo. Vinham da casa de Pedro. Os pais perceberam que estavam um pouco estremecidos. No caminho, Martin havia tentado convencer Carolina a apoiá-lo, mas esta ficara irredutível, achando que o pai tinha razão.

- É por você que papai está fazendo isso, Martin! Não é o futuro dele que está em jogo!
- havia dito Carolina, para reforçar sua posição.

Após o almoço, Martin foi com o pai até a estufa, demonstrando um especial interesse por ela. Sarah sentou-se em uma cadeira na sala. Colocou seu computador pessoal sobre a mesa e preparou-se para continuar escrevendo seu livro. Carolina foi consultar seu endereço eletrônico na Internet através do celular do pai para ver se havia mensagens dos amigos para ela.

Sarah não conseguiu concentrar-se para escrever seu livro. Aproveitou o fato de estar sozinha em casa com a filha e foi até o quarto desta para conversar. Bateu levemente na porta e entrou.

- Atrapalho?

Carolina estava deitada de bruços na sua cama, apoiada nos cotovelos, com seu computador portátil aberto na sua frente.

- Claro que não, mamãe... Entre!

Sarah entrou e se sentou na beira da cama da filha.

- Estou muito preocupada, Carolina!

- Já percebi, mamãe... Eu também não estou gostando nada desta situação.

- Mas... O que nós podemos fazer para resolvê-la?

- Tenho pensado muito nisso, mamãe... A cada discussão que assisto, mais me convenço que nenhum dos dois mudará de idéia... Martin é muito orgulhoso. Ele consideraria uma derrota frente ao papai desistir desta viagem.

- Sei disso, minha filha, e é o que mais me preocupa.

- E se vocês permitissem essa viagem?

- A viagem não é o problema, Carolina... O verdadeiro problema são as conseqüências dela.

- Como assim, mamãe?

- Seu pai e eu já conversamos sobre isso muitas vezes... Chegamos à conclusão de que, se Martin parar de estudar agora, dificilmente retomará os estudos mais tarde... Ele está numa época muito difícil de sua vida, Carolina. A decisão que tomar agora provavelmente será definitiva.

Carolina ficou pensativa.

- Mas algum dia ele amadurecerá! - disse, finalmente.

Sarah afagou os cabelos da filha, com sua mão direita.

- Uma pessoa é produto do meio em que vive, minha filha... Imagine-se andando com um bando de desocupados, sem nenhum compromisso a cumprir... Acredita que teria condições de mudar radicalmente de vida depois disso?

- Não havia pensado nisto sob este ângulo, mamãe. Acho que vocês têm razão.

- Estou com o coração em frangalhos... Não sei o que fazer...

Uma lágrima escorreu, lentamente, pelo rosto de Sarah. Carolina pôs-se de joelhos sobre a cama e pousou a mão sobre a cabeça da mãe, acariciando-a.

- Vamos achar uma saída, mamãe!

- Às vezes tenho vontade de pedir a Anthony que o deixe fazer o que quer, mas me apavora o fato de que ele possa entrar em um caminho sem retorno.

- Será que eu consigo convencer Martin a desistir dessa viagem?

- Acho que poderia tentar... Antigamente ele costumava escutar-lhe.

- Então é isso mesmo que vou fazer, mamãe... Vou aguardar o momento mais propício para conversar com ele... Talvez daqui a alguns dias, quando estiver mais calmo.

Sarah beijou a testa da filha.

- Você é um anjo Carolina... Não sei o que seria de mim sem você.

Ao anoitecer, Anthony e Pedro, que havia sido convidado para o jantar, fizeram uma fogueira. Acender fogueiras noturnas era um hábito dos moradores da selva, pois além de servir para espantar insetos, ainda evitava a aproximação de animais ferozes. Todos sentaram-se em volta do fogo e saborearam um delicioso peixe assado direto na brasa, pescado por Pedro e feito por Anthony. Naquela noite, todos procuraram conversar sobre assuntos agradáveis. No final, como sempre, Pedro tomou conta das conversas, contando seu casos fantásticos.

No dia seguinte, Martin acordou com um surpreendente bom humor apesar da aparência tensa. Não tocou mais no polêmico assunto. O dia foi muito tranquilo para todos. Ao entardecer, após verificar que todos estavam em casa ocupados em seu afazeres para não perceber que direção tomara, Martin dirigiu-se para a estrada que chegava até sua casa. Após cerca de quinze minutos de caminhada, encontrou-se com Estevan e Ralph.

- Não pude vir antes, pois meu pai ainda estava na estufa.

- Tudo bem... Também acabamos de chegar. Nos atrapalhamos com o mapa que você rabisou. - respondeu Ralph, enquanto o abraçava em um cumprimento efusivo. - Então? Tudo Certo?

- Tudo certo. - respondeu Martin, apertando, firmemente, a mão de Estevan. - Escondemos o carro conforme combinamos?

- Não viemos sozinhos.

Martin não escondeu a expressão de surpresa.

- Como assim?

- Um amigo de Estevan que mora em Manaus nos trouxe de jipe até alguns quilômetros antes da polícia florestal para não sermos vistos. Depois caminhamos pela mata, sempre acompanhando a estrada.

- Não sabia que você tinha amigos em Manaus, Estevan.

- Tenho amigos em toda a parte do mundo.

- E ele não vai nos entregar?

Estevan assumiu um ar muito sério.

- Não se preocupe com isso... - respondeu. - Meus amigos nunca me traem.

- E como faremos para fugir amanhã?

- Ele virá nos buscar.

- Não estou gostando nada disso. Você está envolvendo estranhos que podem atrapalhar nosso planos... E sem me consultar!

- Não teríamos conseguido chegar até aqui sem a ajuda dele, Martin. Além disso trata-se de um velho amigo. Garanto que você não tem com o que se preocupar.

Martin estava contrariado.

- Tomara... - murmurou. - Vamos lá... Vou levar-lhes ao local do encontro.

Virou-se para tomar o rumo da estufa.

Estevan adiantou-se.

- Tem certeza que não seremos vistos?

- Claro, a esta hora o local sempre está deserto.

- Vamos lá, então.

Martin levou-os com cuidado até a estufa de seu pai, de modo a não serem avistados. Chegando lá, os três estudaram qual seria a melhor forma de surpreenderem Anthony e Carolina na manhã do dia seguinte. Definido o plano, trataram de encontrar um local adequado para passar a noite, dentro da própria estufa. Depois disso, Martin voltou para casa. Só voltaria a encontrar seus comparsas à noite, depois que sua família estivesse dormindo.

Durante o jantar, todos perceberam que Martin estava pensativo. Ele quase não conversou, mas os outros respeitaram seu silêncio, pois entendiam a batalha que travava em seu íntimo. O que não ninguém podia imaginar é que esta batalha na verdade era muito maior. Naquela noite Martin não participou da roda de conversas que a família costumava realizar. Preferiu recolher-se ao seu quarto.

Assim que percebeu que todos haviam se recolhido aos quartos, arrumou uma mochila com algumas roupas e objetos pessoais e tratou de sair de casa o mais silenciosamente possível. Duque percebeu sua movimentação, mas entregou-se logo aos seus carinhos, relaxando e deitando novamente. Martin partiu na direção da estufa. Ao chegar ao fim da clareira, onde ficava a casa da família, Martin deu uma longa olhada para trás antes de embrenhar-se na mata, como se refletindo sobre o que estava prestes a fazer.

Capítulo Sete

Dia cinco de junho de 1996, sete horas da manhã. O toque do despertador, misturado com os ruídos do amanhecer na selva, atingiu seu objetivo. Anthony acordou e levantou para sua caminhada. Antes de se vestir para o passeio, tratou de chamar Carolina, sua companheira inseparável. Passou silenciosamente pelo quarto de Martin, pois sabia que este detestava acordar cedo.

Já vestidos adequadamente para a caminhada, beberam rapidamente um suco de cupuaçu, fruta típica da região. O desjejum completo sempre era realizado na companhia de Sarah, após a caminhada dos dois.

Ao saírem de casa passaram a contar com a companhia de Duque, que costumava passar a noite na varanda, deitado no alpendre. Duque saltava em volta de Anthony.

- Você precisa de um banho urgente! - protestou Anthony, tentando defender-se das temíveis lambidas de Duque.

Carolina riu divertida.

- Com toda chuva que cai aqui, até parece que estamos permanentemente tomando banho! - exclamou.

- Não se queixe, sei que você adora este clima. Além do mais, fale baixo, pois se Duque lhe ouve, não me deixa dar-lhe banho e continua fedido, então...

Carolina interrompeu-o.

- Já sei, continua fedido, então mamãe não o deixa entrar em casa e eu não posso alcançar-lhe a comida que não gosto por baixo da mesa.

- Isso mesmo. Chamamos isto de conjugação de interesses. Você se interessa pelo banho de Duque para poder livrar-se do que não gosta, enquanto Duque aceita, resignado, seu banho para depois deliciar-se com as sobras da mesa.

Carolina continuava rindo.

- Oba! Hoje teremos uma aula de política internacional?

Anthony, contagiado com a alegria da filha, também esboçou um tímido sorriso.

- Tudo o que acontece em nossa volta é uma aula!

- Nossa... Meu professor preferido está filosófico hoje!

Carolina tentava animar o pai, que não conseguia disfarçar sua angústia pelo seu relacionamento com Martin. Enquanto conversavam, pai e filha seguiam em sua caminhada matinal, sem saber que, desta vez, esta não seria tão tranqüila. A trilha passava ao lado da cabana de Pedro. Carolina adorava sentar-se e escutar suas histórias, algumas tão fantásticas que ele precisava jurar sua veracidade diante das gargalhadas incrédulas da ouvinte.

- Olá, velho homem do mato! - cumprimentou Anthony, sem interromper sua caminhada.

- Olá, meu menino! - acenou o amigo.

Pedro, com sessenta anos, ainda tratava Anthony como um garoto, pois era assim que o via. Duque desviou-se do trajeto para receber afagos do dono da casa.

- Quer juntar-se a nós hoje, seu Pedro? - gritou Carolina. - Prometo não deixar papai caminhar muito ligeiro para não cansá-lo! - zombou.

- Estou saindo para pescar. Além do mais vocês não conseguiriam suportar o ritmo da minha caminhada! - respondeu divertido. - Passe aqui ao final da tarde, menina, e pode ser que eu lhe dê os peixes que não conseguir comer.

- Pode ter certeza que passarei! - exclamou Carolina, voltando a cabeça, pois já se afastavam da cabana.

O velho homem abanou-lhe sorrindo, enquanto acariciava Duque. O cão, após a habitual sessão de carícias e lambidas, alcançou seus companheiros sem demora. Prosseguiram na caminhada por mais algum tempo. Já longe da casa de Pedro, tomaram o rumo da estufa de Anthony, parada obrigatória para este exhibir seus progressos à filha.

Quando chegaram ao laboratório, sobressaltaram-se ao encontrar Martin, que julgavam estar dormindo. Antes que pudessem dizer qualquer coisa, Martin foi logo dizendo:

- Papai, Carolina, tenham calma!

- Calma porque, meu filho? - indagou Anthony enquanto se aproximava de Martin.

- Nós não queremos machucá-los! - anunciou Martin.

Duque tentava festejá-lo pulando em seu redor, mas este nem percebia, pois tinha o olhar fixo no pai, enquanto as pernas tremiam.

- Nós...?

Anthony sobressaltou-se.

- Calma, papai. Eu e meus amigos... - interrompeu-se olhando assustado por sobre os ombros de seu pai. - Quem são vocês? - perguntou a dois desconhecidos armados com metralhadoras que saíam do mato por detrás de Anthony.

Pai e filha viraram-se imediatamente. Carolina tremia de nervosa, tentando entender a situação em que se encontravam.

- São nossos companheiros de jornada! - respondeu Estevan, saindo da estufa por detrás de Martin, onde até então estava escondido.

Ralph o acompanhava de perto. Ambos tinham em suas mãos pistolas, que Martin sabia serem brinquedos perfeitos, cópias fiéis dos modelos originais.

- O que está acontecendo aqui? - perguntou Anthony.

- Martin está tentando lhe explicar, senhor Alexander. - apressou-se em responder Estevan. - Trata-se de um seqüestro.

Martin voltou-se para o comparsa.

- Mas... Estevan, quem são eles? - inquiriu.

Estevan parou ao seu lado.

- Calma Martin, uma pergunta de cada vez. Primeiro vamos estabelecer a ordem por aqui.

- Calma, Martin! - reforçou Ralph. - Estevan logo vai lhe explicar o que está acontecendo.

- Amarrem os dois! - ordenou Estevan aos desconhecidos, falando em espanhol.

- Esperem aí! - gritou Martin, também em espanhol.

Os dois ignoraram a segunda ordem e puseram-se a amarrar Anthony e Carolina, sem que estes esboçassem qualquer reação. O inesperado da situação ainda não havia sido absorvido por ambos.

- Não foi isso que combinamos! - gritou novamente Martin, parando de frente para Estevan, agora falando em inglês.

- Martin... Você foi capaz de uma atitude destas? - interpelou Anthony, tentando se refazer do choque inicial.

Martin virou-se novamente para o pai.

- Papai, não é bem assim, eu... - Martin não sabia o que dizer ou fazer.

- Calem-se todos! - ordenou Estevan. - A partir de agora somente eu falo, caso contrário serei obrigado a pedir que sejam amordaçados. - completou, em tom ameaçador.

Martin caminhou na direção do pai e da irmã, postou-se ao lado deles como se tivesse a intenção de defendê-los, e ficou olhando para Estevan. Este esperou que todos absorvessem o impacto de suas palavras. Fez-se um longo silêncio entre todos os presentes, o que permitiu ouvir com clareza os ruídos da floresta.

- Martin... - recomeçou a falar. - Resolvi pedir ajuda a alguns amigos porque nenhum de nós três tem experiência na floresta, o que tornaria muito difícil o êxito de nossa ação. Não quis avisar-lhe antes para não deixá-lo preocupado. Pode ter certeza que não faremos nenhum mal a sua família.

- Mas quem são estes seus amigos?

- Apenas amigos. São velhos conhecidos e confio muito neles... Agora vamos prosseguir em nosso plano para não perdermos mais tempo. Temos uma longa caminhada pela frente.

Martin partiu na direção de Estevan e agarrou seu braço.

- Mas Carolina não estava incluída no seqüestro, ela seria libertada!

Estevan não perdeu a calma. Retirou a mão de Martin de seu braço, tendo o cuidado de não parecer hostil.

- Resolvemos fazer uma pequena mudança nos planos. Ela vai conosco para que possamos ganhar tempo. Quando sua mãe der pela falta dos dois, já estaremos suficientemente longe.

Anthony e Carolina assistiam à cena incrédulos e no mais profundo silêncio. Era como se assistissem a um filme na televisão, do qual não faziam parte.

- Mas como vamos avisar minha mãe? Ela chamará a polícia se sumirmos sem deixar pistas.

- Já pensamos nisso, acalme-se... Agora deixe-me estabelecer as regras para que todos tenhamos uma convivência pacífica: Em primeiro lugar, a partir de agora só se fala em espanhol, pois é o único idioma que meus amigos conhecem e eu não gostaria que ficassem nervosos por não entenderem nossas conversas. Em segundo e último lugar, - dirigiu-se a Anthony e Carolina. - nada de pistas para sermos encontrados, nem tentativas de fuga. Meus amigos poderiam ficar nervosos com isso também. E podem crer, eles têm muita experiência na floresta.

- Mas não vamos fugir pela floresta! - retrucou Martin.

- Houve uma outra pequena mudança nos planos. Meus amigos acham muito perigoso fugirmos pela estrada.

- Vocês estão cometendo uma loucura! - exclamou Anthony - Não podem fazer isso!

- Deixe que nós nos preocupemos com o que podemos ou não fazer, senhor Alexander!

- Estevan, ainda acho isso uma loucura! - protestou Martin.

- Confie em mim, Martin. Lembre-se que somos amigos e só estou aqui para ajudá-lo.

- Já começo a duvidar disto!

Martin falou de forma agressiva.

- Não diga isso, Martin. De quem foi a idéia deste seqüestro? Por acaso eu fui me oferecer para ajudá-lo?

- Mas você está mudando todos os nossos planos.

- Nossos planos iniciais não dariam certo. Você não tinha pensado em tudo, Martin.

- Porque vocês não me consultaram sobre todas estas mudanças? Eu...- Martin hesitou, atônito.

- Lembre-se que você nos disse que não se arrependeria, Martin, não pode fraquejar agora. Ânimo, meu amigo, tudo vai dar certo.

Martin começava a demonstrar resignação.

- Confie em Estevan. - reforçou Ralph, pousando a mão sobre seu ombro, numa atitude de amizade.

- Escute nosso plano, Martin. - retomou a conversa Estevan. - Só o colocaremos em prática se você concordar.

- Está bem... Conte-me... Parece-me que não tenho outra escolha mesmo.

- Não é bem assim, Martin... Ninguém está contra você. Estamos apenas tentando fazer tudo dar certo.

Martin impacientou-se.

- Já disse que está bem... Agora diga-me em que pensaram.

- Nossa proposta é a seguinte... podemos sedar seu cachorro e prendê-lo dentro da estufa, deixando junto dele uma mensagem escrita. Você disse que seu pai passa o dia lá dentro, então com certeza sua mãe virá procurá-los quando der pela falta dos dois. A esta hora o cachorro já estará acordado, e só então será encontrado, dando-nos uma boa distância à frente de qualquer um que venha em nosso encalço. Neste bilhete você dirá que está sozinho, não fará nenhum mal a eles e somente quer conseguir o dinheiro necessário para viajar. Sua mãe provavelmente não chamará a polícia e ficará aguardando seu contato.

- Você acha que dará certo?

- Tenho certeza!

- Duque não se machucará?

- Confie em mim!

Martin refletiu por algum tempo.

- Tudo bem... - murmurou. - Vamos fazer como você quer!

Anthony, acompanhado o desenrolar da conversa e com toda a experiência acumulada na sua carreira diplomática, percebeu rapidamente que se encontravam numa grande enrascada. Os companheiros de seu filho nada mais eram do que guerrilheiros de algum país vizinho ao Brasil. Estavam aproveitando-se de Martin para seqüestrar um embaixador americano. Não podia alertar seu filho, pois tinha certeza que se este se apercebesse disso, dariam cabo de sua vida, ou, na melhor das hipóteses, passaria a fazer companhia a ele e sua filha, como prisioneiro. Chegou a agradecer a Deus pela ingenuidade de Martin, que não percebia a situação. Enquanto isso, tratava de acalmar Carolina, para que esta não entrasse em pânico e tivesse alguma reação considerada provocativa.

- Senhores... - Estevan interrompeu os pensamentos de Anthony. - Quero primeiro apresentar-lhes meus amigos... Que a partir de agora serão também seus amigos, se assim o desejarem. - já falava em espanhol, conforme havia estabelecido que seria. - Estes são Cláudio e Homero.

Os dois, que estavam vestidos com roupas de guerrilha para camuflagem na floresta, esboçaram um sorriso, tentando parecer simpáticos.

- Olá!

Tentou também parecer simpático Ralph, que entendia apenas algumas palavras em espanhol, e percebeu que se tratava de uma apresentação. Homero ele já conhecia, pois os havia trazido até ali no dia anterior, mas Cláudio estava avistando pela primeira vez.

- Traga o sedativo! - pediu Estevan a Cláudio.

- Não exagerem na dose. - pediu Martin, preocupado com o cachorro.

- Não se preocupe, Cláudio tem experiência e sabe muito bem o que está fazendo. - tranqüilizou-o Estevan. - Enquanto isso, vá escrevendo o bilhete conforme combinamos. - disse, estendendo-lhe um papel e uma caneta.

- Está bem. - concordou Martin, agarrando-os e encaminhando-se para uma mesa dentro da estufa.

Após aplicarem uma injeção em Duque, Estevan e Cláudio o colocaram dentro da estufa, tendo o cuidado de prender em seu pescoço o bilhete já escrito por Martin. Fecharam a porta para que Duque não voltasse para casa quando acordasse, precipitando o início das buscas. Estevan anunciou:

- São oito e meia. Hora de partir!

Capítulo Oito

Cláudio andava sempre à frente do grupo. Era o guia e imprimia uma marcha bastante puxada à caminhada. Seguiam-no, em silêncio, Ralph e Martin, este preocupado em afastar os galhos e folhas que atrapalhavam a caminhada de seu pai e de sua irmã, que vinham logo atrás, pois estes, estando amarrados, não podiam fazê-lo. Por último, vinham Estevan e Homero, que conversavam animadamente, sem nunca perder de vista os prisioneiros. Martin diminuiu o ritmo de sua caminhada e esperou que Estevan o alcançasse.

- Para onde estamos indo? - perguntou, voltando-se para Estevan.

Estevan interrompeu sua conversa com Homero.

- Não se preocupe com isso. Cláudio conhece um bom local para ficarmos sem sermos encontrados.

- Eles precisam permanecer amarrados? - indagou novamente a Estevan, referindo-se ao pai e a irmã.

- Assim que estivermos em um lugar mais seguro eles serão soltos.

- Ótimo, não gostaria que se machucassem... Estamos muito longe?

- Somente Cláudio pode informá-lo... Mas sugiro que não pergunte agora, pois ele não gosta de ser distraído enquanto está concentrado em sua caminhada. Precisa sempre estar atento à direção a seguir.

Martin desistiu de obter a informação, apressou o passo e alcançou a irmã, segurando-a pelo braço.

- Você está bem, Carolina?

Carolina puxou seu braço para frente, desvencilhando-se do irmão e virando-lhe o rosto, ignorando a pergunta. Não aceitava a situação em que se encontrava. Preferia morrer a ter visto Martin submetê-los a esse sofrimento. Anthony acompanhou o movimento de revolta da filha e preferiu não interferir em favor de nenhum dos dois. Ambos passavam por momentos muito difíceis. Não era hora de contrariar nenhum deles, saindo em defesa do outro. Apesar de Martin estar ali por opção e Carolina pela força, contra sua vontade, Anthony percebia claramente que Martin estava prestes a explodir, e as conseqüências poderiam ser catastróficas. Martin compreendeu resignado a indignação da irmã. Ultrapassou novamente esta e seu pai e foi novamente para junto de Ralph.

Seguiram caminhando, sem paradas, por cerca de três horas. Carolina, exausta, protestou algumas vezes. Martin e Ralph, que levavam uma vida sedentária, também queixaram-se um pouco. Todos os outros eram acostumados a caminhadas pela mata e não demonstraram sentir o ritmo imposto por Cláudio.

Por volta do meio-dia, fizeram a primeira parada.

Martin aproximou-se de Cláudio.

- Já estamos perto? - animou-se a perguntar.

- Temos apenas mais alguns dias de caminhada para ficarmos em segurança.

- Alguns dias? Pensei que fôssemos ficar por perto da minha casa.

- Como poderíamos ficar por perto? Seríamos encontrados quando viessem nos procurar.

- Mas não seremos procurados... E eu preciso estar por perto para poder entrar em contato com minha mãe.

Estevan percebeu a irritação de Martin e colocou-se ao lado de Cláudio.

- Não se trata disso, Martin. - intrometeu-se. - Cláudio está tentando apenas se precaver de contratempos. E não se preocupe com sua mãe, alguém irá contatar-lhe em seu nome.

- Outra de suas surpresas, Estevan? Estou começando a ficar preocupado.

- Não tem com o que se preocupar, meu amigo. Apenas organizamos melhor o seu plano. Como você pretendia contatar com sua mãe do meio da floresta? Com sinais de fumaça?

- Eu não pretendia ficar na floresta... A idéia foi sua!

- É para nossa própria segurança. Além do mais, Cláudio nos guiará para outra saída na floresta, onde estaremos em total segurança. Prometo que seu pai e sua irmã estarão conosco sem nenhum arranhão.

- Preciso urinar. - interrompeu-os Carolina.

- Deixe-me pelo menos desamarrá-los. - pediu Martin a Estevan, assumindo uma postura mais humilde.

- Está bem. - respondeu este, após um gesto quase imperceptível de concordância de Homero, que os observava a uma certa distância. - Desamarre-os.

Martin desamarrou Anthony, enquanto Ralph desamarrava Carolina.

- Obrigado. - agradeceu Anthony, já com as mãos livres.

Carolina afastou-se um pouco do grupo para ter privacidade.

- Fique ao alcance de nossa vista, Carolina. - disse Estevan.

- Não se preocupe, Estevan, - disse Anthony. - Ela não tentará fugir. Sabe que não sobreviveria sozinha na floresta.

- Não queremos machucá-los, senhor Alexander. Estamos apenas sendo cuidadosos. Por favor, não tentem fugir. Martin ficaria muito triste se tivéssemos que machucá-los.

- Vocês não fariam isso! - exclamou Martin.

- Cláudio e Homero não gostam de perder seu tempo, Martin. Nós lhes pedimos ajuda e eles esperam uma compensação. Com a fuga de seu pai e de sua irmã não teríamos nada para oferecer-lhes.

Martin mais uma vez, enfrentou Estevan.

- Você pediu ajuda a eles e não nós.

- Não vamos retomar nossa discussão, meu amigo. O fato é que já estamos aqui e não gostaríamos de perder nossa preciosa mercadoria.

- Seu linguajar mudou muito, Estevan... Agora fala como um criminoso.

- E o que nós somos, Martin? Acabamos de seqüestrar duas pessoas.

- Não tentaremos nada. - intrometeu-se na discussão Anthony. - Podem ficar tranquilos, só queremos voltar para casa.

Ralph assistia a discussão em silêncio. Amava Carolina, fato que não havia revelado a ninguém. Não deixaria que a machucassem, nem que para isso tivesse que colocar sua vida em risco. Carolina voltou para junto do grupo.

- Acredito no senhor! - afirmou Estevan. - Muito bem... Já está pronta, Carolina? Então vamos almoçar.

Homero pegou alguns alimentos da mochila que carregava nas costas. Fizeram uma refeição rápida enquanto aproveitavam para descansar. Homero também alcançou a Carolina um sabonete repelente de insetos.

- Vai ajudá-la a suportar as picadas. Molhe os braços e o rosto e passe o sabonete, deixando a espuma. - disse, tentando demonstrar simpatia.

- Obrigada. - respondeu Carolina. - Já passei repelente hoje.

Anthony intrometeu-se entre os dois.

- Eu aceito sua oferta, Cláudio.

Pegou o sabonete repelente e passou a espalhá-lo por todas as partes descobertas do corpo. Também já havia passado repelente pela manhã, mas preferiu não demonstrar hostilidade aos seus raptos. Não contribuiria em nada para melhorar sua situação.

A uma hora da tarde retomaram a caminhada. Caminharam até que a escuridão da noite os abraçou. Fizeram, antes disso, apenas algumas paradas para beber água e descansar. Nessa hora cada um aproveitava para satisfazer suas necessidades fisiológicas.

Assim que anoiteceu, Cláudio procurou um local apropriado para passarem a noite. Acenderam uma fogueira e compartilharam novamente a mesma refeição do almoço. Assim que terminou de comer Carolina aninhou-se em seu pai, e o cansaço que sentia pelo dia de exercícios venceu sua angústia. Adormeceu profundamente.

Martin, Anthony e Ralph também adormeceram deitados à volta da fogueira. Estevan, Cláudio e Homero revezaram-se na função de vigilância. Montaram guarda tanto para que os prisioneiros não fugissem como para manter a fogueira acesa e afastar possíveis visitantes da floresta.

Os dias que se seguiram foram praticamente iguais ao primeiro. Tudo parecia também igual para quem, assim como Martin e Ralph, não conhecia a selva. Muitas vezes eram obrigados a caminhar de cabeça baixa, olhando os pés de quem estava à frente, pois a floresta era muito cerrada e os galhos batiam sempre no rosto. Andar de cabeça baixa era uma técnica utilizada para evitar que algum galho furasse os olhos quando voltasse, largado por quem ia à frente. Foram cinco dias de caminhada através da mata, com os tênis sempre molhados e embarrados.

Ralph, que conseguia entender muito pouco das conversas do grupo, tentava sem sucesso conversar com Martin em inglês. Este respondia apenas com monossílabos, pois no estado de tensão em que se encontrava não tinha condições de manter uma conversa muito animada com o amigo. Ralph tentou também algumas vezes manter conversas com Carolina, mas foi veementemente repellido por esta. Aproveitava então as paradas para tentar aprender mais alguma coisa de espanhol com Cláudio. Seu sotaque norte-americano divertia muito o interlocutor.

Anthony, apesar da angústia que apertava seu peito pela situação em que se encontrava juntamente com sua filha, e principalmente por esta ter sido causada pelo próprio filho, em nenhum momento perdeu seus instintos de habitante da selva. Percebeu que nos primeiros três dias, costearam o rio Negro, pois ouviu a correnteza deste permanentemente.

No amanhecer do quarto dia, afastaram-se do rio em direção a um pequeno planalto, que por vezes podia ser avistado através da copa das árvores mais altas, sempre tendo o sol as suas costas pela manhã e à frente ao final da tarde. No quinto e último dia, observou que mudaram novamente de direção, passando a contornar o planalto. Percebeu que novamente aproximavam-se de um rio, pois podia ouvir claramente seu ruído. Durante todo o trajeto procurou sempre conversar com Carolina sobre assuntos diversos, tentando aliviar seu sofrimento.

No quinto dia, Martin perdeu a paciência. Em meio à caminhada interpelou Estevan.

- Diga-me a verdade! Aonde estamos indo, afinal?

Estevan, mais uma vez, não perdeu a calma.

- A um lugar seguro, já lhe disse.

- Escute, eu posso ser um tanto desligado, mas estou começando a acreditar que vocês estão me escondendo alguma coisa.

Estevan fez cara de surpresa.

- E porque acredita nisso?

- Vocês parecem muito seguros de si, como se tivessem um plano já traçado há muito tempo e não um de última hora, como querem me fazer crer.

- Você está imaginando coisas.

- Conte-me a verdade, Estevan, não me faça de bobo.

- A verdade é que já estamos quase chegando ao nosso esconderijo. Tire fantasmas da sua cabeça, meu amigo. Eu prometo que assim que chegarmos ao nosso destino, vou mostrar-lhe uma parte da minha vida muito interessante. Se você já estava empolgado com nossa viagem à Europa, vai adorar participar desta parte da minha vida.

- Como assim?

- Todos temos que ter um objetivo na vida, Martin.

Martin demonstrava irritação.

- Sim, e daí?

- Daí que vou lhe oferecer uma oportunidade de dar um rumo interessante à sua vida.

- Obrigado, papai Estevan, mal posso esperar para que encaminhe o meu futuro. - disse Martin, com ironia.

Anthony, que acompanhava toda a conversa, mal pôde conter o riso diante da afirmação do filho. Até pareciam as intermináveis discussões que ele e Martin costumavam manter.

Em todos estes dias, o pai havia observado muito as atitudes do filho, que não tinha coragem de encará-lo. A cada segundo que passava era mais evidente seu arrependimento pela atitude tomada. Assim que teve a primeira oportunidade, aproximou-se do filho, durante a caminhada, e com muita calma, percebendo a situação delicada em que este se encontrava, tentou iniciar uma conversa. Anthony procurou não chamar a atenção dos outros para a conversa.

- Não estamos zangados com você, meu filho. - disse Anthony, tentando quebrar o gelo que havia entre os dois.

- Como podem não estar zangados comigo, papai? Meti-os nesta enrascada que nem mesmo eu sei como vai acabar.

- Não se preocupe com isso, tenho certeza que ficaremos bem.

- Como pode ter certeza?

- Todos os guerrilheiros precisam manter seus reféns vivos, pois mortos de nada lhe servem.

- Guerrilheiros? - assustou-se Martin.

Anthony colocou seu indicador da mão direita na posição vertical, em frente aos lábios, pedindo para que o filho falasse mais baixo.

- Você ainda não percebeu em que estamos metidos, meu filho? Estas pessoas usaram-no para chegar até mim.

- Mas papai, a idéia do seqüestro foi minha.

- Tem certeza? Você não foi manipulado?

- Eu...

Martin fitou o chão, reflexivo.

- Isso não importa agora, meu filho. Agora o mais importante é nos mantermos vivos. Nunca os desafie ou se oponha as suas decisões. De companheiro deles você pode virar refém a qualquer momento.

Martin olhou para o pai.

- Eles podem ser perigosos?

- Não sei... Devemos estar preparados para tudo... Proteja sua irmã sempre que puder, mas tome cuidado.

- Carolina nem fala comigo, papai.
- Isso é natural, não esperava que após o que você fez ela estivesse cobrindo-o de beijos... Esperava?

- Estou tão arrependido, papai.

- Não vá se entregar ao desespero, meu filho, precisamos muito de você.

- E se algo acontecer?

- Devemos sempre pensar no melhor, Martin. Saiba que sempre estarei do seu lado e que tudo o que fiz até hoje em relação a você foi pensando no seu bem.

- Se escaparmos dessa... - Martin tentou dizer alguma coisa, mas a emoção não o deixou prosseguir.

Anthony colocou a mão sobre seu ombro, num gesto de carinho. Ao perceber este movimento, Estevan aproximou-se para ver o que acontecia.

- Estamos tendo aqui uma tentativa de motim? - disse ironicamente, tentando inteirar-se da situação.

- Estou apenas tentando agradar meu raptor para ser bem tratado. - respondeu Anthony, também com ironia e presença de espírito, ao ser surpreendido por trás.

- Espero que sim... Tudo bem, Martin?

Martin tentou ser o mais natural possível.

- É claro que sim, afinal as coisas não estão saindo como pretendíamos? Ademais, você sabe muito bem que não sou inimigo de meu pai, apenas temos opiniões diferentes sobre a forma de levar a vida.

- É ótimo que se entendam, isso facilita tudo para nós.

Estevan, precavido, procurou manter-se por perto dos dois.

- Como eu ia dizendo, - continuou Anthony, pensando rápido, como era de se esperar de um embaixador e tentando transparecer tranquilidade, afastando qualquer suspeita de Estevan. - por favor, não deixe de avisar sua mãe que estamos bem, ela deve estar muito preocupada com nossa ausência...

Ao entardecer, Anthony percebeu que sua filha estava ficando muito abatida, e mais uma vez, tentou reanimá-la aparentando descontração.

- Nunca pensei que nosso passeio matinal fosse durar tanto! - tentou brincar.

- Estou com medo, papai!

- Tenha fé, minha filha. Nós somos muito valiosos para eles, não nos farão nenhum mal.

Enquanto conversavam, Anthony percebia que o ruído do rio, que vinha escutando desde o início da tarde, ficava cada vez mais forte e tinha certeza que se aproximavam de uma cachoeira.

- Pobre mamãe, será que suportará?

- Minha filha, em nossas peregrinações pelo mundo, já passamos por situações que você nem poderia imaginar. - tentou confortá-la. - Sua mãe é muito mais forte do que você pensa... Quando morávamos na Argélia, por diversas vezes estivemos frente à frente com guerrilheiros armados, e como você bem pode perceber, aqui estamos, são e salvos.

Foram interrompidos pelo guia, que anunciava a chegada ao seu destino. Anthony, Martin, Carolina e Ralph, que nunca tinham estado no local escolhido como cativo, olharam intrigados para o local apontado por Cláudio como destino da jornada. Estavam diante de uma cachoeira, cercada por montanhas. Não havia nenhum indicativo que tornasse o local propício para um acampamento permanente.

Capítulo Nove

Dez de junho de 1996, o telefone direto do diretor geral da CIA tocou. Quando isso acontecia, somente uma palavra vinha-lhe à cabeça: problemas. Do outro lado da linha, como de hábito, um assessor direto do presidente americano.

- Temos um sério problema... - ouviu-o dizer. - nosso embaixador na Colômbia, Anthony Alexander e sua filha foram seqüestrados por um grupo guerrilheiro.

- Que informações já temos a respeito? - indagou este objetivamente, já acostumado com notícias deste tipo.

- Por enquanto, quase nenhuma. A única que temos é uma ligação dos próprios guerrilheiros, vangloriando-se do feito... Nem a esposa do embaixador sabe ainda.

- Como isso é possível?

- Ela acredita que o marido foi seqüestrado pelo filho, ligou-nos há alguns dias para pedir ajuda.

O diretor surpreendeu-se.

- Pelo filho?

- Isso mesmo... Eles desapareceram no dia cinco de junho. Foi encontrado um bilhete escrito pelo filho, assumindo a autoria do seqüestro, no local do desaparecimento.

- E como não fomos comunicados?

- Acionamos o FBI, pois até então tratava-se de um possível seqüestro. Acreditávamos até que pudesse ser uma brincadeira mal sucedida. O FBI já possui uma cópia do bilhete e está no local investigando.

- Preciso de uma cópia deste bilhete.

- Parece-me também, que eles já levantaram algumas informações muito importantes a respeito do filho do embaixador.

- Vou entrar em contato com eles para inteirar-me da situação. Também vou enviar uma equipe de agentes para acompanhar as investigações.

- Precisamos discutir qual será nosso procedimento junto à senhora Sarah, esposa de Alexander.

- Deixe-me primeiro verificar todas as informações que temos a respeito da família. Vou juntá-las às do FBI, e assim que tivermos mais subsídios, discutiremos este assunto.

- O presidente acha que ela deve saber da verdade.

- Dê-me algum tempo. Precisamos analisar todas as conseqüências... Você sabe que se a imprensa tomar conhecimento do fato, nossas investigações ficarão prejudicadas.

- A esposa do embaixador também não gostaria que esta história viesse à tona, não somente por seu marido, mas principalmente por causa de seu filho.

- Imagino... A imprensa sensacionalista adoraria explorá-la.

- Bom... De quanto tempo precisam?

- Ainda não sei. Como já lhe disse, primeiro precisamos nos inteirar melhor da situação.

- Está bem... Mas ajam depressa, não podemos deixar a situação ficar fora de controle.

- Não se preocupe com isso. Se existe uma coisa em que somos especialistas, é em manter o controle da situação.

- Ficarei aguardando seu contato.

- O.K.!

Assim que a conversa se encerrou, o diretor geral da CIA tratou de convocar seus principais agentes para uma reunião em sua sala. Colocados a par da situação, cada equipe recebeu sua incumbência. A ação iniciou-se imediatamente.

A CIA recebeu do FBI um dossiê completo a respeito de Martin, com todos os seus passos nos últimos meses. O FBI, em suas investigações, já havia chegado até Joseph, e preparava-se para interrogá-lo. Com a entrada da CIA no caso, convidou-a a participar do interrogatório.

- Sente-se. - disse o agente especial do FBI a Joseph, assim que este entrou na sala.

Joseph, assustado com todo aquele alvoroço, sentou-se prontamente na cadeira que lhe era indicada. Ainda lembrava-se claramente da ameaça que havia recebido há alguns dias. O agente ficou em pé, com os braços cruzados e com uma mesa entre eles.

- Você sabe por que está aqui? - perguntou o agente.

Joseph tentou fazer cara de surpresa.

- Não faço a menor idéia.

O agente percebeu logo que não seria fácil fazê-lo falar. Colocou as duas mãos sobre a mesa, aproximando-se do interrogado.

- Antes de mais nada garoto, gostaria de lembrar-lhe que não temos tempo a perder e não estamos aqui para brincadeira.

Joseph limitava-se a escutá-lo em silêncio.

O agente continuou.

- Gostaria de lembrar-lhe também, que obstruir investigações federais é um grave crime neste país.

Somente o agente que o havia mandado sentar, falava. Os outros agentes presentes ao interrogatório limitavam-se a escutar.

- Não estou contrariando lei alguma, pelo que sei.

- E o que você entende de leis, garoto?

- Tudo o que sei é que não fiz nada de errado.

Percebendo que não ia chegar a lugar algum, o agente resolveu mudar de tática.

- Você não está sendo acusado de nada, Joseph. - tentou parecer simpático. - Apenas estamos precisando de sua ajuda.

O interrogado permanecia irredutível.

- Sinceramente, não sei em que posso ajudá-los.

- Escute garoto, se está com medo de alguma coisa, nós somos os únicos que podem lhe ajudar.

Joseph fitou-o atentamente. O agente, sentindo que suas palavras haviam surtido efeito, continuou.

- Vou lhe perguntar mais uma vez... Sabe por que está aqui?

- Acredito que sim... - rendeu-se Joseph.

O agente sorriu, vitorioso. Finalmente havia conseguido dobrar o garoto e obtinha o controle da situação. Havia sido mais fácil do que esperava, reconheceu para si mesmo.

- Então?...

O interrogado permaneceu calado por algum tempo, como se escolhesse a melhor forma de contar o que sabia, o agente apercebendo-se disso, decidiu não pressioná-lo.

- Andaram me fazendo algumas perguntas sobre Martin nos últimos dias. - começou, finalmente a falar Joseph. - Acredito que esteja aqui por causa dele.

- E o que tem a nos dizer? - insistiu o agente.

Foi a vez de Joseph perguntar.

- Martin fez o que estou imaginando?

Todos os outros agentes presentes passaram a prestar mais atenção na conversa.

- Depende do que esteja imaginando rapaz.

- Ele... seqüestrou o pai?

- O que sabe sobre isso?

- Seqüestrou?

Joseph insistiu na pergunta. O agente resolveu admitir a situação, para que a conversa pudesse evoluir mais rapidamente.

- Sim. Seqüestrou...

Joseph não conseguiu disfarçar sua tristeza. Não era possível que Martin tivesse realmente feito aquilo!

- Agora conte-nos o que sabe sobre isso. - continuou o agente.

Joseph resolveu contribuir com as investigações. O que seus amigos haviam feito não estava certo. Contou tudo o que sabia, começando pelos encontros habituais entre os quatro amigos, até a ameaça que recebera de Estevan pelo telefone, no dia em que Martin os havia chamado para planejar a seqüestro.

- E o que sabe sobre Ralph e Estevan? - inquiriu o agente, depois de ouvir atentamente toda a explanação feita pelo garoto.

Joseph, que havia falado quase sem parar por um longo tempo, tomou um bom gole do café, que alguém, em uma atitude simpática, havia acabado de trazer para ele.

- Ralph é meu amigo há muitos anos, crescemos juntos no mesmo bairro. Ultimamente anda participando de movimentos políticos estudantis, e chegou a convidar-me para participar de passeatas e reuniões, mas nunca o acompanhei a nenhuma... - fez uma pausa para um segundo gole de café. - Quanto a Estevan, conheço-o há pouco tempo, apenas há algumas semanas, talvez uns dois meses. Contudo, como já falei, tenho a convicção de que foi ele que me ameaçou pelo telefone.

- Estevan é colega de Ralph?

- Não... Pelo que sei, encontraram-se na universidade, mas não cursam a mesma faculdade. Para dizer a verdade, não sei se Estevan freqüenta algum outro curso na universidade.

- Reconheceria uma foto de Estevan? - perguntou, falando pela primeira vez, um agente da CIA que assistia ao interrogatório.

Enquanto falava, o agente largava um álbum de fotografias em cima da mesa onde Joseph estava apoiado. Na capa do álbum, que era preto, podia-se ler em letras grandes e douradas:

“Guerrilheiros Sul Americanos com possível atuação no país”

- Acredito que reconheceria. - respondeu Joseph, largando seu copo de café e puxando o álbum para si. - tenho-o visto muito nas últimas semanas.

Os agentes acompanharam atentamente cada página virada por Joseph. A cada nova página, a tensão crescia entre os que o cercavam.

Após um bom tempo de procura, quando o álbum já estava quase no final, todos tomaram um susto. Joseph empurrou-o, num movimento brusco para frente.

- É esse! - gritou, como se tivesse visto um fantasma.

O agente que havia largado o álbum sobre a mesa virou-o para si.

- Pablo Carreras... - murmurou, após um longo assobio que arrepiou a todos. - Com que tipo de gente vocês se meteram, garoto?

- É perigoso? - perguntou Joseph, assustado.

O agente respirou fundo.

- Não há atrocidade registrada em guerrilhas políticas que Pablo já não tenha realizado... - e, virando-se para os outros agentes, continuou. - Já participou de vários grupos guer-

rilheiros através do mundo, na Europa e América do Sul. Já suspeitávamos de sua presença por aqui, mas não conseguíamos confirmá-la.

- Eu corro algum perigo? - assustou-se mais ainda Joseph.

- Agora provavelmente não, garoto. - respondeu o agente pousando a mão no seu ombro solidariamente. - Eles já tem o que queriam, não têm porque se arriscar atacando alguém por aqui.

- E se estiver enganado?

- Dificilmente me engano nestes casos, Joseph. Conheço a forma de pensar e de agir dos guerrilheiros. Mesmo assim, por enquanto vamos manter você e sua família com proteção especial, só por precaução.

- Pois não! - atendeu o assessor do presidente americano ao telefone.

- Já temos todas as informações que precisávamos! - anunciou o diretor geral da CIA, do outro lado da linha.

- E então?

- Trata-se de gente muito perigosa. Devemos tratar o caso com cuidado. Acredito que devemos encaminhá-lo no mais absoluto sigilo.

- Como faremos isso?

- Devemos desmentir veementemente qualquer boato que vazar para a imprensa.

- E a senhora Sarah, a esposa de Alexander, deve tomar conhecimento do que sabemos?

- Vocês é que devem decidir se ela deve saber ou não. Na minha opinião ela não deve saber, pois poderia ser muito perigoso para ela envolver-se nisso.

- Está bem. Vou falar com o presidente. Provavelmente ele queira conversar com você pessoalmente, antes de tomar uma decisão.

- Estamos aqui para isso!

Capítulo Dez

- Cláudio não está louco... - disse Estevan, rindo divertido das expressões perplexas dos que nunca tinham estado ali, diante da afirmação do guia de que haviam chegado ao seu destino. - Realmente chegamos ao local onde passaremos nossos próximos dias.

- Sigam-me com cuidado! - exclamou Cláudio, dirigindo-se para um dos lados da cachoeira. - Algumas pedras têm bastante limo e se resvalarem podem cair e sofrer ferimentos graves.

- Mas... onde estamos indo? - perguntou Martin, ainda intrigado.

Estevan apontou para Cláudio, que já ia bem a frente de todos, pois haviam ficado parados.

- Siga o Cláudio que você descobrirá.

Resignados, todos partiram atrás do guia, formando uma fila indiana. Estevan e Homero ficaram por últimos. Avançaram por baixo da cachoeira, e repentinamente a água parou de cair a sua frente. Estavam numa caverna.

- Estamos embaixo da cachoeira! - Carolina gritou espantada.

Ninguém a ouviu, pois o barulho da água que caía atrás deles era ensurdecedor. Anthony não falava. Estava embasbacado diante de tamanha maravilha da natureza. Havia entrado na cachoeira, que escondia em seu interior um rio subterrâneo, que corria para encontrar-se com as águas que caíam. Estavam numa espécie de túnel, com o rio correndo no meio e duas margens muito estreitas, moldadas na pedra. Caminhavam por uma das margens. Tinham uma certa dificuldade em enxergar o caminho a seguir, porém era possível enxergar a luz que vinha da outra saída. A caverna não era muito longa, tinha cerca de cem metros.

Ao saírem do outro lado, mal podiam ouvir a queda d'água. Deste lado da caverna, apenas águas tranquilas corriam em sua direção. A visão que tiveram a seguir foi ainda mais impressionante. Estavam diante de um enorme acampamento. Era um pequeno vale entre duas montanhas, que se encontravam ao fundo, formando a letra "O". O vale tinha como única entrada a cachoeira. Dentro deste vale havia um acampamento guerrilheiro, que era uma verdadeira cidade. Havia também uma cachoeira dentro do vale, ao fundo, pertencente ao rio que servia como cortina na entrada. O rio de dentro do vale nada mais era que um braço do mesmo rio, e voltava a se encontrar com ele na entrada da caverna. O veio principal do rio corria por através das montanhas que circundavam o acampamento.

Os guerrilheiros confiavam tanto na impossibilidade de alguém encontrar a entrada do vale que nunca colocavam guardas do lado de fora. Os reféns sempre chegavam até o acampamento vendados para não perceberem por onde tinham passado. A única exceção à regra tinha sido feita a Anthony e Carolina, pois tinham informações de que Anthony conhecia muito bem a selva e que, de qualquer forma, conseguiria chegar ali novamente. Por isso não tinham nenhuma intenção de deixá-lo sobreviver após o fim do seqüestro.

Assim que avistou o acampamento, Martin perguntou:

- O que significa isso, Estevan?

- Já lhe explico, meu amigo. Mas primeiro vamos receber as boas vindas de nossos companheiros. - respondeu Estevan, apontando para alguns homens uniformizados que se aproximavam, vindos do acampamento.

Martin espantou-se.

- Companheiros?

- Tenha calma, assim que estivermos instalados, prometo que lhe explico tudo.

Martin virou-se para o pai, tentando obter apoio. Este apenas fez um gesto com as mãos pedindo-lhe que tivesse calma. Os dois grupos pararam frente a frente. Um dos homens que vinham na direção dos recém chegados, aparentando ser o líder, dirigiu-se a Estevan.

- Quando vieram me avisar que já estavam chegando não acreditei... Vieram muito mais rápido do que esperávamos.

- Cláudio é muito bom... É o melhor guia que conheço. - Estevan respondeu orgulhoso.

- Meus companheiro de jornada colaboraram muito. - Cláudio completou, com falsa modestia.

- Seja bem-vindo, meu amigo Pablo. - saudou o anfitrião.

Agora não era somente Martin que estava espantado. Carolina e Anthony também surpreenderam-se com o nome que os estranhos haviam chamado Estevan.

- Pablo? - Martin perguntou a Estevan.

Não obteve resposta. Estevan e o líder do outro grupo se abraçaram.

- Olá, velho amigo... Há quanto tempo não nos vemos? - cumprimentou Estevan.

- Há muito tempo... - respondeu. - Sentimos muito a sua falta.

Estevan sorriu.

- Não exagere, Sebastian.

O estranho dirigiu-se a Cláudio.

- Sabia que conseguiriam chegar até aqui. Cláudio, você e Homero são nossos melhores homens.

Cláudio e Homero também sorriram lisonjeados.

- Desculpe-me se atrapalho esta feliz confraternização, mas posso saber o que está acontecendo? - intrometeu-se Martin.

Estevan, que havia se adiantado dos companheiros de jornada, virou-se novamente para estes e caminhou na direção de Martin.

- Muito bem, meu amigo. - respondeu. - Chegou a hora de lhe contar toda a verdade... Vamos até a tenda de Sebastian.

Estevan colocou sua mão no braço de Martin, tentando transmitir-lhe segurança.

Martin esquivou-se revoltado.

- Já era hora de me explicar toda essa palhaçada.

Estevan desistiu de tocá-lo. Apenas indicou a direção que deveriam seguir. Os dois encaminharam-se ao centro do acampamento. Enquanto isso, os outros recém-chegados eram recebidos pelos homens uniformizados que acompanhavam Sebastian. Martin e Estevan, chegando ao centro do acampamento, entraram na tenda. Não havia ninguém lá dentro.

- Sente-se. - Estevan apontou uma cadeira de lona, que ficava ao fundo.

Martin sentou-se, resignado.

- Você me enganou o tempo todo? - perguntou indignado, olhando diretamente para Estevan.

Estevan sentou-se no canto de uma escrivaninha que ficava ao lado da cadeira em que Martin havia se sentado.

- É claro que não, meu amigo! Apenas dei uma dimensão maior a sua idéia... Mas agora escute-me com atenção que quero colocá-lo a par de toda a situação.

- Se você fizer algum mal a minha família, eu juro que te mato com minhas próprias mãos! Não importa o que possa me acontecer!

- Calma, Martin... Nós não pretendemos fazer mal a ninguém... E para provar nossas boas intenções, quero convidá-lo a fazer parte de nosso movimento.

Martin estava impaciente.

- Que tipo de movimento?

- Deixe-me explicar... em primeiro lugar, meu nome verdadeiro é Pablo Carreras e é assim que eu gostaria de ser chamado a partir de agora.

- E porque usava o nome Estevan?

- Porque existem pessoas que acham que sou perigoso. Por isso, sou muito procurado por alguns serviços secretos, o que me obriga a omitir meu nome em algumas situações... mas não é verdade que eu seja perigoso.

- E... qual é a verdade?

- Na verdade, somos um grupo que busca o melhor para o nosso país. Não concordamos com a atual situação em que este se encontra e procuramos mudar o estado das coisas.

- Que país?

Martin disparava uma pergunta atrás da outra.

- Somos na maioria colombianos, mas contamos com vários voluntários de todas as partes do mundo, como por exemplo, o Ralph. Gostaríamos de poder contar com você também nesse nosso ideal.

- Ralph sabia de tudo o tempo todo?

- Sabia... Mas antes que comece a xingá-lo, preciso acrescentar, em sua defesa, que ele queria explicar-lhe tudo antes de irmos, e eu não concordei.

- Porquê?

Estevan fez uma pausa antes de explicar seus motivos.

- Achei melhor contar-lhe tudo somente agora, pois você está em uma encruzilhada muito difícil na vida. Encontra-se numa época de escolhas e eu temia que você pudesse desistir antes de começarmos esta operação, que para nós é muito importante...

- Então vocês me usaram o tempo todo... não acredito que Ralph tenha feito isso comigo.

- Não é verdade que o tenhamos usado, Martin! Queremos lhe dar a oportunidade de dar um rumo melhor ao seu futuro! Ralph já se uniu a nós, por acreditar em nosso ideal. Quero que você converse com ele mais tarde, quando estiver mais calmo.

- Quais são seus planos para nós?

- Acabamos de iniciar um programa de treinamento para jovens assim como você, Martin. Pela primeira vez estamos trazendo um grupo de jovens inexperientes para este acampamento, pois acreditamos que participando ativamente das atividades reais, desde o início de sua militância, vocês ficarão muito mais bem preparados para agir no futuro.

- E o que fazem com seus prisioneiros?

- Não somos torturadores nem assassinos, se é nisto que está pensando. Apenas usamos as pessoas que temos em nosso poder em trocas por alguns companheiros nossos que estejam presos ou para conseguir algum acordo que melhore as condições de vida do povo da Colômbia.

- E quando não conseguem atingir seus objetivos?

Martin demonstrava, a essa altura da conversa, preocupação pela vida de seus familiares.

- Sempre conseguimos atingi-los, Martin. Sei que está preocupado com seu pai e sua irmã, mas prometo-lhe que não deixarei que toquem um só dedo neles...

- Que garantias eu tenho que esteja falando a verdade? Até agora só tenho ouvido mentiras!

- Mantemos aqui, outros prisioneiros, provenientes de vários lugares do mundo... Você pode constatar pessoalmente como todos eles são bem tratados.

- E se eu não concordar em participar do seu movimento?

- Você é livre para deixar-nos quando bem entender. Não é nosso prisioneiro, eu o tenho como um bom amigo e posso garantir-lhe que ninguém lhe fará mal algum.

- E minha família?

- Seu pai é muito importante para nós. Tanto o governo da Colômbia como o governo dos EUA aceitarão negociar sua libertação. Infelizmente, para você, não podemos deixá-lo sair livre. Porém, confie em mim, ninguém fará nenhum mal a ele.

- E minha irmã?

- Se você decidir-se por nos deixar, prometo-lhe que deixaremos sua irmã partir junto. Mas, se decidir ficar conosco, ela será muito bem tratada, e assim que for possível, nós a colocaremos em liberdade.

- E em que eu posso lhes ser útil?

- Não se preocupe com isso por enquanto... Quero que pense com calma antes de dar-me uma resposta, depois posso explicar-lhe melhor nossa causa e você achará seu próprio espaço dentro de nosso movimento. O povo da Colômbia é muito sofrido, Martin. Tudo o que fizemos para ajudá-lo será pouco!

Enquanto Pablo falava, Sebastian entrou na tenda e também ficou a ouvi-lo. Quando terminou de falar, Pablo virou-se para ele.

- Interrompo alguma coisa? - perguntou Sebastian.

- Não nos interrompeu. - respondeu Pablo, ainda sentado, mas agora virado para a entrada da tenda. - Já estávamos acabando nossa conversa. - e, virando-se novamente para Martin, completou. - Martin, este é Sebastian... Nem tive tempo de apresentá-los antes.

Sebastian estendeu sua mão direita em direção a Martin para cumprimentá-lo. Este re-lutou um pouco antes de estender a sua, mas por fim acabou estendendo-a.

- Bem-vindo ao nosso acampamento! - exclamou Sebastian.

- Sebastian é nosso líder! - anunciou Pablo.

- Não é verdade! - disse Sebastian. - Aqui não temos líderes nem liderados, todos somos companheiros. Minha função é apenas de coordenar nosso acampamento para que se possa ter alguma organização. Já imaginou cada um fazendo o que bem entende?

- Certamente não daria certo. - respondeu timidamente Martin.

- Se quiser ver onde acomodamos seu pai, posso pedir a alguém que o leve até lá.

- Gostaria muito de falar com eles... Quero tranquilizá-los, pois devem estar preocupados.

- É ótimo que se preocupe com eles! - disse Sebastian. - Não pretendemos maltratá-los, e quero que entendam isso.

- Estevan... Pablo já me explicou como costumam agir.

- E então, decidiu ficar conosco?

- Ainda não. - apressou-se em responder Pablo. - Mas vai pensar com calma e nos dará uma resposta.

Sebastian procurou ser simpático com Martin, que parecia muito assustado.

- Será muito bem recebido por todos aqui, Martin. Espero sinceramente que fique conosco.

Martin levantou-se.

- Prometo pensar no assunto. Agora podem me levar até meu pai?

- Certamente! - respondeu Sebastian, que de pronto, botou a cabeça para fora da tenda e chamou por um comandante.

- O que você acha? - perguntou Sebastian a Pablo, assim que Martin deixou a tenda.

- Acredito que ficará conosco.

- Tomara que fique. Seria um desperdício sacrificar alguém tão jovem sem necessidade.

- Isso só dificultaria nossos planos, Sebastian. Se ele não quiser unir-se a nós, vamos juntá-lo ao pai e a irmã.

- Deixaremos para pensar nisso depois. E Ralph, podemos confiar nele?

- Com certeza... Apesar de sua grande amizade com Martin, desde o início apoiou nossa idéia sem vacilar uma única vez.

- Ótimo, é muito bom contar com bons homens.

As tendas que abrigavam os prisioneiros eram localizadas no fundo do acampamento e eram todas cercadas por grossos saibros, que cruzavam-se formando um "X" em ambos os sentidos, tanto para dentro como para fora do cercado. Havia também muito arame farpado amarrado por entre os saibros, os quais eram pontiagudos em sua extremidade posterior. Era impossível transpor o cercado sem correr o risco de sofrer sérios ferimentos. O único acesso ao cercado era um portão de cerca de dois metros de largura, permanentemente vigiado.

Martin entrou na tenda em que se encontravam o pai e a irmã. Observou que havia um guerrilheiro armado ao lado da entrada. Encontrou ambos sentados, lado a lado, em silêncio. Carolina apoiava sua cabeça no ombro direito do pai, que como ela, fitava o chão de barro socado. Nem perceberam que era ele quem havia entrado.

- Olá, papai!

Anthony surpreendeu-se com a chegada do filho.

- Olá, Martin! - saudou, levantando os olhos na direção da entrada.

Carolina também voltou-se para ele.

- Estão sendo bem tratados? - perguntou Martin.

- Para dois seqüestrados, estamos sendo tratados como reis, meu filho. - respondeu, tentando deixá-lo a vontade.

- E você, Carolina?

- Não vou responder-lhe, Martin. Ainda não o perdoei pelo que nos fez!

- Não imaginava que estava nos metendo nisso, maninha... Mas, prometo que não vai acontecer nada de mal a vocês.

Carolina fuzilou-o com o olhar.

- Nada além de sermos seqüestrados, andar cinco dias pela selva e ainda sermos vigiados por um gorila vinte e quatro horas por dia? - retrucou, sarcástica.

- Juro que não planejei isso, Carolina! Vou fazer o possível para que isso seja tudo pelo qual vocês passem.

Carolina deu de ombros.

- Não faça nenhuma bobagem, meu filho. - intrometeu-se Anthony. - Já conversamos sobre isso. Você não pode enfrentá-los.

- Sei disso, papai. Mas mesmo assim, garanto que nunca os abandonarei! Sebastian... isto é, Pablo convidou-me para fazer parte da organização deles. Ainda não lhe dei minha resposta, mas acho que vou aceitar a oferta para poder ficar perto de vocês.

- Acredito que sejam perigosos, Martin.

- Pablo disse-me que lutam para o bem do povo colombiano. Disse-me também que não praticam atos extremistas. Procuram agir da maneira mais pacífica possível.

- Considera pacífico matar o povo colombiano em atentados?

- Pablo me disse que o grupo dele não age assim.

- Cuidado, meu filho... Eles podem usá-lo em ações criminosas.

- Saberei me cuidar, papai. Você sabe que eu nunca seria capaz de ferir alguém, quanto mais um inocente. Além disso precisamos ganhar tempo para acharmos uma forma de vocês saírem daqui.

- Esse grupo guerrilheiro é muito grande, meu filho. Você já observou o tamanho deste acampamento?

- Realmente é muito grande, papai. Observei isso enquanto me dirigia para cá.

- Observou também quantas tendas tem guardas de vigia?

- Percebi algumas.

- Em todas elas devem haver prisioneiros.

- Será?

- Com certeza, Martin. Tome cuidado, estamos lidando com um grupo muito forte.

Neste momento, Ralph entrou na tenda, ocupada até então somente pelos três.

- Olá! - saudou.

Antes que Ralph tivesse tempo para qualquer reação, Martin veio em sua direção e desferiu-lhe um violento soco no rosto. Ralph foi jogado ao chão. Um filete de sangue escorreu do canto de sua boca.

Anthony partiu atrás do filho e segurou-o pelos braços, tentando imobilizá-lo.

- Calma, Martin, isso não levará a nada! - interveio Anthony. - O que está feito, está feito!

- Porque você não me contou nada? - gritou Martin. - Eu confiava em você, agora olha só onde estamos metidos!

- Eu queria lhe contar... - respondeu Ralph, ainda deitado, tentando recuperar-se do susto. - Pablo achou melhor esperarmos.

- Grande amigo você me saiu.

- Continuo sendo seu amigo, Martin. Entenda que tudo o que fiz foi pensando no melhor para nós.

- Melhor para nós? Seu pai e sua irmã estão presos no meio da selva?

Já havia, neste momento, vários soldados junto à entrada da tenda, atraídos pelo barulho dos gritos de Martin.

- Acalme-se, Martin! - pediu Anthony. - Isso somente pode prejudicá-lo!

- Está bem, papai. Pode me soltar. - disse Martin, um pouco mais calmo.

- Acredite em mim, Martin. Ainda sou seu melhor amigo! - exclamou Ralph.

- Desculpe-me. - disse Martin resignado, enquanto estendia a mão para ajudar o amigo a levantar-se.

Vendo que a situação já estava sob controle, os guerrilheiros, que acompanhavam tudo sem interferir, retiraram-se da volta da tenda, retornando aos seus postos de guarda.

- Una-se a nós, Martin! - disse Ralph, enquanto se levantava. - Nosso movimento é muito nobre, não queremos prejudicar ninguém.

- O que você sabe sobre eles, Ralph?

- Durante todo o tempo em que estive com Pablo, nunca ouvi falar que fizesse mal a alguém. É um idealista, não é radical.

- E sobre o resto do grupo, o que sabe?

- Sei muito pouco sobre eles, mas acredito que sejam como Pablo. Afinal de contas, ele não pertenceria a um grupo que tomasse atitudes diferentes das suas.

- Espero que esteja certo, caso contrário estaremos em maus lençóis.

- Confio em Pablo assim como confio em você, Martin... e você, o que vai decidir?

- Acho que não tenho escolha... vou aceitar o convite. É tarde demais para recuar.

- Você não vai se arrepender, Martin! Vamos dar a boa notícia para Pablo?

- O.K.!

- Cuide-se, meu filho. - disse Anthony, atento à conversa dos dois.
- Não se preocupe, papai. Virei sempre aqui para ver se estão bem.
- Cuide-se, Martin. - surpreendeu-o Carolina, abraçando-o.
- Não se preocupe, maninha! Pode não parecer, mas eu sei me cuidar muito bem!

Ralph limitou-se à observar o carinho que Carolina tinha pelo irmão, esperava que ela pudesse perdoá-lo pelo que fizera.

Enquanto voltava à tenda de Sebastian, Martin percebeu que, como seu pai havia dito, várias tendas de dentro do cercado eram vigiadas por guerrilheiros armados.

- Será que existem muitos prisioneiros por aqui? - indagou a Ralph.
- Pablo me disse que existem poucos, pois eles logo são negociados e libertados.
- Não se vê notícias na imprensa de negociações rápidas nestes casos.
- Existem muitas coisas que a imprensa nem fica sabendo, Martin. Prefiro acreditar em Pablo.

- Na situação em que estamos, precisamos acreditar em Pablo...

- Falando nele... veja quem vem lá. - interrompeu-o Ralph, apontando para um grupo que se aproximava. No grupo vinham Pablo, Sebastian, Homero, além de dois outros desconhecidos de Martin.

- Pensei que iríamos encontrá-los aos socos! - adiantou-se Pablo.

- As notícias andam depressa por aqui! - retrucou Ralph.

- Precisamos estar muito bem informados sobre o que acontece no acampamento, caso contrário correríamos o risco de perder o controle sobre o mesmo, o que não seria nada bom. - disse Sebastian.

- Está certo. - concordou Martin. - Mas nós não brigamos, eu apenas estava um pouco nervoso com tudo o que aconteceu e perdi o controle por um momento. Peço desculpas se causei algum transtorno.

- Tudo bem, Martin. Não precisa se desculpar por isso. - contemporizou Pablo.

- Martin tem uma boa notícia para nós! - mudou de assunto Ralph. - não é mesmo, Martin?

- Tenho sim... Resolvi unir-me a vocês.

- Que grande notícia, meu amigo. - festejou Pablo.

- Seja bem-vindo a nossa família. - completou Sebastian.

Tarde da noite, após participar das comemorações pelo êxito da operação de seqüestro, entre os líderes do acampamento, Sebastian retornou à sua tenda. Maria, sua companheira, recebeu-o visivelmente irritada.

- Está satisfeito com o que fez? - interpelou-o.

- Pode estar certa disso! - respondeu ele, sem muita disposição para discutir.

- Como pretende enganar o garoto durante tanto tempo?

- Isso nós veremos...

- Será mesmo necessário matá-los?

Sebastian preparava-se para deitar. Sentou-se na cama, de costas para Maria, que já estava deitada na mesma cama e começou a retirar sua botinas.

- Já conversamos sobre isso... - respondeu.

Maria tentou mudar o rumo da discussão.

- Você está tão mudado Sebastian. - disse, enquanto tocava-lhe as costas, já sem camisa.

Sebastian levantou-se furioso.

- Já lhe disse que não estou mudado, apenas tenho que tomar decisões mais importantes, desde que sou um dos líderes do movimento.

- E estas decisões não poderiam preservar a vida de inocentes?

Sebastian sentou-se novamente na cama, agora pronto para dormir, levantou o lençol e deitou-se por baixo dele.

- Não vamos mais discutir sobre isso...

Maria, resignada, virou de costas para ele e desistiu da discussão. Não havia concordado com este seqüestro, desde que soubera que não pretendiam libertar Anthony, mas sim assassiná-lo, assim que conseguissem o que queriam. Não era assim que eles costumavam agir, sempre preservavam a vida dos reféns, as mortes acontecidas nas suas ações eram as estritamente necessárias e inevitáveis. Ainda tinha esperanças de demover seu companheiro desta idéia, mas este não era o momento certo.

Capítulo Onze

Os dias no acampamento guerrilheiro passavam muito lentamente para Anthony e Carolina. Durante os dois primeiros dias, permaneceram a maior parte do tempo confinados em sua tenda, sem nenhum contato com os líderes. Seus algozes permitiam que dessem algumas caminhadas pelo acampamento em determinados horários, para se exercitarem. Ambos estranharam, que apesar de haverem muitas tendas com vigias, não haviam visto nenhum outro seqüestrado. Todos os dias, à tardinha, podiam banhar-se, rapidamente, e sempre sob vigilância, nas águas do rio que circundava o acampamento. Também receberam roupas limpas e botinas para trocarem pelos seus tênis, sujos e rasgados. Perceberam também em suas caminhadas que o acampamento era muito bem organizado e que os cargos hierárquicos eram muito respeitados.

Anthony, conversando com o guerrilheiro que os acompanhava durante suas caminhadas, soube que a água que consumiam era tratada com tecnologia idêntica à dos exércitos mais adiantados do mundo. Conheceram também o gerador, que fornecia a energia necessária para abastecer todo o acampamento. Era um grande dínamo, movimentado pelas águas do rio que circundava o acampamento. Todas as tendas tinham luz elétrica. As frutas, raízes e peixes que consumiam eram obtido na própria selva. Parte do alimento vinha das plantações cultivadas às margens do rio. Uma vez por mês chegava um carregamento, vindo de outro acampamento, contendo os suprimentos que não podiam ser obtidos na mata, tais como manufaturados, remédios, roupas, etc.

Martin aparecia várias vezes por dia, para ver como o pai e a irmã estavam passando. Algumas destas vezes estava acompanhado por Ralph. Tinham voltado a ser grandes amigos. Eram inseparáveis. Ralph aproveitava as visitas de Martin ao pai para aproximar-se de Carolina. Esta começava a sentir um pouco de carinho pelo amigo de Martin. Já o conhecia superficialmente de Nova Iorque, onde haviam saído juntos algumas vezes, mas os dias de convivência na caminhada pela mata e no acampamento guerrilheiro tinham feito com que prestasse maior atenção nele. Porém, não imaginava a paixão que este tinha por ela. Anthony percebeu uma certa empolgação do filho com referência ao movimento que acabava de aderir, mas preferiu não interferir, achando melhor esperar as coisas se acalmarem.

Ao amanhecer do quarto dia de cativo, Martin adentrou na tenda do pai e da irmã entusiasmado.

- Sebastian quer vê-lo papai! - disse, assim que entrou. - Ele gostaria de trocar algumas idéias com você, pois sabe que você é um grande estrategista e pretende resolver esta situação o mais depressa possível.

- O.K.... então vamos vê-lo. - respondeu Anthony, e dirigindo-se a Carolina, completou: - Não deixe que ninguém a leve daqui minha filha! Se perceber qualquer coisa de errado, grite por socorro com toda a força de seus pulmões!

Martin ficou aborrecido com a preocupação do pai.

- Eu já lhe disse que ninguém vai feri-los, papai.

- Está bem, Martin, acredito em você, mas sempre é bom ficarmos precavidos.

No caminho até a tenda de Sebastian, Anthony aproveitou o fato de estar novamente sozinho com o filho e procurou alertar-lhe para evitar situações de risco.

- Está fazendo algum treinamento com armas, meu filho?

- Não papai. Por enquanto, eu e mais alguns novatos no movimento estamos aprendendo suas doutrinas.

- Tente não se indispor com eles, Martin, mas também procure não fazer nada que possa se arrepender mais tarde.

- Como por exemplo?

- Não se envolva em outros seqüestros, atentados ou assaltos.

- Não somos um grupo radical, papai! Só usamos de violência em casos extremos, quando não há nenhuma outra solução.

- Somos?

Anthony enrugou a testa.

- Sim... somos, afinal eu não entrei para o movimento?

Martin foi afirmativo.

- Tudo bem, Martin, mas tome cuidado. Sua mãe e eu sofreríamos muito se alguma coisa ruim acontecesse com você.

- Não se preocupe, papai... - Martin apontou uma tenda. - Chegamos, aquela é a tenda de Sebastian.

Anthony olhou na direção apontada e pôde ver Sebastian esperando-os na entrada da tenda.

- Bem-vindo, senhor Alexander. - saudou este. - Ainda não tivemos oportunidade de conversar, mas quero que saiba que sou um grande admirador seu.

- Obrigado. - respondeu polidamente Anthony, tentando ser político.

- Entre... fique à vontade!

Na tenda já se encontravam Pablo e Homero.

- Certamente vocês já se conhecem... apenas gostaria de apresentar-lhe melhor o Homero. Ele é meu segundo aqui no acampamento e tem a minha mais absoluta confiança.

- Como vai, senhor Alexander? - cumprimentou Homero.

- Muito bem... para um prisioneiro que passou cinco dias marchando pela floresta. - respondeu este ironicamente.

- Vejo que seu senso de humor é muito bom. - interveio Sebastian. - Sente-se, senhor Alexander.

- Por favor, vamos direto ao assunto. Não gostaria de deixar minha filha sozinha por muito tempo.

- Não precisa se preocupar com sua filha, senhor Alexander. Se qualquer comandado meu ousar tocar num único fio de cabelo dela, eu me encarrego de castigá-lo pessoalmente.

- Não me parece ser uma forma muito diplomática de comandar, Sebastian... Além disso não estou interessado nas punições que seus comandados possam sofrer por molestar ou maltratar minha filha. Preocupo-me apenas com a segurança dela. Não há punição que possa reparar atos de violência contra vítimas indefesas.

- O senhor não entendeu o que eu quis dizer, senhor Alexander. O que eu quis foi garantir-lhe que tenho a mais absoluta certeza que ninguém a molestará. Aqui temos um código que todos conhecem melhor que seu próprio nome, e exijo que seja cumprido. Qualquer um que ouse infringi-lo, do mais humilde soldado até meus auxiliares diretos, sempre é punido. Precisamos manter a disciplina.

- Você deve ser muito respeitado por aqui.

- Pode ter certeza disso... mas, não o chamei aqui para discutirmos minha forma de comandar. Gostaria de abreviar o máximo possível sua estada por aqui e para isso precisamos agilizar nossas negociações com o governo.

- Estão negociando com o governo colombiano ou norte americano?

- Nosso objetivo é trocá-lo por alguns companheiros nossos que se encontram encarcerados na Colômbia, mas pretendemos negociar também com o seu governo para que este pressione o nosso a atender-nos.

- Você sabe que trocas são muito difíceis de acontecerem... não sabe?

- As pessoas que pretendemos trocar não são perigosas. Respondem apenas a crimes políticos e nunca se envolveram em crimes sangrentos. Tenho a convicção de que obtaremos êxito.

- E em que posso ajudá-los?

- Soubemos que o senhor tem muita influência junto ao nosso governo. Gostaríamos que escrevesse um bilhete de próprio punho explicando nossas condições e como os estamos tratando.

- Certamente os negociadores do governo exigirão provas de que estamos bem.

- Quanto a isso já nos preocupamos. Mandaremos com o bilhete um filme de você e sua filha. Nossas negociações não são feitas daqui. Temos um grupo estabelecido num local mais próximo ao governo colombiano. Com o avanço das negociações nós os transferiremos para onde está este grupo, de modo que o governo poderá constatar pessoalmente seu estado de saúde.

- Está bem, Sebastian. Pode contar comigo... a única coisa que eu quero neste momento é toda a minha família intacta.

- Tem minha palavra, senhor Alexander, se colaborarem conosco, nada sofrerão.

No mesmo dia, Anthony e Carolina foram chamados a um grande barracão que ficava ao lado da tenda de Sebastian. Chegando lá, surpreenderam-se com a tecnologia que encontraram. Havia no local, além de potentes rádios para comunicação, um aparelho de televisão ligado a uma antena parabólica de alto alcance. Do acampamento os guerrilheiros podiam receber sinal de satélite de qualquer lugar do mundo. Sebastian os esperava no barracão, juntamente com outros guerrilheiros. No horário em que a televisão transmitia o noticiário mais assistido dos EUA, Anthony e Carolina foram colocados, um de cada lado da tela, e filmados por um guerrilheiro. O objetivo era provar a data da gravação. Depois disso Anthony gravou uma mensagem previamente combinada com Sebastian.

Martin, juntamente com outros novatos, iniciou seus treinamentos para passar a pertencer ao grupo já nos primeiros dias. Tinha aulas sobre a ideologia, uma espécie de lavagem cerebral, onde os pupilos eram programados para pensar todos da mesma forma, e aulas práticas de guerrilha na selva. Seguidamente ausentava-se do acampamento por alguns dias para treinamento de sobrevivência. Também praticava tiro ao alvo. Eram treinados diversos novos militantes, de várias nacionalidades. Havia principalmente colombianos, mas era possível identificar americanos, ingleses, cubanos, peruanos, irlandeses, entre outros. Sebastian explicava-lhes que este treinamento não era para praticar ataques terroristas, mas sim, apenas para defesa do acampamento.

Martin, que não era nem um pouco afeito à floresta, algumas vezes entediava-se e pensava em abandonar tudo, voltando para a cidade. Mas, o excesso de atividades programadas não lhe deixava muito tempo para pensar. Sempre que tinha uma folga, ou um intervalo nas atividades, procurava encontrar-se com o pai e a irmã. Esta já o recebia melhor, coisa que o deixava bastante confortado, pois gostava muito dela e não suportaria tê-la como inimiga.

Apesar de toda a empolgação de Martin com seus novos amigos, houve um episódio que o intrigou um pouco. No décimo quinto dia de acampamento, à tardinha, ao aproximar-se da tenda de Sebastian, ouviu um trecho de uma conversa que este mantinha com Homero.

“... só nos resta livrar-nos das duas. Não nos servindo como objeto de troca, são um gasto desnecessário”. Pensou ter ouvido Sebastian dizer. “Vamos aguardar mais um pouco, a situação pode se modificar”. Pode ouvir claramente Homero responder, pois já estava à frente da tenda.

Preferiu não entrar na tenda, que era o que ia fazer. Afastou-se rapidamente dali para evitar ser visto por alguém.

Será que livrar-se das duas significa matar duas reféns? Martin pensava, enquanto se afastava da tenda. *Será que eu ouvi bem o que Sebastian dizia?* Continuou a pensar.

À noite, comentou o episódio com Ralph, que era seu companheiro de tenda, além de outros dois novatos irlandeses, Charles e John, que não estavam presentes no momento. Ralph foi cético.

- Você ouviu mal, Martin! - sentenciou. - Em todos estes dias aqui não vimos ninguém ser maltratado!

- Mas nem sabemos quantos reféns são guardados aqui!

- Pablo me disse que não são muitos... Acredito que além de seu pai e de Carolina, devem haver apenas mais dois ou três.

- Eu já vi mais do que isso, Ralph. Observe quanta comida é preparada. Veja também quantas caras novas passam pela gente na direção do rio para tomar banho ou na direção dos sanitários.

Os sanitários ficavam afastados do acampamento, para evitar o mau cheiro e a transmissão de doenças. Eram um conjunto de casinhas sobre buracos muito fundos cavados na terra. A higiene era um fator muito observado no acampamento para evitar epidemias. Sempre que um refém tinha necessidade de usar o sanitário, era escoltado até ele e depois trazido de volta até sua tenda.

Ralph, deitado em sua cama de campanha, fez uma cara incrédula, olhando para o amigo.

- Acho que você está exagerando, Martin.

Martin, que também estava deitado em sua cama, sentou-se nela e fitou seriamente o amigo.

- Não estou exagerando, Ralph. Preste mais atenção a sua volta a partir de agora.

- Está bem, Martin. Se isso faz você se sentir melhor... agora vamos dormir, que estou demolido pelos exercícios de hoje.

Ralph virou-se de costas para o amigo.

Seus companheiros de tenda chegaram para dormir. Martin deitou-se novamente e esperou o sono chegar.

Capítulo Doze

Pela manhã, Martin acordou disposto a esclarecer a história que o intrigava. Não acompanhou seus amigos, que foram tomar o desjejum no refeitório, preferiu ir até a tenda de Pablo para ver se o encontrava. Encontrou-o tomando café sentado num canto de sua escrivaninha. As tendas dos líderes eram maiores as que dos comandados. Cada um tinha a sua tenda, com muito conforto.

- Bom dia, Martin! - saudou Pablo ao vê-lo. - O que o traz aqui tão cedo?

- Bom dia! - respondeu Martin.

Pablo percebeu um certo nervosismo no recém-chegado.

- Sente-se! - puxou uma cadeira a sua frente.

Martin ficou em pé. Pablo sentou-se em uma outra cadeira, largando sua xícara em cima de uma mesa que ficava bem em frente à escrivaninha.

- Sente-se, Martin. Fique à vontade! - repetiu, apontando para a cadeira que tinha puxado anteriormente.

Martin, ao segundo pedido, puxou a cadeira um pouco mais e sentou-se. Pablo juntou as mãos e colocou-as atrás da cabeça. Jogou o corpo para trás, apoiando-se nelas e levantando os dois pés da frente da cadeira. Estava pronto para escutar o que Martin tinha para dizer.

- Pela sua cara deve ter acontecido alguma coisa... vamos, diga para seu amigo! Em que posso ajudá-lo? - disse Pablo.

Martin reuniu coragem para falar.

- Pablo... seja sincero comigo! Vocês já mataram algum refém?

Pablo foi pego de surpresa pela pergunta, mas logo se recuperou. Deu uma risada, e voltando a cadeira a sua posição original, colocou as duas mãos sobre a mesa.

- Porque esta pergunta agora, Martin?

- Por favor, responda. Sim ou não?

Pablo voltou a levantar os pés dianteiros da cadeira.

- Não que eu tenha conhecimento. Não lucraríamos nada com isso. Nosso negócio consiste em trocá-los por nossos companheiros ou por alguma coisa de nosso interesse.

- Mas, e nos casos em que as negociações não se concretizam?

Pablo foi evasivo.

- Nós somos pacientes, Martin. Não temos pressa durante as negociações, mais cedo ou mais tarde, acabamos conseguindo alguma coisa. Dá muito trabalho conseguir um bom refém e não nos desfazemos deles facilmente.

- Mas e se as portas se fecharem, não havendo mais possibilidades de negociar?

- Certa vez, ficamos com um grupo de reféns quase dois anos, Martin. As portas nunca se fecham.

- E conseguiram o que queriam?

- Não completamente, mas posso lhe garantir que obtivemos sucesso e que os reféns foram devolvidos sãos e salvos.

Martin desistiu de obter alguma coisa de Pablo.

- Tudo bem, Pablo. Deixou-me mais aliviado.

- Mas agora é minha vez de perguntar. Por que veio até aqui perguntar-me isso?

Martin preferiu não contar a conversa que supôs ter ouvido. Além disso, já estava arrependido de ter procurado Pablo.

- Estou nervoso com relação ao meu pai e minha irmã, Pablo. - mentiu. - Não vejo nenhuma evolução nas negociações.

- Então é por isso?

- Fico preocupado em ver o tempo passar e nada acontecer.

Pablo levantou e colocou-se em pé ao lado de Martin, pousando a mão na sua cabeça.

- Não se preocupe com isso, garoto! Tudo está correndo muito bem. Estas negociações sempre são demoradas, mas eu já não lhe prometi que nada acontecerá com eles?

- Prometeu! - resignou-se Martin.

- E não acredita em mim?

- Acredito. Mas tem tanta gente envolvida nisso, não sei se você seria capaz de defendê-los de Sebastian.

- Acredite em mim, Martin! Consigo o que quero com Sebastian!

- Tudo bem Pablo. Confio em você! - Martin procurou afastar qualquer suspeita que Pablo pudesse vir a ter com relação a sua visita.

- Ótimo, Martin. - bateu no ombro do outro. - Agora trate de se juntar aos seus companheiros, senão chegará atrasado aos exercícios.

Martin levantou-se.

- Está bem, Pablo. Obrigado!

Martin retirou-se da tenda apressadamente. Pablo ficou observando-o se afastar. *Pobre garoto, ainda tem muito para aprender!* pensou, enquanto voltava para dentro de sua tenda.

Pablo não gostava de estar na mata. Era um homem da cidade. Passava a maior parte de seu tempo lendo deitado em sua cama. Não participava de nenhum exercício de guerrilha na mata. Limitava-se a aprimorar sua pontaria, que já era excelente, nos alvos que ficavam ao lado do acampamento. Em outros tempos, Pablo havia atuado em várias ações terroristas, em diversos países. Atualmente, pela cultura que havia adquirido, viajando pelos mais diversos lugares do mundo, e por conhecer vários idiomas, sua função dentro do movimento era de recrutar novos participantes, além de estudar e planejar atentados. Não se envolvia mais diretamente em ações sangrentas. Sua perda seria muito significativa para o grupo. Estava apenas esperando a chegada do próximo carregamento de mantimentos para partir em direção ao outro acampamento no retorno dos transportadores destes. De lá, voltaria para os EUA.

Martin chegou atrasado aos exercícios físicos. Seu instrutor o puniu com cinquenta apoios, que teve que cumprir sob as vaias e assobios de seus companheiros.

O resto da manhã transcorreu normalmente. Na hora do almoço, sentado ao lado de Ralph, Martin, como habitualmente, observou a quantidade de refeições que eram levadas para fora do refeitório pelos guerrilheiros que trabalhavam na cozinha.

- Observe, Ralph. - Martin cutucou o braço do amigo com o cotovelo. - A quantidade de refeições que sai daqui é enorme, não temos tantos líderes assim. As refeições excedentes só podem ser para reféns.

- Estou vendo, Martin. Só não olhe muito para não chamar a atenção.

- Será que eu poderia me oferecer para trabalhar no transporte de refeições? Talvez pudesse descobrir alguma coisa.

- Duvido que permitam. Vejo somente guerrilheiros antigos fazendo isso. O máximo que você pode conseguir é lavar o chão do refeitório! - riu.

Martin indignou-se.

- Se me puserem a fazer isso, vou embora imediatamente! Não faço isso nem na minha casa!

- Pois pode ir se preparando para fazê-lo, mais cedo ou mais tarde, meu amigo. Ou quem você acha que faz isso por aqui? Não temos empregados.

- Estou aqui para aprender técnicas de guerrilha, e não serviços domésticos!

- Mas se o senhor ainda não se deu conta disso, alguém tem que fazer este serviço.

Vendo que a discussão não ia dar em nada, Martin resolveu mudar de assunto.

- Fui procurar Pablo hoje!

- Para quê?

- Tentei descobrir o que fazem com reféns que não entram em trocas.

- Certamente ele lhe disse que os esquartejam e arrastam os pedaços pelo acampamento, bobão.

- Claro que não sou tão ingênuo assim! Apenas queria ver qual era sua reação a minha pergunta.

- E qual foi?

- Não notei nenhum sinal de preocupação nas suas respostas. Apenas me disse que eles sempre acabam conseguindo realizar uma troca.

- E você pensou que poderia deixar um guerrilheiro experiente nervoso? - zombou Ralph.

- Já lhe disse que não sou tão ingênuo! Verá que vou descobrir muitas coisas por aqui!

Ralph olhou pela janela.

- Está bem, senhor detetive. Descubra então onde Pablo está agora!

- Por quê?

- Porque acabo de vê-lo entrando na tenda de Sebastian.

- E o que tem isso?

- Quer apostar que mandarão te chamar?

- Porquê? Eles são amigos, é muito comum amigos se visitarem.

- Aguarde!

Os dois terminaram de comer e foram dar uma caminhada.

- Não vi nenhuma garota entre os guerrilheiros. - comentou Martin, olhando em volta, como se estivesse a comprovar sua palavras.

- Já vi algumas. - disse Ralph. - Ontem duas delas fizeram exercícios físicos junto comigo, mas ficam um pouco reservadas.

- Mas não as vi nem no refeitório.

- Talvez atendam os reféns na hora em que comemos e tenham que comer em um horário diferente.

- Será que ficam em alojamentos separados dos nossos?

- Provavelmente...

Observaram um soldado, que vinha na sua direção.

- Sebastian quer vê-lo! - anunciou, dirigindo-se a Martin.

Martin tentou demonstrar surpresa.

- Agora?

- Imediatamente!

- O.K.!

O soldado, tendo dado o seu recado, retirou-se na direção da tenda de Sebastian. Martin não o acompanhou, apenas voltou-se para Ralph.

- E agora? - perguntou em um baixo tom de voz, para não ser escutado pelo soldado que saía.

- Eu te falei! - exclamou Ralph.

- O que eu faço?

- Tente se fazer de ingênuo, o que não é muito difícil para você! - brincou Ralph.

- Acho que não é hora para brincadeiras. - protestou Martin.

- Desculpe-me, é que não pude resistir.

Ralph, que não estava tão nervoso quanto o amigo, tentou encontrar uma solução rápida.

- Demonstre preocupação com seu pai e Carolina. - sugeriu.

- É uma boa idéia, só espero não me denunciar!

- Quer que eu vá junto?

Martin pensou um pouco.

- Acho melhor não... pareceria que estamos dando importância demais ao chamado. Deixe que eu vou sozinho.

- Então boa sorte!

Martin seguiu na direção da tenda de Sebastian, enquanto Ralph, preocupado, observava-o se afastar.

A tenda de Sebastian não estava muito longe do local onde caminhavam, de modo que Martin chegou logo. Ao entrar viu não só Sebastian, como também Pablo e uma linda morena, que devia ter pouco menos de trinta anos de idade. Era a primeira mulher que avistava no acampamento, lembrou-se de comentar isso com Ralph. Em outra situação Martin a teria observado com mais atenção, mas agora estava muito nervoso para isso. Os três almoçavam, sentados à mesa.

- Olá! - saudou, tentando demonstrar tranquilidade.

Todos o cumprimentaram com a cabeça.

- Sente-se! - convidou Sebastian, arrastando, sem se levantar, a única cadeira livre da mesa para longe desta.

Martin sentou-se nela.

- Esta é Maria. - Sebastian apontou para a morena ao seu lado. - Ainda não tiveram oportunidade de se conhecer. Maria me ajuda muito nas decisões que tenho que tomar.

- Muito prazer, Maria. - disse Martin.

- Tudo bem, Martin? - saudou Maria. - Já tinha ouvido falar de você.

- Espero que bem. - Martin riu timidamente, tentando parecer descontraído.

- Pablo gosta muito de você. - disse ela, também sorrindo.

- Já almoçou? - perguntou Sebastian.

- Já, obrigado.

Sebastian entrou no assunto que havia provocado a chamada de Martin.

- Pablo me disse que você está um pouco preocupado!

Martin percebeu que a conversa seria amistosa.

- Prá ser bem sincero, estou um pouco.

- Por quê?

- Tudo aqui é novo para mim, Sebastian. Eu achava que meu pai e minha irmã seriam libertados mais rapidamente.

- Negociações de troca são assim mesmo, Martin. Não se preocupe com eles. Já lhe prometemos que serão bem tratados durante todo o tempo.

Enquanto conversavam, os três continuavam a almoçar.

- Mas de quanto tempo estamos falando?

- Infelizmente isso nós não podemos precisar. Depende da evolução das negociações.

- Tudo bem, Sebastian. Eu apenas fiquei um pouco nervoso e achei que não deveria guardar esta preocupação comigo.

- Quanto a isso, está certo. Estamos aqui para ouvi-lo sempre que julgar que tenha algo importante para nos dizer. Queremos que nosso relacionamento seja de confiança mútua.

- Obrigado, Sebastian! - Martin tentou parecer humilde. - É bom ouvir isso!

- Certo, garoto?

Martin percebeu que era um convite para que se retirasse.

- Certo, Sebastian. - levantou-se e virou-se para Pablo. - Não pensei que você fosse dar tanta importância a nossa conversa, Pablo.

- A questão não é essa. - rebateu Pablo. - Não gostamos de deixar que nenhum mal-entendido atrapalhe nossa vida por aqui.

- Entendo. Bem, vou indo. Não quero atrapalhar mais o almoço de vocês.

- É sempre bem-vindo aqui, Martin. - disse Sebastian.

- Venha sempre que achar necessário. - completou Maria, com um sorriso que Martin não soube decifrar.

Agora que estava mais calmo, percebeu o quanto ela era bonita.

Martin retirou-se.

- Todo o cuidado é pouco com este garoto! - exclamou Sebastian, observando que Martin não podia mais ouvi-los.

- Não é tanto assim. - retorquiu Pablo. - Acho que realmente está um pouco assustado.

- Concordo com Pablo. - disse Maria.

- Se pensam assim, ótimo! Uma preocupação a menos para mim.

- De qualquer forma, tenho alguém de absoluta confiança sempre por perto dele. - disse Pablo.

- Ótimo! É o seu garoto de ouro?

- Ele mesmo. Se Martin sair da linha, tenho certeza que ficarei sabendo imediatamente.

Capítulo Treze

Dia trinta de agosto de 1996, sexta-feira, oitenta e seis dias de cativeiro para o pai e a filha.

Apesar da boa vontade de Anthony em colaborar nas negociações de troca, gravando ou escrevendo mensagens sempre que isso lhe era solicitado, estas não evoluíam. Os guerrilheiros já começavam a perder a calma em algumas situações mais desgastantes, principalmente quando Anthony questionava alguma coisa.

Ao cair da tarde, Sebastian mandou Ralph chamar Anthony, que estava em sua tenda.

- Recebemos notícias de nosso pessoal de frente. - disse a Anthony, assim que este entrou.

Homero também estava na tenda.

- Boas ou más? - perguntou Anthony.

- Seu governo não está exercendo a pressão que esperávamos sobre o nosso, senhor Alexander. Acredito que precisamos mudar de tática para obtermos êxito.

Anthony pôde imaginar que outras táticas poderiam ser usadas por guerrilheiros.

- E... em que está pensando?

- Precisamos mostrar-lhes que não estamos brincando! - Sebastian procurava ser ameaçador.

- Só lhe peço uma coisa, Sebastian. Pense no que quiser, mas não toque em minha filha.

- Continuamos não querendo maltratá-los, senhor Alexander, mas precisamos encontrar outra forma de atingirmos nossos objetivos.

Apesar de se encontrarem em posições tão antagônicas, os dois homens haviam conversado muitas vezes durante o período de cativeiro de Anthony. Pela convivência, ambos tinham aprendido a se respeitar. Isso não significava que um aceitasse a posição do outro. Ambos mantinham suas posições, mas sabiam que estavam lidando com um inimigo muito inteligente. Anthony concluiu, após todo este tempo, que Sebastian era muito mais perigoso e sanguinário do que pretendia aparentar. Precisava ser encarado com muito cuidado.

- E se Carolina fosse libertada, numa demonstração de boa vontade?

- Impossível. - retorquiu Sebastian.

- Por quê?

- Esta atitude poderia ser interpretada como um gesto de fraqueza de nossa parte.

Anthony não media esforços para libertar a filha.

- Mas... e se ao retornar ela explicasse toda a situação? - insistiu. - Eles entenderiam.

- Está fora de questão, senhor Alexander! Não volte a me sugerir isso! - falou rudemente Sebastian.

Anthony preferiu não continuar insistindo na questão para evitar uma reação ainda mais agressiva.

- Chamou-me aqui para pedir minha opinião ou para me comunicar que seremos maltratados?

- Chamei-o para mantê-lo informado do que está acontecendo. Ainda não decidimos qual será nosso próximo passo. Apenas achei, em respeito ao seu filho, que é um dos nossos, que lhe devia esta informação.

- E se eu puder conversar diretamente com o governo, através do rádio?

- Nenhum contato externo é feito a partir daqui. Este acampamento somente se comunica com aliados nossos, raramente e em situações muito especiais. Não podemos correr o risco de sermos rastreados ou delatados.

- Bem, Sebastian... então a única coisa que posso lhe pedir é que reflita muito antes de tomar qualquer atitude que possa nos causar algum mal, principalmente aos meus filhos. Lembre-se também, de que, até agora, no nosso caso não houve ainda nenhuma violência física por parte de vocês. Uma atitude destas poderia causar-lhe uma pena bem maior caso viesse a ser capturado por seus inimigos.

Sebastian irritou-se com a ameaça de Alexander.

- Quanto a isso não se preocupe, senhor Alexander! Meus inimigos nunca botarão as mãos em mim! Pelos menos, enquanto eu estiver vivo!

Anthony tentou aplacar a ira de seu carrasco.

- Não quis de forma alguma lhe fazer uma ameaça Sebastian. Apenas estou defendendo minha família!

Sebastian continuava contrariado. Fez um gesto, mandando-o sair.

- Agora pode retornar a sua tenda. - resmungou irritado.

Ralph, que havia ido chamar Alexander em sua tenda para conversar com Sebastian, não retornou com ele. Sabia que este não gostava de deixar a filha sozinha.

- Eu faço companhia para Carolina até o senhor voltar. - disse Ralph.

- Agradeço-lhe, muito Ralph. - respondeu Anthony. E, colocando a mão sobre a cabeça do garoto, completou. - Sabe que estou começando a mudar meu ponto de vista sobre você...

- É mesmo?

- Acredito que não seja uma má pessoa. É apenas tão imaturo quanto meu filho.

- Puxa... se isto é um elogio, muito obrigado, senhor Alexander.

Anthony riu da sua reação.

- Comportem-se. - disse saindo.

- O que será que papai quis dizer com comportem-se? - perguntou, quase ingenuamente, Carolina.

- Provavelmente percebeu que estou perdidamente apaixonado por você! - respondeu Ralph, de supetão.

Carolina foi apanhada de surpresa pela declaração do amigo. Ficou trêmula.

- Como? - foi tudo o que pode responder.

- Não me faça repetir, Carolina. Acho que não teria coragem. - respondeu ruborizado.

Carolina também ruborizou.

- Desculpe-me... eu...

Ralph sorriu.

- Sei... não esperava ouvir isso... grande coisa, eu também não esperava dizê-lo!

Carolina riu timidamente.

- Não sei o que dizer.

- Não precisa dizer nada. Eu apenas queria que soubesse disso... saiba que pode contar comigo para o que precisar, Carolina. Não é de hoje que gosto de você.

Carolina criou coragem e deu um abraço afetuoso em Ralph.

- Perdoe-me se o humilhei, Ralph. Eu não estava preparada para isso, pensava que para você eu era apenas uma boa amiga.

- Sei disso, Carolina.

- Preciso de algum tempo para assimilar o que me falou.

- Entendo.

Ambos ficaram por algum tempo em silêncio, meditando sobre o que havia acabado de acontecer. Para Carolina, Ralph era apenas um amigo de Martin que freqüentava regularmente sua casa. Observou melhor o amigo. Tinha o mesmo tipo físico de seu irmão, mas era um pouco mais atlético, pois devia praticar algum tipo de exercício, enquanto seu irmão passava a maior parte do dia deitado. Era loiro e de olhos verdes, assim como ela. Não era muito bonito, mas também não o achava feio. *Poderia ser alguém que eu viesse a namorar.* - pensou, quase inconscientemente.

- Você pratica exercícios? - perguntou, sem refletir.

- Como?

Agora foi a vez de Ralph surpreender-se com a pergunta de Carolina. Estava se sentindo observado por ela, mas aquela pergunta tinha sido totalmente fora de propósito.

- Desculpe - disse Carolina, percebendo o que havia perguntado. - Estava simplesmente tentando trocar de assunto.

Ralph sorriu constrangido. Foram salvos pela entrada providencial de Anthony e de Martin na tenda.

Martin sentia a crescente hostilidade existente entre Sebastian e seu pai. Não estava gostando nada do rumo que as coisas estavam tomando entre os dois. Tinha ainda presente em sua cabeça o episódio em que havia escutado a conversa entre Sebastian e Homero, mas preferiu não comentá-lo com mais ninguém, além de Ralph. Temia pelo que pudesse acontecer com seu pai e sua irmã. Encontrou seu pai, saindo da tenda de Sebastian sem nenhuma escolta, e decidiu acompanhá-lo.

- As coisas não vão nada bem. - disse Anthony para o filho.

- Por que, papai? - preocupou-se Martin.

- Sebastian está perdendo a calma. Tenho medo que possa acontecer o pior.

- Eles me prometeram que não os maltratariam, papai.

- Não acredite em tudo o que eles dizem, meu filho. Ontem à noite acordei sobressaltado. Acho que ouvi um grito de mulher.

Martin lembrou-se do trecho de conversa que havia escutado na tenda de Sebastian, mas, mais uma vez, não contou ao pai.

- Você pode ter sonhado, papai.

- Tenho certeza que não foi um sonho. Eu estava bem acordado. Foram dois gritos na tenda ao lado da minha. O primeiro me acordou, e quando ouvi o segundo, estava sentado em minha cama.

- E depois, não ouviu mais nada?

- Nada, somente o ruído da mata.

Aproximaram-se da tenda de Anthony.

- Observe. Onde está o vigia que sempre estava postado na frente da tenda ao lado da nossa? - disse Anthony.

Martin prestou atenção. Realmente não havia ninguém por perto.

- Tem razão, papai. A tenda parece vazia.

- Certamente está vazia, meu filho. Não há nenhum movimento e nem barulho vindo de lá.

- Papai, tenho visto algumas coisas.

Martin ia desabafar com o pai, mas preferiu calar-se.

- Que coisas?

- Nada, papai, acho que estou um pouco impressionado com tudo o que está acontecendo.

- Diga-me, Martin. Sabe de alguma coisa que não tenha me contado?

- Prefiro não preocupá-lo por enquanto, papai. Se souber de alguma coisa concreta, prometo que lhe contarei.

Chegaram à tenda de Anthony. Quando entraram, encontraram Ralph e Carolina visivelmente constrangidos.

- Aconteceu alguma coisa? - Anthony perguntou, preocupado.

- Nada, papai. - apressou-se em responder Carolina. - Apenas estávamos trocando confidências.

- Não se meta com minha irmã! - brincou Martin, que sabia da paixão do amigo por esta.

Assim como o pai e a irmã, Martin continuava procurando manter o bom humor, não somente para resistir toda a pressão à que estava se submetendo, mas também, como uma forma de elevar a moral dos outros, para que não se abatessem e mantivessem a esperança.

Ralph ficou assustado. Não havia entendido a brincadeira.

- Pelo amor de Deus, Martin! Você sabe que eu não faria nada com Carolina.

- Por quê? Não a acha atraente? - divertia-se às custas do amigo.

- Não é isso... é que... - Ralph estava todo atrapalhado.

Martin ria muito. Havia percebido o clima entre os dois quando entrou na tenda. Anthony agarrou fortemente o braço do filho.

- Vamos parar com este tipo de brincadeira! - cortou seriamente.

Martin, assustado, também ficou sério.

- Desculpe-me, papai! Só estava querendo descontraír um pouco o ambiente.

Anthony percebeu que estava sendo muito rude. Soltou o braço do filho e colocou a mão carinhosamente em seu ombro.

- Desculpe-me você, Martin. Estou muito nervoso com os últimos acontecimentos.

Martin o abraçou.

- Tudo bem, papai.

- Que acontecimentos? - indagou Carolina.

- Não é nada minha filha, depois nós conversamos.

- Papai, por favor! Não me esconda nada!

- Ainda não temos com o que nos preocupar, Carolina. Apenas discuti com Sebastian, ambos estávamos muito nervosos.

- Ele lhe ameaçou? - Ralph entrou no assunto.

- Não explicitamente, Ralph. Acredito que apenas quis me assustar.

- Que tipo de ameaças?

- As negociações não estão evoluindo e ele está disposto a trocar de métodos. Só não me disse que métodos são esses.

Martin olhou diretamente para o amigo.

- Precisamos investigar o que ocorre por aqui, Ralph. Acredito que nem tudo nos é mostrado.

- Observei a quantidade de reféns, conforme lhe prometi que faria, Martin. Realmente ela é maior do que eu imaginava.

- Papai me disse que na noite passada ouviu um grito na tenda ao lado.

- A tenda das duas mulheres colombianas?

- Isso mesmo!

- Sebastian me disse que haviam sido postas em liberdade.

- Tem certeza?

- Claro, Sebastian pediu-me para limpar a tenda que elas ocupavam esta manhã.
 - Será que elas foram assassinadas na madrugada?
 - Não tire conclusões precipitadas, Martin. Talvez elas realmente tenham sido trocadas.
- disse Anthony.

Anthony temia que o filho iniciasse uma investigação que pudesse colocá-lo em uma situação de perigo

- Ainda temos os gritos que você ouviu, papai.
- Elas podem ter se assustado no momento em que alguém entrou para buscá-las.
- Pode ser papai, mas tentarei descobrir o que está acontecendo.
- Tome cuidado, Martin. - pediu Carolina.

Ralph percebeu que já estava ficando bastante tarde.

- Vamos, Martin. Acho que não devemos ficar muito tempo por aqui.
- Qual é o problema? Não posso conversar com minha família?
- É claro que pode, mas não devemos dar motivos para que desconfiem de nós.
- Ralph tem razão. Não estamos em condições de correr riscos desnecessários, Martin.

- intrometeu-se Anthony.

Martin resignou-se.

- Está bem, Ralph. Vamos para nossa tenda.

Viraram-se para sair.

- Tenham cuidado. Não confiem em ninguém. Se alguém tentar jogar-lhes contra Sebastian, desconfiem! Pode ser uma armadilha! - pediu Anthony.

- Deixe comigo, senhor Alexander. Não deixarei que Martin faça nenhuma besteira. - falou Ralph, tentando tranquilizar Anthony.

Anthony deu um tapinha nas costas do garoto enquanto este saía da tenda. Os dois saíram, deixando novamente Anthony e Carolina sozinhos.

- Aconteceu alguma coisa na minha ausência que tenha esquecido de me contar, minha filha? - Anthony tentou descobrir porque Carolina e Ralph estavam agindo de forma esquisita quando retornou à tenda.

- Não aconteceu nada, papai. Pode ficar tranquilo.

Carolina foi evasiva, mas mesmo assim seu pai percebeu, pela sua forma de agir, que alguma coisa diferente tinha acontecido. Anthony resolveu não importuná-la. Confiava nela e acreditava que se tivesse acontecido alguma coisa importante ela lhe teria contado. Além disso, estava muito preocupado com sua conversa com Sebastian. Achou que já era hora de dividir seus temores com a filha, afinal ela tinha direito de saber o que, provavelmente, estava reservado para eles.

- Vou dizer uma coisa que espero que fique somente entre nós, minha filha!

- O quê, papai?

- Não acredito que Sebastian pense em nos deixar sair vivos daqui, pois sabe que eu poderia localizar seu esconderijo.

Carolina ficou assustada.

- Então... nunca seremos libertados?

- Tenho certeza que não!

Anthony abraçou a filha que, assustada, começou a chorar.

- E o que vamos fazer? - balbuciou Carolina.

- Temos que arranjar um jeito de fugir daqui!

- Mas isso é impossível, papai!

- Nada é impossível!

- E Martin?

- Ele não pode perceber o que está acontecendo, pois certamente tentaria nos ajudar e faria uma loucura. Prometa-me que não vai contar a ele!

- Eu prometo, papai!

Anthony permaneceu abraçado à filha, tentando confortá-la.

Capítulo Quatorze

Ao sair da tenda de Anthony, Martin e Ralph foram direto ao refeitório para jantar. Chegando ao refeitório, os dois pegaram suas bandejas, serviram-se e foram se sentar sozinhos em uma mesa comprida, que ficava em um canto do pavilhão.

Todos os guerrilheiros, com exceção dos chefes, faziam suas refeições juntos, num grande pavilhão. Os chefes costumavam fazer suas refeições na tenda de Sebastian. Raramente algum deles comia junto com os soldados menos graduados. Quando isso acontecia, geralmente era para transmitir alguma mensagem de otimismo aos seus comandados. Os reféns recebiam suas refeições nas próprias tendas. O comando guerrilheiro não permitia nenhum tipo de integração entre grupos de reféns.

Quanto Martin e Ralph iniciaram sua refeição, um novato inglês, que conheciam apenas por terem o visto nos treinamentos, se aproximou da mesa em que estavam.

- Posso me sentar com vocês? - perguntou.

- Claro, sente-se. - Ralph respondeu.

- Obrigado.

- Meu nome é Ralph, meu amigo se chama Martin.

- Prazer em conhecê-los. - cumprimentou-os, enquanto se sentava. - Meu nome é Jason.

Martin cumprimentou-o apenas com um gesto de cabeça. Não estava muito disposto a conversar, principalmente com um estranho. O inglês tentou puxar conversa.

- Não acharam que os exercícios foram muito desgastantes hoje?

- Tem sido assim desde que iniciamos. - Martin respondeu distraidamente

- Estão aqui há muito tempo?

- Quase dois meses. - respondeu Ralph. - E você?

- Estou aqui há três meses! - respondeu orgulhoso.

- Vai permanecer por muito tempo?

- Ainda não sei. Já pedi para entrar em ação, mas acham que não estou pronto.

- Talvez eles achem que três meses de treinamento seja muito pouco. - Ralph divertiu-se com a expressão indignada do jovem inglês.

- Para dizer a verdade, acho que não estão acreditando muito na minha capacidade. - desabafou.

Diante da afirmação de Jason, Martin começou a interessar-se pela conversa. Vislumbrando a possibilidade de obter alguma informação do estranho de fala fácil, imaginou até que ponto ele desabafaria sua mágoa com eles.

- Por que pensa assim, Jason? - procurou alimentar a vontade de falar do inglês.

- Tenho um amigo que chegou aqui junto comigo, e ontem à noite deixaram que participasse da operação.

- Houve uma operação ontem à noite? - Martin perguntou em um tom distraído, tentando aparentar desinteresse.

- Houve, mas é sigilosa, não posso comentá-la. - foi a vez de Jason tentar parecer bem informado.

- Se lhe passaram uma informação sigilosa, então não devem estar subestimando-o. -

Ralph tentou jogar com a auto estima de Jason, percebendo as intenções de Martin.

- Só posso lhes dizer que envolveu duas reféns. - continuou, fazendo uma expressão de importante. - O resto não estou autorizado a contar.

Na verdade, soubera da operação através de seu amigo, que se vangloriava de ter participado da mesma. Não sabia nenhum detalhe além do que já havia contado. Martin tentou parecer ainda mais desinteressado.

- Acho que não deve contar nada a ninguém mesmo. Já imaginou se alguém soubesse que você anda dando com a língua nos dentes? - Martin comentou, displicentemente.

O outro parou de comer, assustado.

- Você acha que falei demais? - perguntou a Martin.

- Claro que não. Você não nos contou nenhum detalhe importante. Pode ficar tranqüilo.

O inglês, que havia ficado muito tenso, soltou a respiração num claro sinal de alívio.

Martin terminou de comer. Desistiu de obter mais informações, pois percebeu que Jason não sabia de nada além do que havia falado.

- Vamos? - convidou Ralph a se retirar.

- Pode ir na frente, vou fazer companhia ao nosso novo amigo. - Ralph não se deu por vencido.

Martin levantou-se e pegou sua bandeja para entregá-la na cozinha.

- Está bem. Boa noite para vocês.

Quando Martin se retirou, Ralph retomou a conversa.

- Gosto de fazer novos amigos.

Jason maneou a cabeça para o lado onde Martin ainda podia ser visto, antes de sair do pavilhão.

- O mesmo não é possível dizer de seu amigo! - disse sorrindo.

Ralph sorriu.

- Ele é meu melhor amigo. O problema é que ele é um pouco tímido. Não gosta muito de conversar com desconhecidos. Você verá que é muito legal, assim que conhecê-lo melhor.

- Tomara que você tenha razão. Isolados do mundo, do jeito que estamos aqui, precisamos ter amigos.

- Concordo com você, Jason. - Ralph estendeu sua mão na direção do inglês. - Podemos ser amigos?

Jason apertou a mão de Ralph.

- Certamente.

Enquanto terminavam sua refeição, continuaram conversando sobre a vida na mata. Terminado o jantar despediram-se, e cada um seguiu para sua tenda.

- Porque deu tanta atenção àquele panaca? - Martin perguntou a Ralph assim que este entrou na tenda. - Não percebeu que ele não sabe de nada? Tentei descobrir alguma coisa, e pelo jeito dele, se soubesse teria contado.

- Informações podem estar em qualquer lugar meu caro amigo. Informações! E você não percebeu o quanto ele está carente de atenção?

- Realmente, pensei que fosse chorar na nossa frente.

- Pois então? Ele acaba de ganhar um novo amigo. E não o chame de panaca, seria uma injustiça, só porque ele quis nos impressionar não quer dizer que não seja um cara legal.

- Não acredito que tenha muito para nos contar.

- Por menos que tenha a nos contar, já soubemos que realmente houve uma operação ontem.

- Tem razão. Só que isso não quer dizer nada. Pode ter sido uma operação de troca. Elas podem ter sido colocadas em liberdade.

- No meio da noite? Não acha que se elas tivessem sido trocadas, Sebastian armaria uma encenação para levantar a moral de todos os que lutam ao seu lado?

Martin refletiu por algum tempo.

- Isso lá é verdade... Acho melhor continuarmos de ouvidos bem atentos.

Charles e John, os dois companheiros de tenda, chegavam neste momento, visivelmente embriagados.

- Não quiseram participar de nossa roda de conversas hoje? - perguntou Charles, o mais falante.

- Estávamos muito cansados. Preferimos nos recolher cedo para descansar. Amanhã teremos um dia muito puxado. - respondeu Ralph.

- Nosso grupo vai vencer! - desafiou Charles.

Ralph deu uma gargalhada.

- Isso nós veremos.

Referiam-se às manobras que fariam na manhã seguinte. Os novatos tinham sido divididos em seis grupos. Cada grupo seria deixado em um local diferente da mata, na mesma distância do acampamento. Venceria o grupo que retornasse primeiro. O grupo vencedor não ajudaria nas tarefas de manutenção do acampamento por quinze dias. O último grupo a retornar passaria trabalhando nestas tarefas por uma semana, ficando sem treinar.

Tarde da noite, Carolina e Anthony foram acordados bruscamente por um guerrilheiro que entrou em sua tenda.

- Acordem! - anunciou, acendendo a luz. - Sebastian quer vê-los.

Pai e filha, assustados, trataram de vestir suas roupas o mais depressa possível. Acompanharam o guerrilheiro até o pavilhão central, onde estavam todos os equipamentos sofisticados e onde eram feitas as gravações de mensagens. Ao chegarem ao local, encontraram, além de Sebastian, os principais líderes do acampamento. Suas expressões eram sombrias.

- Acabou a brincadeira, senhor Anthony! - exclamou Sebastian, assim que o avistou.

- E o que isso significa? - indagou Anthony, puxando Carolina para junto de si, numa clara demonstração de que a protegeria.

Um guerrilheiro filmava Anthony e Carolina desde que estes haviam entrado no pavilhão.

- Quero informar ao senhor e sua filha, que se não formos atendidos imediatamente, seremos obrigados a executar um dos dois.

- Você não faria uma loucura destas! - desafiou Anthony, colocando-se, instintivamente à frente da filha.

Carolina desabou num choro desesperado. Anthony voltou-se, ignorando os que estavam à sua volta e abraçou-a.

- Ele está blefando, Carolina. Mortos não seremos úteis para ele.

- Não estou blefando! - berrou Sebastian, retirando sua pistola do coldre.

Anthony percebeu o movimento.

- Não faça nada que possa se arrepender mais tarde!

Sebastian se aproximou de Anthony e aplicou-lhe um golpe na cabeça com a coronha da arma, jogando-o ao solo.

- Eu estou no comando aqui! - gritou, apontando a arma para a cabeça de Carolina.

Anthony percebeu que Sebastian estava transtornado e seria capaz de qualquer coisa.

- Está bem, Sebastian! - disse, ainda no chão. - Diga o que quer que façamos!

O soldado continuava a filmar toda a cena. Sebastian acalmou-se e baixou o revólver.

- Já fizeram o que eu queria! Podem voltar a sua tenda. - exclamou sorrindo.

De volta à tenda, Carolina colocou compressas para aliviar a dor causada pela coronhada que o pai havia levado na cabeça. Também limpou o sangue que havia escorrido pela frente de Anthony, depositando-se no colarinho da camisa.

- Você não devia tê-lo enfrentado, papai!

- Ele teria conseguido provocar esta cena de qualquer jeito minha filha. Agora consegui o que queria, uma gravação nos maltratando. Certamente a enviará ao governo.

- Pensei que ele fosse atirar, papai!

- Enquanto tiverem esperança de troca, não nos matarão, minha filha!

- Precisamos fugir, papai!

Anthony, deitado, colocou a mão no ombro da filha, que estava sentada ao lado de sua cama.

- Prometa-me novamente que não contará nada a Martin! - pediu.

- Já lhe prometi, papai.

- Nem o que aconteceu hoje!

- Se depender de mim, Martin nunca ficará sabendo que estamos sendo maltratados.

Anthony piscou o olho para a filha, após um breve sorriso. Não conseguiu esconder um expressão de dor causada pela movimentação do local em que havia recebido a pancada.

- Você é realmente é uma grande garota Carolina!

- A cada dia que passa mais me orgulho de você papai! - Carolina abaixou-se e beijou, afetuosamente, a testa de seu pai, dolorida pela pancada.

Anthony passou seu braço em torno da cintura da filha. Ficaram assim por um longo tempo.

Capítulo Quinze

Sempre, ao amanhecer, todos eram acordados pelo toque de alvorada. O toque de alvorada consistia em uma estridente corneta extremamente mal tocada por um guerrilheiro. Desta vez não foi diferente. Os novatos levantaram e puseram-se em ação. Após tomar rapidamente seu desjejum, encaminharam-se para o local de partida. Martin, por falar inglês e espanhol, geralmente servia de intérprete entre os instrutores e alguns de seus colegas de língua inglesa, que sabiam pouco ou quase nada da língua latina. Alguns instrutores também falavam inglês, mas preferiam falar em espanhol para forçar o aprendizado de seus pupilos. Destes, alguns aprendiam logo as principais palavras da língua de seus professores, mas outros não conseguiam entender praticamente nada. Era quando Martin entrava em ação.

Nesta manhã, havia sido colocado em um grupo que continha somente ingleses e irlandeses que não falavam espanhol. Hector, o instrutor que os acompanharia, era colombiano, e não falava nenhuma palavra em inglês. Martin previu que teria muito trabalho pela frente.

- Boa sorte! - Ralph desejou rindo, a Martin. - Cheguem em segundo!

Martin riu do bom humor do amigo.

- O mesmo desejo para vocês!

Ralph foi juntar-se ao seu grupo.

- Todos a postos! - ordenou uma voz metálica, vinda de um megafone.

Cada novato juntou-se ao grupo ao qual havia sido designado no dia anterior e aprontou-se para partir. Sob a coordenação de um instrutor, marchariam para longe do acampamento durante três horas. Na volta o instrutor apenas iria acompanhá-los, sem dar uma única pista ou opinião sobre o caminho a tomar.

Um apito foi o sinal de largada. Todos seguiram o seu guia. Martin mantinha-se ao lado de Hector para traduzir suas instruções aos companheiros. Jason, que estava no seu grupo, colocou-se ao seu lado. Charles e John também estavam no mesmo grupo.

Durante as três horas de ida, o guia deu poucas instruções, pois o objetivo do exercício era que o próprio grupo descobrisse sua forma de retornar. Hector preferiu contar a Martin suas próprias experiências de guerrilha. Martin assustou-se um pouco com as histórias sangrentas deste, pois tanto Sebastian como Pablo não se cansavam de lhe garantir que eram um grupo pacífico. Martin traduzia alguns trechos da narrativa de Hector para Jason, que ficava cada vez mais impressionado com o que ouvia. Charles também escutava as histórias do guia. Conseguia entender a maior parte do que ele falava, o que dispensava prestar atenção na tradução de Martin.

- Sebastian atua algumas vezes na linha de frente? - perguntou Martin, aproveitando uma pequena pausa na narrativa de seu interlocutor.

Procurou ter o cuidado de não transparecer um demasiado interesse, fazendo com que a pergunta parecesse somente uma curiosidade de iniciante.

- Ele atuava muito antigamente. Agora é apenas mentor intelectual de nossos ataques. Até porque não poderíamos correr o risco de perdê-lo. Ele é muito importante para nossa causa.

- Ele planeja todas as ações?

- Nem todas, temos outros líderes. Porém Sebastian é um dos mais importantes e muito temido e respeitado pelos outros.

- Por quê?

- Ele é muito destemido. Não fraqueja diante de ninguém.

- É mesmo?

- Sebastian é uma lenda viva, garoto. Temos muita sorte em tê-lo como nosso líder. Tenho certeza que os soldados dos outros acampamentos nos invejam!

Martin demonstrou satisfação.

- Não sabia que éramos tão felizardos.

Hector sorriu, orgulhoso, sem perceber a ironia nas palavras de Martin. Ainda sorrindo, olhou em seu relógio. Haviam andado mais depressa do que havia planejado, de modo que iriam chegar ao ponto de retorno antes do horário previsto.

- Estamos quase chegando. Vamos aproveitar para descansar até a hora de início de retorno. - anunciou.

Martin traduziu em voz alta o que ele havia dito, para que todos os integrantes de grupo pudessem ouvir. Chegaram ao local marcado como limite da expedição. Hector verificou isso através de um aparelho que trazia consigo que marcava a distância percorrida desde o acampamento. Cada um procurou o lugar que parecia mais aconchegante para um pequeno descanso. Alguns tiraram suas botinas, enquanto que outros aproveitaram a oportunidade para tirar um cochilo, pois o ritmo puxado dos exercícios não deixava muita margem para descansos, principalmente no meio do dia. Martin apenas sentou-se em seus calcanhares e ficou a meditar sobre tudo o que estava acontecendo. O tempo de descanso passou rapidamente para ele.

- Está na hora de voltarmos! - gritou Hector a plenos pulmões, para ser ouvido por todos, pois alguns integrantes do grupo estavam meio afastados do local onde se encontrava.

Nem foi preciso traduzir, pois a forma como falou foi facilmente entendida por todos, que se aproximaram lentamente de seu guia. Após certificarem-se de que todos estavam presentes e prontos para partir, o grupo iniciou a viagem de retorno. Dois integrantes do grupo, considerados mais experientes, haviam sido designados pelos outros como guias na jornada de volta. Os outros poderiam opinar ou discutir os caminhos a seguir, mas a palavra final seria sempre dada pelos dois. Martin não estava muito interessado em ajudar a descobrir o caminho de volta, pois além de não ter nenhum interesse por este tipo de atividade na selva, sua cabeça estava muito ocupada com outros pensamentos.

A volta foi bastante confusa. O trajeto, que na ida havia consumido um pouco menos de três horas, na volta já estava beirando as quatro. O caminho que haviam tomado não era uma unanimidade no grupo. Alguns achavam que deveriam procurar pelo leito do rio, outros orientavam-se pela posição do sol, mas, como prevalecia a opinião dos dois líderes, os que tinham suas opiniões vencidas limitavam-se a acompanhar o grupo, resignados.

Quando Hector era inquirido sobre as chances de estarem no caminho certo, apenas dava de ombros e sorria sem deixar transparecer qualquer sinal, nem afirmativo, nem negativo. Ele era um soldado disciplinado e cumpria todas as ordens que recebia. Se havia sido determinado que não deveria ajudá-los, nada o faria mudar de idéia. Orgulhava-se de nunca haver sido repreendido por um superior por algum ato de indisciplina.

- Encontrei alguma coisa! - gritou, em inglês, um dos dois guias designado para achar o caminho de volta.

Não entendendo o que ele havia dito, Hector voltou-se para Martin, que vinha bem atrás do grupo.

- O que foi que ele disse, garoto?

- Ele disse que encontrou alguma coisa! - traduziu Martin.

Todos foram se aproximando do local de onde haviam partido os gritos do guia. Estavam diante de alguns buracos, claramente feitos com pás, que podiam muito bem servir como covas. Ao avistá-las, Hector ficou muito contrariado. Martin percebeu que Hector parecia desorientado, sem saber que atitude tomar.

- Vamos adiante! - ordenou finalmente Hector, voltando-se para o grupo e apontando com seu braço direito estendido a direção que deviam tomar.

- Devemos prosseguir. - traduziu, mais uma vez, Martin.

Hector partiu na frente do grupo.

- Mas... para que servem estes buracos? - Jason perguntou a Martin.

- Você não vai querer que eu pergunte isso a ele. - Martin conseguiu rir.

Caminhava rapidamente, tentando acompanhar Hector.

- Por que não?

Martin procurou demonstrar tranqüilidade.

- Você nem desconfia para que servem? - perguntou a seu curioso companheiro.

- Claro que desconfio! Acredito que seja uma espécie de cemitério.

Martin voltou-se, ainda caminhando, e procurou o olhar de Jason. Expressou concordância com a sua conclusão, apenas com uma expressão facial.

- Você não percebeu a reação de Hector quando nós avistamos o local?

- Claro que percebi, ele parecia transtornado!

Martin deixou que Jason o alcançasse, e agarrou-o pelo braço esquerdo com sua mão direita, puxando-o e provocando uma aproximação maior entre ambos.

- Então... para o seu bem, Jason, não toque mais nesse assunto por enquanto.

Martin estava cada vez mais convencido que o grupo que aderira não era nem de longe o que procurava aparentar para ele. Não tinha certeza se os outros novatos sabiam claramente onde estavam se metendo, ou se haviam, assim como ele, sido iludidos por discursos maravilhosos, mas que agora soavam-lhe cada vez mais falsos. Tentava não demonstrar sua decepção. Precisava libertar seu pai e sua irmã daquele lugar.

Hector, nervoso, parou um pouco mais adiante, e esperou que todos os seus comandados o alcançassem para reiniciar a marcha de retorno. Observando que todos estavam reunidos a sua volta, Hector fez um sinal para Martin, que, distraído em sua conversa com Jason, havia ultrapassado-o. Martin se aproximou.

- Diga-lhes que a partir de agora eu reassumo o comando, garoto.

Martin repetiu a ordem.

- Vamos adiante! - ordenou Hector, já tendo recuperado a calma e colocando-se em movimento.

Martin o seguiu novamente. Todos os outros o imitaram, aparentemente em silêncio, mas era possível perceber alguns cochichos entre eles.

- Estamos quase chegando! Diga-lhes que com sorte poderemos ser os primeiros a atingir o objetivo. - anunciou Hector.

A notícia foi recebida com alegria por todos. Martin não sabia se alguns riam realmente de alegria ou se riam de nervosos pela cena que haviam presenciado. Realmente, estavam bem perto do acampamento. Logo chegaram ao rio que, um pouco mais adiante, passaria por baixo da cachoeira. Mesmo para Martin, que não conseguia localizar-se facilmente na selva, era possível retornar ao local onde haviam encontrado as covas. Entraram na caverna encoberta pela cachoeira. Ao chegar ao acampamento, um grupo já os esperava cantando vitória. Logo, um a um, todos os grupos foram também chegando. O último grupo a chegar foi o de Ralph. Seu grupo foi recebido com muitas vaias e teve que enfrentar um corredor polônês.

Martin não conseguia prestar atenção a nada que acontecia à sua volta. Tudo o que queria era encontrar uma forma de retornar ao local. Talvez pudesse descobrir algum segredo do acampamento.

Antes do anoitecer os recrutas só tiveram tempo de tomar um refrescante banho de rio, pois as manobras tinham durado quase todo o dia. Assim que teve uma oportunidade, na sa-

ída do rio, Martin aproximou-se cuidadosamente de Ralph, de forma a não despertar suspeitas

- Não demonstre nenhuma surpresa com o que vou lhe dizer, mas acho que descobrimos um cemitério escondido na mata.

Ralph, que estava caminhando, deu uma parada.

- Continue caminhando. - pediu Martin.

Foi atendido pelo amigo.

- Mesmo? - Ralph não conseguia esconder o espanto.

- Verdade. E sei como voltar lá.

Martin procurava falar baixo e sem demonstrar emoção.

- Está louco, Martin?

- Nem um pouquinho. Deve haver uma forma de irmos até lá sem sermos vistos.

Jason, que também saía da água, apressou-se em alcançá-los.

- Já contou para ele, Martin? - perguntou Jason.

- Fale baixo, Jason. Se estivermos lidando com assassinos, acredito que você não gostaria de despertar a sua ira. - respondeu Ralph.

Jason olhou em volta.

- Acham que estamos sendo observados?

- Não sei, mas vamos procurar disfarçar, nossos líderes estão reunidos lá no barranco. - avisou Martin, sem olhar para o local que havia indicado.

Os outros dois olharam, instintivamente, para o barranco e puderam constatar que estavam sendo observados.

- Tem razão. - disse Ralph.

- Será que seremos interrogados? - indagou Jason.

- Não fizemos nada de errado, - respondeu Martin. - não temos o que temer. Se alguém tem que dar explicações, este alguém é Hector.

No alto de um barranco, que ficava um pouco acima do rio, na direção do acampamento, Sebastian conversava com Homero, Pablo e Hector. Os quatro observavam a caminhada dos três novatos, que vinham em sua direção.

- Você acha que desconfiaram de alguma coisa? - Sebastian perguntou, dirigindo-se a Hector.

- Acredito que não. - Hector estava constrangido pelo acontecido.

- Como você pôde ser tão descuidado, Hector? - Sebastian estava furioso. - Achava que era mais responsável!

- Não pensei que eles fossem encontrar o local Sebastian, ficava fora da trilha... - não gostava de ser repreendido. - Eu sinto muito!

- Bem, agora é tarde. O que está feito, está feito. Só nos resta continuar a observá-los para ver qual serão suas reações.

- Temos feito isso com Martin desde que chegou aqui. - retorquiu Pablo.

- E então?

- Acredito que esteja conosco, Sebastian. Até agora não detectamos nenhuma atitude sua que acusasse qualquer desconfiança com relação a nós. Ele visita muito o pai e a irmã, o que eu acho até natural, mas não demonstra nenhum arrependimento por estar aqui.

- Pelo contrário! Conversei muito com ele hoje, e parece-me muito empolgado. - interrompeu-o Hector.

- E Ralph?

- Continuo confiando nele. - respondeu Pablo. - Além disso, desde que chegou aqui, nunca deu qualquer prova que merecesse nossa desconfiança.

- Confie desconfiando! - Esses garotos são muito mais espertos do que você imagina. - advertiu Sebastian.

- Sei que são muito espertos. Por isso mesmo os recrutei.

- Tudo bem. Mas nunca é demais ter cuidado.

Os três novatos já estavam bem perto. Estavam visivelmente cansados, mas mesmo assim Ralph esboçava um franco sorriso.

- Quais são as más notícias que tem para meu grupo, Sebastian? - perguntou Ralph, enquanto se aproximava.

- Não tenho nenhuma surpresa, meu amigo. As punições que sofrerão já haviam sido definidas antes de partirem. Não costumamos mudar as regras do jogo.

- Ainda bem. O que estava previsto, tiro de letra.

Todos riram do conformismo de Ralph. Martin e Jason tiveram que fazer um esforço para isso. Esforço esse, que não foi percebido pelos outros. Ralph era mais maduro e racional que os outros dois. Não lhe era muito difícil disfarçar seus sentimentos.

- Vamos homenagear os vencedores? - convidou Sebastian, já virando-se em direção ao acampamento.

Todos o seguiram.

Logo depois do jantar, com homenagens aos vencedores, Martin foi até a tenda de seu pai. Chegando lá, encontrou-os ainda jantando.

- Como se saiu hoje? - perguntou Anthony.

- Meu grupo chegou em segundo lugar...

- Pelo menos não vai ter que trabalhar. O simples fato de ouvir esta palavra já lhe causa arrepios. - brincou Carolina.

Anthony e Carolina riram divertidos. Martin não riu da piada da irmã. Quando estes perceberam a cara de preocupação de Martin pararam de rir imediatamente.

- Aconteceu alguma coisa, meu filho? - Anthony preocupou-se.

- Aconteceu, papai.

- O que foi?

Martin ficou em silêncio por algum tempo, enquanto escolhia as palavras.

- Talvez tenhamos encontrado um cemitério escondido na mata! - desabafou.

Carolina deu um grito abafado, horrorizada.

- Um cemitério? - indagou Anthony.

- Não tenho certeza, papai. Mas haviam várias covas abertas e outras tantas já cobertas por terra, como já tivessem sido utilizadas.

- Foi tudo o que viram? Pode não ser um cemitério.

- Sei disso, mas nosso instrutor ficou muito contrariado por termos encontrado o local.

- Tem certeza?

- Claro, tratou de tirar-nos de lá o mais depressa possível.

Carolina, já recuperada do choque, falou duramente com Martin.

- Papai disse que eles eram perigosos, você não o escutou!

Carolina, apesar da irritação, mantinha-se fiel à promessa feita ao pai, não deixando transparecer qualquer demonstração de sofrimento perante Martin.

Martin não enfrentou a irmã. Estava arrasado.

- Calma, Carolina! Devemos ficar unidos agora. Martin já sabe que agiu errado. Você não precisa lembrar-lhe disso o tempo todo. - pediu Anthony.

Martin sabia que precisava fazer alguma coisa.

- Vou até lá, papai.

- Está louco, Martin? É muito perigoso!

- Já estou decidido, papai. Ninguém poderá me impedir de remediar o meu erro.

Martin nem deu tempo para qualquer resposta. Girou em seus calcanhares e saiu da tenda. Anthony tentou sair em seu encaixe.

- Martin, espere!

O soldado que vigiava sua tenda atravessou-se na sua frente, barrando-o com o rifle que tinha nas mãos.

- Não é hora para passeios!

Anthony tentou ultrapassá-lo.

- Desculpe-me... eu esqueci de falar uma coisa para meu filho e achei que poderia alcançá-lo antes que se afastasse.

O soldado foi intransigente, mantendo-se na sua frente.

- Se for muito importante, diga-me o que é que depois eu dou o recado para seu filho.

Anthony, percebendo que não haveria forma de passar pelo guarda, procurou recuperar a calma.

- Não se incomode com isso, não era nada importante. Amanhã eu falo com ele. Obrigado.

- Boa noite, senhor!

- Boa noite!

Anthony voltou para junto de Carolina, que tinha vindo quase até a saída da tenda. Assim que ele entrou, jogou-se em seus braços.

- Que será de nós, papai?

- Não sei, Carolina. - era a primeira vez que Anthony admitia sua impotência na frente da filha, desde que haviam sido raptados. - Agora só nos resta rezar muito.

Quando Martin entrou na tenda que dividia com seus companheiros, todos já estavam lá. Percebeu, assim que chegou, um silêncio que espelhava o nervosismo de todos.

- Por Deus, Martin! Por onde andou? Não sabíamos onde estava! - exclamou Ralph.

- Fui à tenda de papai.

- Eles estão bem? - Ralph estava preocupado com Carolina.

- Estão!

- Estávamos conversando sobre o que encontramos hoje. Ouvimos seu barulho, mas não sabíamos quem estava chegando. - esclareceu Charles.

Somente neste momento Martin percebeu que os dois irlandeses estavam tão assustados quanto ele.

- Era sobre isso que conversávamos. Precisamos encontrar uma forma de confirmar esta história. - disse Ralph.

- Estou decidido a voltar lá! - anunciou Martin.

Houve um silêncio na tenda, Charles foi quem o quebrou.

- Eu sei como ajudá-lo!

Capítulo Dezesseis

O dia seguinte às manobras era de descanso para todos. A exceção ficou por conta do grupo perdedor, que assumiu as tarefas de manutenção do acampamento, conforme havia sido determinado.

Charles procurou Pablo. Encontrou-o em sua tenda, tomando o café da manhã.

- Bom dia, Pablo! - saudou.

- Bom dia, Charles! Entre! - respondeu Pablo.

- Não quero tomar muito seu tempo.

- Você sabe que tenho todo o tempo do mundo por aqui. Não faço nada a não ser ler e esperar pelo meu retorno à civilização. Como está se saindo nos treinamentos?

- Tudo bem!

- Por que levantou tão cedo no dia de folga?

- Gostaria de levar alguns amigos a uma pescaria. Pretendo ensiná-los como se pesca na Irlanda.

- Seu irmão me disse que você é um excelente pescador!

Charles tentava esconder seu nervosismo. Às vezes gaguejava quando mentia, mas desta vez estava se saindo bem.

- É exagero dele. Eu pescava muito quando era criança. Meu único mérito é ter paciência.

- Realmente, o segredo da pesca é a paciência!

- Ainda não tive a oportunidade de pescar por aqui. Um cozinheiro disse-me que tem equipamento de pesca para me emprestar.

- E quem você pretende levar junto?

- Somente meus companheiros de dormitório.

- Todos eles?

- John e Martin. Ralph não pode ir conosco, pois faz parte do grupo perdedor de ontem e já está bastante atarefado.

Os dois riram. Pablo se agradou muito da idéia de Charles aproximar-se de Martin. Achava que a influência do irlandês faria muito bem ao americano.

- Como está indo Martin?

- Muito bem, acho que está gostando daqui.

- E onde pretendem ir?

- Gostaríamos de ir ao rio de fora do vale. O cozinheiro me disse que o barulho do acampamento e dos geradores de energia afugentam os peixes daqui.

Pablo continuava rindo.

- Está bem, podem ir... Quer que eu mande um guia com vocês para não se perderem?

Charles foi pego de surpresa pela oferta inesperada.

- Acho que não será necessário. - respondeu, assim que se recuperou do susto. - Não iremos muito longe. Só acompanharemos o rio.

Charles se deu conta que poderia despertar suspeitas.

- A menos que mais alguém queira ir conosco. - remendou.

- Duvido que queiram. Nos dias de folga só querem beber e dormir. E pensando melhor, não seria justo pedir a alguém que abra mão do seu dia de folga para acompanhá-los.

- Então vou dar a boa notícia para meus amigos. Obrigado!

- Não tem do que me agradecer, garoto. Divirtam-se!

Charles tratou de sair o mais depressa possível da tenda. Tudo havia dado tão certo que temia dizer qualquer outra coisa a Pablo, com medo de se delatar. Pablo confiava naquele garoto plenamente. Se ele seguisse os passos do irmão mais velho, desejaria tê-lo sempre ao seu lado. Na chegada de Martin, havia pedido para que Charles ficasse de olho nele, e tratou de colocar os dois na mesma tenda. Eles tinham se conhecido na época em que Pablo esteve na Irlanda, onde tinha ido aprender técnicas de guerrilha no IRA. O irmão mais velho de Charles era integrante do IRA, e tinha hospedado Pablo em sua casa durante toda a sua permanência no país. A convivência diária com Charles, que na época era um garoto, fez com que Pablo se afeiçoasse a ele. Agora que Charles já não era mais um garoto, Pablo resolveu retribuir a gentileza recebida na Irlanda, recebendo-o com a finalidade de prepará-lo para praticar atentados. Charles, porém, não compartilhava da idéia de lutas sangrentas das quais Pablo e seu irmão era adeptos. Queria lutar pela independência de seu país, mas achava que havia formas de chegar a uma solução pacífica. Como não teve coragem de enfrentar o irmão, que era extremista, Charles foi à Colômbia, mas não tinha planos de continuar neste tipo de luta.

Charles estava tão exultante e orgulhoso de seu feito, que quase correu enquanto retornava à tenda para dar a boa notícia.

- Consegui! - anunciou ao ver Martin e John, ansiosos a aguardar-lhe.

Os dois, que tinham ficado aguardando o resultado da conversa de Charles com Pablo dentro da tenda, respiraram aliviados. Martin deu um grito de satisfação. Estava tão feliz por estar conseguindo prosseguir em sua intenção de ajudar o pai e a irmã, que teve vontade de ir contar-lhes o que ia fazer.

- Então, mãos à obra! - ordenou aos amigos.

Nem precisava ter dito. Os outros já estavam tratando de se preparar para sair. Os três apanharam algumas coisas para a expedição e partiram em direção do refeitório. Lá conseguiram o equipamento de pesca e alimentos para não precisarem retornar ao acampamento na hora do almoço. Charles era muito carismático. Com calma sempre conseguia o que queria.

Procuraram deixar o acampamento descontraidamente para não despertarem suspeitas. Martin estava tão nervoso que seu coração parecia sair pela boca. Dos três era o mais ansioso para descobrir o que estava enterrado naquele local.

Quando, finalmente, ultrapassaram a cachoeira, respiraram mais aliviados. Andavam no mais completo silêncio, como se temessem que suas vozes pudessem denunciá-los. Porém, sabiam que dificilmente encontrariam alguém fora do vale. Os guerrilheiros não tinham o hábito de sair dele. Caminharam, costeando o rio, até o ponto onde Hector, o instrutor, o havia alcançado no dia anterior. Martin, que ia à frente, parou.

- É aqui que devemos entrar na mata! - anunciou, quebrando o silêncio. - Não acham? - procurou certificar-se da posição exata.

- Acredito que sim. - respondeu John.

- Também acho. - completou Charles.

Martin se deu conta que não tinham traçado nenhum plano.

- Como faremos agora?

- Acho que somente um de nós deve ir até lá. Os outros ficam aqui para evitar qualquer suspeita. - respondeu John

- Eu vou! - afirmou Martin, decidido.

- Mas e se estiverem vigiando o local? - Pode ser perigoso chegar lá sozinho! - alertou Charles.

Os outros dois refletiram por alguns segundos.

- Tem razão! - disse John. - Então vamos fazer o seguinte: vocês vão até lá, se aparecer alguém, digo que vocês resolveram descer o rio um pouco mais, enquanto eu preferi ficar aqui.

- Boa idéia! - concordou Martin.

- Mas lembrem-se de tomar cuidado na volta. Se tiver alguém aqui comigo, vou tentar conversar com ele o tempo inteiro. Se ouvirem a minha voz, retornem pelo rio. - continuou John.

- O.K.! - exclamou Martin.

Os dois seguiram rumo ao local das covas. Antes, porém, tomaram o cuidado de esconder na mata o equipamento de pesca que deveriam estar usando, caso John fosse encontrado por guerrilheiros. Inicialmente caminharam normalmente, cuidando apenas de não deixar rastros muito visíveis de sua passagem por ali. Quando se aproximaram do local, passaram a se esgueirar silenciosamente, temendo ser surpreendidos por algum vigia. Estavam com os nervos à flor da pele, e à medida em que se aproximavam de seu objetivo ficavam cada vez mais nervosos. Quando faltavam apenas alguns metros, começaram a rastejar, colocando em prática os conhecimentos que tinham adquiridos com os próprios guerrilheiros. Ao enxergarem as covas, pararam e permaneceram em silêncio por algum tempo, tentando escutar alguma coisa que denunciasse a presença de mais alguém. Não escutaram nada além do ruído da natureza. Para ter certeza de que poderiam se levantar, Martin pegou uma graviola que estava no chão e jogou-a para o lado oposto de onde estavam. Ao passar pelas folhas e atingir o solo, a fruta causou um grande barulho. Ninguém se manifestou.

- Vamos? - Martin perguntou.

- Vamos!

Os dois levantaram-se e invadiram o local. Estava deserto. Puderam observá-lo com mais calma que no dia anterior. Havia quatro covas abertas, com a terra retirada ao lado de cada uma. Viram também doze covas já tapadas. Quem havia tapado estas covas não tinha tido a preocupação de camuflá-las. Provavelmente tinha certeza de que não seriam encontradas, ou talvez não se preocupasse com isso. Os dois amigos estremeeceram ao imaginar o que poderiam encontrar ali. Ambos estavam completamente mudos.

- Vamos cavá-las? - falou finalmente Charles.

- É claro que vamos! Não é para isso que viemos aqui? - respondeu Martin.

Contudo, nenhum dos dois tomava a iniciativa de iniciar o trabalho. Apenas caminhavam, observando o local.

- Procure as que tenham a aparência de terem sido tapadas mais recentemente. - disse Martin.

- Acho que esta é a mais recente! - anunciou Charles, enquanto apontava para uma cova que ficava ao lado das que ainda estavam abertas.

- Também acho! - exclamou Martin, observando-a. - A terra que a cobre ainda está fofa.

- Então, cavamos esta?

- Vamos tentar!

Antes que pudesse ter qualquer pensamento de hesitação, Martin jogou-se ao chão e começou a cavar. Charles o imitou imediatamente. Cavavam com as mãos. A terra, ainda fofa, facilitava o trabalho. Tinham cavado cerca de oitenta centímetros quando Charles jogou-se para trás, assustado.

- Toquei em alguma coisa! - gritou.

- Calma, Charles, não é momento para pânico!

Martin, reunindo todas as suas forças para seguir suas próprias palavras, voltou a tirar a terra. Charles somente observava, inerte, a escavação do amigo. Martin procurou contornar o que Charles havia tocado. Estremeceu ao perceber que tinha o formato oval, já imaginou o

que deveria ser. Juntou toda a coragem que tinha, e até a que não imaginava ter, e colocou as duas mãos por baixo do que julgava ser uma cabeça. Puxou-a para cima, utilizando-se de seus joelhos como alavanca. Conseguiu puxá-la até que ficasse exposta aos olhos dos dois. Os dois jogaram-se para trás gritando horrorizados, pois uma coisa era imaginar o que poderiam ver, outra coisa era realmente deparar-se com um cadáver. Havia sido enterrada há pouco tempo, e era possível identificar seu rosto. Era uma mulher com longos cabelos louros.

- Meu Deus! - exclamou Charles.

Martin, que era quem a havia desenterrado, levantou-se e caminhou em círculos, chacoalhando as mãos como se quisesse livrar-se delas.

- Vamos sair daqui! - gritou.

- Calma, Martin! - agora era a vez de Charles assumir o controle da situação. Percebeu o estado em que Martin se encontrava após desenterrá-la com as próprias mãos.

- Que loucura, meu Deus! - Martin estava fora de si e continuava gritando. - Onde foi que nos metemos?

- Calma, Martin! - Charles continuava tentando acalmá-lo.

Na sua infância na Irlanda, Charles já havia visto muitos cadáveres espalhados pelas ruas da cidade, após tiroteios e atentados sangrentos. Martin não parava de caminhar. Não olhava para o local de onde tinha retirado o corpo nem ouvia as palavras de seu companheiro. Charles levantou e postou-se à frente dele. Agarrou seus braços e o sacudiu.

- Martin, escute-me!

Martin estava em estado de choque. Continuava não escutando nada. Charles largou seus braços e aplicou-lhe uma bofetada que o jogou ao solo. Martin, caído, parou de gritar, mas continuava em estado de choque, como se estivesse alienado de tudo a sua volta. Charles ajoelhou-se ao lado do amigo e colocou sua cabeça sobre as próprias pernas, segurando-o pelo maxilar.

- Calma, meu amigo! - murmurou, procurando relaxá-lo. - Agora está tudo bem... vamos ficar bem. - enquanto falava, batia levemente nas bochechas do amigo, como se tentasse acordá-lo.

Ficaram assim por algum tempo. A tática de Charles deu resultado. De repente, como se tivesse acordado de um sono profundo, Martin fitou-o fixamente.

- Em que nos metemos, Charles?

Os dois não mais contiveram a emoção e começaram a chorar. Charles, mais uma vez foi o primeiro a recuperar a calma.

- Vamos apagar nossa passagem por aqui. - disse, enquanto se levantava.

Martin permaneceu sentado, até recuperar o completo domínio de si mesmo. Quando sentiu as pernas firmes, levantou-se lentamente.

- Será que é uma das duas mulheres que sumiram na outra noite?

- Provavelmente sim. Ainda não está em decomposição. - respondeu Charles.

- Precisamos agir depressa para não despertar suspeitas.

- Procure apagar nossas pegadas enquanto termino de tapar o buraco que abrimos.

Os dois amigos não tiveram muita dificuldade em disfarçar sua passagem pelo local, uma vez que os guerrilheiros não haviam tido nenhum cuidado em camuflá-lo. Terminado o serviço, observaram tudo com cuidado. Não queriam deixar nenhum rastro.

- Acho que podemos ir. - disse Charles.

- Então vamos logo, antes que alguém apareça.

Voltaram ao rio pelo mesmo caminho. Tomaram o cuidado de arrastar um galho de árvore às suas costas para apagar sua pegadas. Quando se aproximaram do rio diminuíram a marcha e ficaram atentos a qualquer conversa que pudessem escutar. Apesar de não ouvi-

rem nenhum som de vozes, continuaram seguindo com cuidado. Quando já estavam quase no ponto onde haviam deixado John, Charles arriscou-se a chamá-lo.

- John! - gritou.

- Estou aqui! - ouviram a voz do amigo. - Tudo certo!

Recolheram o equipamento de pesca que haviam escondido e retornaram para junto do amigo, que já estava ansioso esperando-os. John ainda alimentava alguma esperança de que estivessem enganados.

- E então? O que descobriram? - perguntou, assim que os avistou.

- Estávamos certos! - respondeu Charles.

John percebeu que os dois estavam muito abatidos.

- Mas viram o quê, exatamente?

- Vimos um cadáver. E isso já foi suficiente!

John jogou no chão a vara de pesca que tinha nas mãos.

- Droga! - gritou. - O que vamos fazer agora?

- Não sei. Mas precisamos fazer alguma coisa. - Charles sentou-se à beira do rio.

Martin foi direto ao rio para se lavar. Sentia-se sujo, não apenas pela lama que tinha no corpo, mas principalmente pelo local onde tinha estado. Ao alcançar a água, passou a esfregar as mãos desesperadamente.

Os três amigos ficaram sem se conversar por algum tempo. Cada um imaginava como seria seu futuro. Martin continuava a se lavar. John caminhava, indo e voltando, como se estivesse em uma jaula, e Charles permanecia sentado inerte, mirando o vazio. Martin terminou de se lavar e foi sentar-se ao lado do amigo. Também passou a fitar o vazio. John juntou-se a eles.

- Eu vou enfrentá-los! - exclamou Martin.

- É nisso que eu estava pensando. Não nos resta outra alternativa. Não podemos permitir estas chacinas que eles estão promovendo com pessoas inocentes. - concordou Charles.

- Vocês devem procurar se salvar, Charles. Não acredito que tenhamos muita chance contra eles. Eu vou enfrentá-los porque prefiro morrer a ver matarem minha família.

- De que nos serve viver, Martin, se não ajudarmos quem precisa? Sou totalmente contra a violência, mas se é necessário que alguém sofra, prefiro que seja quem causa sofrimento aos outros e não inocentes totalmente indefesos.

- Charles tem razão. - concordou John. - Quando entramos nisso, tínhamos alguma idéia do que estávamos nos metendo, apesar de não sabermos que eles eram extremistas. Mas os reféns não estão aqui por opção. Garanto que a maioria deles nunca fez mal a alguém conscientemente. Eu vou enfrentá-los, e tenho certeza que teremos mais gente ao nosso lado.

- Pensem bem no que estão me dizendo! Somos totalmente inexperientes, enquanto eles não só estão muito bem armados, como têm muita experiência. - disse Martin.

- Mas estamos no meio deles! Podemos organizar uma rebelião antes que percebam que desertamos! Podemos conseguir armas e aliados! Os próprios reféns podem nos ajudar! - retorquiu John.

- Com quantas pessoas poderíamos contar? - indagou Martin.

- Prefiro não ter muitas pessoas envolvidas nisso. O risco de sermos delatados seria muito grande. Acredito que poucas pessoas, bem organizadas, seriam mais eficientes. - respondeu Charles

- Mas com quantos podemos contar? - insistiu Martin.

- Não sei. - admitiu Charles, fazendo uma conta mental. - Talvez umas quinze pessoas. Nem todos falam abertamente que não estão satisfeitos com o que está acontecendo, Martin, mas percebo, nas expressões de alguns, a sua preocupação.

Martin levantou-se, parecendo ter tomado uma injeção de ânimo.

- Muito bem... então vamos enfrentá-los.

John, que havia sentado ao seu lado, também se levantou.

- Pode contar com isso. - disse.

- Nunca esquecerei o que estão fazendo por minha família. - Martin bateu no ombro do amigo.

- Então vamos à luta. - Charles levantou-se.

Os outros voltaram-se para ele.

- A primeira coisa a fazer é pescar uns peixes bem grandes para não voltarmos ao acampamento com as mãos abanando. - completou.

- Certo, chefe! - John tentou desconstrair o ambiente.

- Esta certo, Charles. - concordou Martin. - Principalmente agora, temos que agir normalmente.

- Não comente isso com ninguém, Martin. Não tente conseguir aliados. Você não pode se expor, pois tenho certeza que está sob vigilância por causa de seu pai e sua irmã. Deixe os contatos por minha conta.

Charles preferiu não contar a Martin que Pablo o havia escalado para vigiá-lo, achou que isso apenas iria aborrecê-lo ainda mais.

- Também posso conseguir aliados! - disse John.

- Apenas lhe peço uma coisa, John! - Charles pegou o braço do amigo para reforçar suas palavras.

- O quê?

- Nunca cite o nome de ninguém que já esteja do nosso lado quando conseguir novos aliados. Vamos nos proteger uns aos outros. Se alguém der com a língua nos dentes, somente poderá acusar quem o arregimentou.

- Ótima idéia, Charles. Pode estar certo de que farei isso.

- Muito bem, então vamos pescar!

- Antes disso vamos lavar nossa roupa. - alertou Martin.

Os dois lavaram bem toda a roupa em água corrente, para apagar vestígios da lama do cemitério. Penduraram-na para secar, ficando apenas de cuecas.

A conversa que tiveram serviu para alimentar novas esperanças nos três amigos. Enquanto pescavam, imaginavam de que forma atuariam. Charles e Martin, absortos, chegaram a esquecer a terrível visão que haviam tido. John fez uma pausa para o almoço, mas os outros estavam sem fome. Todos pescaram alguns peixes. Ao entardecer, retornaram ao acampamento.

Depois do jantar Martin foi até a tenda do pai. Foi recebido com alegria por este e por sua irmã.

- Martin! - saudou Carolina, ao vê-lo entrar na tenda. - Pensei que você não viesse nos visitar hoje.

- Como está, filho? - disse Anthony.

Martin não se contagiava com a alegria dos dois por vê-lo.

- Estou bem. - murmurou.

- Então porque toda esta tristeza em seu olhar?

Martin hesitou por alguns momentos.

- Estive lá, papai! - exclamou, desabafando.

Anthony estremeceu. Sabia ao que Martin se referia, e por sua expressão, sabia que sua aventura não tinha sido nada boa.

- E então? Você estava certo?

Martin assentiu com a cabeça.

- Estava, papai.

Anthony percebeu o desamparo do filho. Ficou em dúvida se devia abraçá-lo ou não. Enquanto hesitava, Martin tomou a iniciativa e agarrou-se fortemente em seu pescoço.

- Estou desesperado, papai!

Martin começou a chorar. Era a primeira vez que chorava na frente do pai nos últimos anos. Outrora achava que isso era uma demonstração de fraqueza, mas agora não se importava mais com isso. Estava em busca de amparo. Anthony apertou-o contra si.

- Vamos escapar dessa, meu filho! - foi tudo o que conseguiu dizer.

Carolina também chorava. Ficaram assim por algum tempo, até que Martin, tomado por um acesso de fúria, parou de chorar e afastou-se de Anthony dizendo:

- Esteja certo de uma coisa, papai! Vou tirá-los daqui!

- Sei que está fazendo o possível para isso, Martin.

- Consegui alguns aliados, papai. Tem mais gente insatisfeita com o que está acontecendo aqui. Vamos nos organizar e encontrar uma saída! - Martin falou com entusiasmo.

- Cuidado, Martin. Vocês podem ser delatados.

- Já pensamos nisso, papai. Confie em mim, tudo vai dar certo!

- Confiamos em você, Martin. Não somente eu, mas tenho certeza que Carolina também acredita que seja capaz de enfrentá-los.

Anthony estava sendo sincero. Martin tinha amadurecido muito nos últimos dias. Sabia que ele não era mais o jovem imaturo que os havia seqüestrado. A sinceridade das palavras do pai comoveram ainda mais Martin, que repetiu sua promessa.

- Conte com isso, papai! Vocês vão voltar para casa sãos e salvos!

- Acredito em você, Martin. - desta vez Anthony tomou a iniciativa de abraçá-lo.

Carolina abraçou os dois. Martin separou-se dos dois para continuar falando.

- Agora que temos um movimento concreto de reação, virei menos vezes aqui visitá-los.

Não quero despertar nenhuma suspeita. Mas mesmo assim virei aqui algumas vezes para mantê-los informados.

- Está bem, Martin. Mas tome cuidado!

- Saberei ter cuidado, papai.

Martin deu um beijo no pai e na irmã e deixou-os, indo para sua tenda.

Ralph chegou em sua tenda tarde da noite, completamente tomado pelo cansaço. Contudo, havia passado o dia sem encontrar seus amigos e não tinha deixado de pensar no que estariam fazendo, um segundo qualquer, durante todo o dia. Encontrou-os deitados, mas ainda acordados.

- E aí? Como foi? - perguntou.

- Encontramos o que esperávamos. - respondeu Martin, olhando para o teto da tenda.

- Merda! - exclamou Ralph. - Então estamos mesmo em maus lençóis!

Martin sentou-se na cama.

- Isso mesmo, Ralph.

Charles e John também sentaram-se em suas camas.

- Decidimos enfrentá-los. - disse Charles.

- Acham que isso é possível?

- Acreditamos que sim. Existem várias formas de luta, precisamos encontrar a nossa.

- Bem, acho que nem é preciso dizer isso, mas podem contar comigo.
- Já sabíamos que estaria conosco. - disse Charles.
Ralph sentou-se na cama de Martin, ao seu lado.
- Martin, espero que algum dia possa me perdoar por ter te colocado nisso!
Martin olhou para o amigo.
- Éramos muito ingênuos, Ralph. Não tem que me pedir perdão. Além do mais, ninguém me obrigou a vir até aqui. Estou aqui por escolha própria.
Ralph fitava o chão, desconsolado.
- Como pude fazer tanto mal a Carolina! Nunca me perdoarei!
Martin colocou a mão na cabeça do amigo, despenteando-o. Apesar da situação, conseguiu sorrir.
- Ela vai ficar bem. Desde que você não se aproxime dela! - brincou.
Ralph deu um leve sorriso.
- Eu a amo, Martin! - resolveu abrir o coração para o amigo.
Martin empurrou-o para o lado.
- Pensa que não sei disso há muito tempo, seu bobão?
Ralph surpreendeu-se.
- Como sabia?
- Você não saía da minha casa. Ou estava interessado em mim, ou em Carolina. Como nunca me cantou, cheguei à conclusão que era nela.
Todos começaram a rir.
- Estamos ferrados, e ainda conseguimos rir! - disse John.
Riram mais ainda.
- O.K. pessoal! - interrompeu a brincadeira Charles. - Como vamos agir?
Martin ficou sério.
- Vamos descobrir, a partir de amanhã, quem está conosco.
- Certo, Martin. Deixe isso comigo e com John. Somos menos suspeitos que você. - disse Charles.
- Tudo bem. Agora acho melhor tentarmos dormir. Já está ficando muito tarde.
- Também acho. Não estou mais conseguindo manter os olhos abertos. - disse Ralph.
Ralph levantou-se da cama de Martin e foi para a sua. Os outros apagaram as luzes das cabeceiras das camas e voltaram a se deitar. Foi a pior noite de sono desde que haviam chegado ao acampamento. Todos tiveram pesadelos. Martin e Charles não conseguiam apagar a imagem que haviam presenciado pela manhã.

Capítulo Dezessete

O toque de despertar da manhã seguinte encontrou os quatro já acordados.

- Meu Deus! Já amanheceu e estou completamente pregado! - disse Charles.

- Acho que não dormi nem uma hora! - resmungou Martin, enquanto sentava na cama para se vestir.

John já estava de pé. Parecia ser o que melhor havia passado a noite.

- Vamos lavar bem o rosto para não deixar transparecer nosso cansaço. - alertou.

- Preciso de muita maquiagem para disfarçar. Só água não é suficiente! - brincou Martin.

Ralph também sentou-se na cama.

- Estive pensando... acho melhor evitar andarmos todos juntos e procurar nos reunir somente na hora de dormir. Devemos parecer apenas bons companheiros.

- Eu já havia pensado nisso, Ralph. Também, por mais aliados que consigamos, nunca devemos reunir todos de uma única vez. - disse Charles.

- Muito bem, chefe! - Martin continuou brincando.

Apesar de tudo, era muito difícil ele perder o bom humor.

- Agora vamos à luta. - Martin complementou.

Martin saiu da tenda, dirigindo-se para os lavatórios. Charles e John, que também já estavam vestidos, o seguiram. Ralph ficou para trás. Todos voltaram a se encontrar no refeitório, enquanto tomavam o café da manhã. Após o café cada um seguiu para sua atividade. Ralph continuaria cumprindo a pena pela derrota. Os outros teriam uma aula sobre armamentos pesados.

Depois da aula, Martin não viu mais seus amigos. Foi requisitado para ajudar na construção de um novo barracão que abrigaria a enfermaria, pois a enfermaria atual não comportava mais a demanda. O acampamento tinha crescido muito nos últimos tempos. O dia, para ele, transcorreu sem nenhuma novidade.

À tardinha, enquanto se banhava no rio, o qual preferia aos chuveiros coletivos, Jason, que também se banhava, aproximou-se.

- Ficou sabendo mais alguma coisa sobre o que vimos no outro dia? - indagou.

- Não. - mentiu Martin, não querendo correr riscos.

- Conversei com Charles hoje. Ele me disse que não esperava envolver-se com um grupo tão radical quanto esse.

Martin percebeu que Charles não havia aberto todo o jogo com Jason, mas que provavelmente havia conversado com este sobre a rebelião que pretendiam promover. Tentou sondá-lo.

- E você, o que acha?

- Para ser sincero, vim para cá em busca de aventuras. Mas eu também não gostaria de matar pessoas inocentes.

- Mas você não sabia que eles agiam desta forma?

- É claro que não! Vim a convite de um amigo que queria conhecer o mundo.

Martin riu.

- Que bela forma de conhecer o mundo! - exclamou ironicamente. - Não tinham nenhuma idéia melhor?

Jason ficou irritado com a observação.

- Olha só quem fala! Eu conheço a sua história e sei como veio parar aqui!

Jason conseguiu transferir sua irritação para Martin.

- Você não sabe de nada! Acabei aqui por acaso, e só não abandono este local porque antes preciso salvar meu pai e minha irmã.

Martin, percebendo que havia falado demais, resolveu se calar. Jason não pretendia ter sido tão agressivo, e arrependeu-se de ter provocado a ira de Martin. Era muito educado e não costumava fazer isso. Agira assim pela pressão a que estava sendo submetido. Balançou a cabeça desconcertado.

- Desculpe-me, Martin! Não sei o que está acontecendo comigo. - pediu, com sinceridade.

Martin acalmou-se.

- Desculpe-me você! Fui eu quem provocou esta discussão. Não tenho o direito de julgá-lo, principalmente depois do que fiz com minha família. - tocou no ombro de Jason.

- Tudo bem, Martin. Posso imaginar o que você está passando. Quero que saiba que estou disposto à ajudá-lo. Acredito que Charles também esteja.

- Obrigado, Jason. Sem dúvida nenhuma vou precisar de sua ajuda. - Martin foi sincero.

Martin percebeu que Jason silenciou por algum tempo, fitando a água a sua frente, mas sem enxergá-la, como se estivesse travando uma batalha em seu íntimo.

- Preciso lhe contar uma coisa. - disse Jason.

Martin percebeu que a batalha tinha encerrado.

- O quê?

- É muito grave, Martin. Prometa-me que não contará a ninguém!

Martin assustou-se com a seriedade de Jason.

- É claro que prometo, Jason! Afinal somos amigos!

- Richard, meu companheiro de aventuras, ajudou a carregar dois corpos para a mata há algumas noites.

- Corpos de mulher?

- Como você sabe?

Martin preferiu não contar tudo que sabia para Jason. Havia mentido anteriormente, e poderia perder a confiança que este depositava nele.

- Duas mulheres que ocupavam a tenda ao lado da que ficam meu pai e minha irmã desapareceram.

- Ah! Então é claro que devem ser elas! Foram assassinadas dentro da própria tenda! - exclamou Jason.

- Devem estar enterradas naquele local que estivemos!

- Richard não soube me dizer. Ele apenas ajudou a carregá-las até a saída do vale, depois teve que retornar.

- E não sabe o que foi feito delas?

- Não. Somente prosseguiram guerrilheiros mais antigos.

- E Richard concorda com o que fez?

- É claro que não, Martin. É por isso que estou lhe contando esta história. Tenho certeza de que ele ficará ao nosso lado.

A ingenuidade de Jason era aparente. Martin tinha que evitar que ele se metesse em encrencas.

- Isso é muito bom, Jason. Mas, por favor, não conte esta história para mais ninguém, nem comente suas preocupações. Só Deus sabe o que poderiam fazer a você.

- Certo Martin. Procurarei tomar cuidado!

- Procure agir com naturalidade e não concorde com nada que venham falar a respeito disso. Você, eu e Richard correríamos perigo.

- Eu nunca os entregaria.
- Ótimo, Jason. Então vamos agir como um time. Mas sem provocar alardes.
- Peça-me o que quiser, Martin. Acabou de arranjar um grande amigo, pode ter certeza.
- Não tenho nenhuma dúvida disso, Jason.

Jason era muito inseguro e carente. O fato de Martin ter lhe dado atenção deixou-o muito feliz. Martin tinha realmente ganhado um amigo verdadeiro. Jason sorria satisfeito.

- Vamos jantar? Estou louco de fome! - Jason mudou de assunto.
- Vamos! - concordou Martin.

Os dois saíram do rio, indo secar-se na margem.

Depois do jantar Martin despediu-se de Jason e se recolheu a sua tenda, onde encontrou seus amigos conversando. John estava em pé, na entrada, de onde podia observar quem se aproximava. Ralph estava também em pé, dentro da tenda, e Charles estava sentado em sua cama. Quando encontravam-se sozinhos, sempre falavam em inglês, pois além de Ralph e John ainda não dominarem bem o espanhol, isso ajudava a evitar algum ouvinte indesejado, uma vez que a maioria dos guerrilheiros falava somente espanhol.

- Estava dizendo ao Ralph o quanto está difícil encontrar aliados, Martin! - anunciou Charles. - Não sei em quem posso confiar, por isso ainda não falei abertamente com ninguém sobre nossos planos.

Martin sentou-se ao seu lado.

- Você não é de nada, Charles! - exclamou sorrindo.

Charles, ofendido, ficou ainda mais sério.

- Porque esta agressividade, Martin?

Martin continuou rindo. Cutucou o amigo na barriga com o dedo, este inclinou-se para a frente, sentindo cócegas, mas continuava sério.

- Não precisa ficar zangado, meu amigo. Não o estou agredindo, só estou querendo dizer, que eu, que não ia falar sobre isso com ninguém, consegui dois aliados, enquanto você não conseguiu ninguém.

- Verdade? - animou-se Charles.

- Quem são? - perguntou Ralph.

- Deixem-me fazer suspense e desfrutar estes segundos de glória. - brincou.

- Diga quem é senão quebro sua cara! - Ralph já estava mais descontraído.

- O primeiro deles é Jason!

- Falei com ele hoje! Não consegui perceber de que lado estava. - exclamou Charles.

- Está do nosso lado com certeza. - afirmou Martin. - Hoje ganhei seu coração. Jason é uma criança ingênua, pessoal. Podemos contar com ele, mas temos que protegê-lo de si mesmo.

- Como assim? - perguntou John, voltando-se para dentro da tenda.

- Acho que ele não deve saber mais do que é preciso para nos ajudar, caso contrário pode dar com a língua nos dentes, e, com certeza, nosso amigo Sebastian não o perdoaria.

- E o outro quem é? - perguntou Ralph.

- Pois bem. Com o outro ainda não conversei, mas tenho certeza de que nos ajudará!

- Quem é ele? - insistiu Ralph.

- Conhecem Richard?

- Eu o conheço. - respondeu Charles.

- Pois bem. Richard ajudou a carregar uma das mulheres que os guerrilheiros mataram na outra noite.

- É mesmo? - indagou John, que apesar de vigiar a entrada da tenda, não perdia uma só palavra do que era discutido no seu interior.

- É. - continuou Martin. - Mas está muito arrependido do que fez. Jason me disse que ambos estão arrependidos por terem vindo para cá.

- Você acha que podemos confiar neles? - perguntou Ralph.

- Sobre Richard não posso dizer nada, pois não o conheço direito. Tudo o que contei para vocês, ouvi de Jason. Quanto a Jason tenho a mais absoluta confiança nele. Seu único problema é a sua ingenuidade.

- Deixe eu conversar com Richard. Vou tentar descobrir qual é o seu verdadeiro envolvimento com os guerrilheiros. - pediu Charles.

- Estive pensando muito, Charles. - disse Martin. - Se conseguirmos o apoio dos dois, acho melhor pararmos de procurar outros aliados, pois isso é muito perigoso. Eu prefiro que sejamos poucos, mas bem organizados, do que muitos, correndo riscos desnecessários. Se mais alguém quiser nos ajudar, depois que começarmos a agir, será bem vindo, mas por enquanto seria um a mais a correr riscos, juntamente conosco.

- Pode ser que tenha razão. Vamos primeiro definir o que fazer para enfrentá-los.

- Precisamos estar atentos para tudo o que acontece na nossa volta. Não podemos desperdiçar nenhuma oportunidade de agir.

- Sei disso, Martin, mas temos que ser objetivos. Para começar, o que nós queremos fazer?

- Não acredito que iniciar uma guerra com eles seria uma boa idéia, pois não teríamos nenhuma chance. - opinou Ralph.

- Não pensei em agir dessa forma. Acredito que alguém precisaria partir em busca de socorro. - retorquiu Martin.

- Isso é impossível! - exclamou Ralph. - Antes que se passasse o primeiro dia sem a presença de algum de nós por aqui, eles descobririam. Além do mais, qual de nós teria condições de andar pela mata sem se perder?

Todos ficaram pensativos. Estavam isolados do mundo e não tinham nenhum conhecimento de floresta.

- Eu iria! - rompeu o silêncio Martin. - Meu pai poderia me ensinar a encontrar o caminho de casa.

- E você acha que apenas com algumas aulas teóricas aprenderia a andar na selva? - Ralph perguntou secamente.

- Por que não? Meu pai conhece a selva como a palma de sua mão.

- Não diga asneiras, Martin. Em poucas horas sozinho na selva você já estaria perdido. Além de disso, duvido que seu pai concorde com esta loucura, seria suicídio.

- E se alguém pedisse para trocar de acampamento? - Martin insistiu. - Poderia aproveitar a próxima viagem de reposição de mantimentos e partir juntamente com os guerrilheiros do outro acampamento.

Ralph ficou impaciente com a insistência de Martin.

- Você está insistindo com uma solução inviável, Martin. - quase gritava. - Se um de nós fosse para outro acampamento, o que faria ao chegar lá?

- Não grite, Ralph! - interrompeu John da entrada da tenda. - Quer todo o acampamento aqui para saber o que está acontecendo?

- A única coisa que sei, - continuou Martin, impassível. - é que Sebastian disse que existe um acampamento bem perto de uma cidade. Talvez tivéssemos uma chance de pedir ajuda nesta cidade.

- Bom. - interrompeu a discussão Charles. - Todos concordam que a nossa única chance é pedir ajuda externa?

- Concordo. - disse Martin.

Os outros assentiram com a cabeça.

- Então não vamos nos precipitar nem nos desgastar em discussões inúteis. O que devemos fazer é canalizar nossas energias para descobrir qual é a melhor forma de sair daqui sem ser notado. Quem tiver uma boa idéia, pense bem nela e depois venha propô-la.

- Acho melhor assim. - disse Martin.

- Também acho. - disse Ralph, vindo em direção de Martin. - Desculpe a minha irritação Martin, estou muito cansado e tenho me irritado facilmente. - colocou a mão no ombro do amigo. - Espero que compreenda.

- É claro que compreendo, Ralph. Também tenho estado irritado, mas vamos fazer um esforço para nos suportar. Caso contrário, ao invés de brigarmos com os inimigos, brigaremos entre nós.

- Concordo com você!

Martin já estava rindo novamente.

- Além do mais, se espancar meu cunhado, Carolina não vai gostar muito!

- A verdade é que você sabe que eu não espancaria o irmão de Carolina, por isso que me provoca. - Ralph também brincou. - Seria preciso pelo menos dois Martin para me enfrentar.

A amizade entre os dois superava qualquer discussão, por mais ferrenha que fosse.

- Bem pessoal. - interrompeu a brincadeira Charles. - A noite passada foi terrível para mim, hoje vou tentar dormir mais cedo.

- Também estou pregado! - disse John, entrando na tenda.

Todos se deitaram para dormir.

O sono, para todos, foi melhor que o da noite anterior.

Na manhã seguinte, Charles avistou Richard no refeitório. Aproveitando o fato deste ocupar sozinho uma mesa, foi sentar-se junto dele. Os dois não eram amigos, mas já haviam conversado algumas vezes, durante as sessões de exercícios.

- Permite-me? - pediu licença para colocar sua bandeja à frente de Richard.

- É claro. - respondeu Richard, arrastando sua bandeja para mais perto de si, abrindo lugar à mesa para a bandeja do outro.

- Estive conversando com Jason. - Charles tentou iniciar a conversa.

- Ele comentou comigo. - interrompeu Richard. - Inclusive contou-me também que conversou com Martin.

Charles tentou fazer uma cara de surpresa.

- Com Martin?

- Por favor, Charles. Não é preciso ser dissimulado... Não me julgue tão ingênuo quanto Jason. - pediu Richard.

Charles continuou tentando parecer surpreso.

- Não estou entendendo.

- Vamos ser objetivos. Vocês estão querendo organizar algum movimento de reação ao que estamos presenciando aqui?

Richard procurava falar baixo, sem demonstrar qualquer emoção aos integrantes das mesas vizinhas.

Charles, por um momento, hesitou se devia ou não abrir o jogo. Richard, percebendo a expressão preocupada do outro, resolveu arriscar-se.

- Deixe-me tomar a iniciativa, então. - continuou, Richard. - Quero que saiba que se estão contra toda esta porcaria, têm em mim e em Jason, dois aliados fiéis.

Charles suspirou, aliviado.

- Desculpe-me Richard, mas eu apenas estava tentando ser cuidadoso para não expor meus companheiros.

- Tudo bem. Eu até gostei disso. Sua discrição me faz sentir mais seguro.

- Combinei com os que já estão conosco, de tomar cuidado para não delatá-los.

- E em quantos somos?

- Contando com você e Jason, somos seis. Achamos melhor não procurar novos companheiros por enquanto.

- Tudo bem. Por enquanto, para mim, basta saber que você e Martin estão nisso. Apesar de não sermos amigos, gosto de vocês.

Richard já havia acabado sua refeição. Charles nem havia iniciado a sua.

- Ficarei em contato com vocês para trocarmos idéias.

- Certo. - disse Richard, levantando-se. - Agora preciso ir a mais um maravilhoso dia de exercícios. - e olhando para a bandeja intacta de Charles, recomendou. - Acho bom se apressar, ou pretende chegar atrasado?

Charles ficou exultante, haviam conseguido formar um grupo de reação, nem prestou atenção ao comentário final de Richard..

Capítulo Dezoito

Os dias que se seguiram foram cercados de expectativas, para os seis companheiros. Para não chamar a atenção nunca faziam reuniões das quais participassem todos juntos. Trocavam idéias em pequenos grupos de três ou quatro, no refeitório, durante os exercícios, na tenda, à noite, e no rio, enquanto tomavam banho.

Após alguns dias de convivência Richard e Jason ficaram sabendo quem eram os outros dois integrantes do grupo. Jason ficou muito satisfeito com a participação de Ralph, pois havia se afeiçoado a ele. Martin deixou de visitar o pai e a irmã por alguns dias, temendo que estes tentassem demovê-lo da idéia de enfrentar os guerrilheiros. Todos os esforços do grupo eram no sentido de conseguir mandar um mensageiro pedir ajuda. Ralph, que ainda cumpria o castigo pela derrota nas manobras da selva, era o que menos participava das discussões. Passava a maior parte do seu tempo atarefado. Encontrava seus companheiros somente à noite. Não tinha tempo nem para ver Carolina e sentia muita falta dela. Quando ainda estava na cidade, tinha imaginado que tudo seria mais romântico. Pensara em conquistá-la com atos de bravura, mas a realidade da selva e do acampamento não era nem de longe o que ele havia imaginado. Cada vez que encontrava Carolina era renovado por uma força que o fazia lutar para libertá-la. Aquele anoitecer não foi diferente. Avistou-a voltando do rio para sua tenda, após um banho, acompanhada pelo seu pai e por um inseparável guarda. Apresou o passo para alcançá-los.

- Olá, pessoal! - saudou sorridente em inglês.

Pai e filha voltaram a cabeça para avistá-lo. O guerrilheiro que os acompanhava fez o mesmo.

Era a primeira vez que falava com Carolina após ter declarado seu amor por ela. Não sabia qual seria sua reação.

- Olá, Ralph. - ela saudou-o, também sorridente.

- Como vai, garoto? - perguntou Anthony.

- Apesar de estar trabalhando muito mais do que imaginei um dia na vida ser capaz, estou bem, senhor Anthony. Obrigado por perguntar.

Vendo o entusiasmo da resposta de Ralph, que claramente procurava uma aproximação, Anthony decidiu brincar com ele.

- Quando perguntei se estava tudo bem, era para responder apenas: "Tudo bem, e o Senhor?".

Ralph ficou sem jeito.

- Não judie de Ralph, papai! - pediu, rindo, Carolina. - Apenas está tentando ser simpático.

Os três caminhavam lado a lado, tendo o guerrilheiro que os vigiava logo atrás. Ralph era o mais à esquerda, Anthony caminhava no meio, tendo Carolina ao seu lado direito.

Anthony ainda ria.

- Sei disso, minha filha. Só quero deixar bem claro para ele, que se está querendo cortejar minha filha, não adianta me bajular.

- Que é isso, papai? - Carolina ficou vermelha.

- É claro, minha filha. Hoje em dia a opinião dos pais é o que menos importa para os filhos.

Ralph escutava a conversa atônito. Não sabia se continuava a acompanhá-los ou se apressava o passo novamente, distanciando-se deles.

- Você está deixando Ralph constrangido, papai.

Anthony percebeu que já havia exagerado, pois Ralph, assim como Carolina, também estava vermelho e parecia querer enfiar a cabeça no chão. Colocou o seu braço esquerdo sobre o ombro dele, como um pedido de desculpa.

- Estou brincando, Ralph. Quero que saiba que gostei de você. Não o conhecia muito bem, mas nestes últimos dias percebi que meus filhos têm sorte de tê-lo como amigo.

- Assim o senhor me deixa ainda mais envergonhado! - animou-se a dizer Ralph.

- É verdade, garoto. Assim como Martin você é um pouco imaturo, mas com uns bons puxões de orelhas pode ir muito longe.

- Mais longe do que já estamos? - agora Ralph ia à desforra.

Anthony ficou sério e afastou-se um pouco de Ralph.

- Não gosto de piadinhas quando falo sério, garoto!

Ralph assustou-se.

- Desculpe-me... eu...

Não conseguiu terminar de se explicar, foi interrompido por uma gargalhada de Anthony e Carolina.

- Por hoje chega, papai! - pediu Carolina.

- Está bem... me desculpe, Ralph.

- Ninguém pode vencê-lo, quando se trata de piadinhas infames. - Carolina veio para o lado esquerdo de Ralph, passando por detrás do pai. - Se você continuar insistindo, isso durará a noite toda.

- Não me importaria de continuar com isso, desde que você estivesse por perto!

Ralph fitou-a com uma piscadela.

- O.K., você venceu! - declarou Carolina. - Papai, pode detoná-lo.

- Porque Martin não tem vindo nos visitar? - perguntou Anthony, mudando de assunto.

Ralph sabia quais eram os motivos do amigo, mas preferiu não responder. O guerrilheiro que os acompanhava parecia estar atento a cada palavra que diziam, apesar de Ralph não saber se ele as entendia. Além disso, Martin não queria que seu pai soubesse dos detalhes de seu plano, pelo menos por enquanto.

- Ele está muito atarefado. - mentiu.

- Mesmo assim, nunca deixava de nos visitar! - retorquiu Anthony. - Diga-lhe que se não vier nos visitar hoje, vou deserdá-lo.

Anthony já estava desconfiado que alguma coisa estivesse acontecendo.

- Está bem, senhor Anthony.

Neste momento chegaram à tenda dos dois reféns.

- Vamos entrar, Ralph? - convidou Carolina.

- Eu gostaria muito, mas ainda não terminei meus afazeres.

- Está bem, Ralph, mas venha aqui à noite e traga Martin contigo.

- O.K.! Vou convidá-lo!

Ralph seguiu sua caminhada, enquanto os dois entravam na tenda e o guarda postava-se ao lado desta.

Havia acabado de chegar um carregamento de mantimentos e Ralph tinha sido convocado para ajudar a estocá-lo. Ao chegar ao local, encontrou Pablo conversando com o guia dos transportadores.

- Olá, Ralph! - Pablo saudou ao avistá-lo.

- Olá, Pablo! Veio nos ajudar?

- Não, apenas estou combinando minha viagem de retorno!

Ralph surpreendeu-se.

- Vai nos deixar?
- Claro! Você sabe que meu lugar não é aqui. Vim apenas para trazê-los.
- Para onde vai?
- Continuarei a minha busca por novos companheiros.
- E vai nos abandonar aqui no fim do mundo?

Pablo deu dois tapinhas com sua mão direita no queixo de Ralph, que estava à sua frente.

- Seu lugar também não é aqui, Ralph. Assim que estiver pronto quero-o ao meu lado. Ralph percebeu que se abria uma chance de abandonar o acampamento.
- Mas por que tenho que passar por isso? Não posso ir agora com você?
- Você ainda não está pronto para enfrentar situações de tensão, garoto. Assim que Sebastian me der a luz verde, mando buscá-lo.
- E você não pode ser meu professor?
- Seria muito arriscado para nós dois, Ralph! Na cidade, cada um deve saber cuidar de si mesmo!

Ralph resolveu não continuar insistindo. Não havia nenhuma chance de Pablo levá-lo junto.

- Tudo bem, Pablo, mas estou com saudade de poluição e de frituras que fazem mal para a saúde. Não me deixe aqui por muito tempo!
- Prometo que em breve estará comigo viajando pelo mundo!
- Aguardarei ansioso o seu chamado!

Ralph começou a ajudar no carregamento dos mantimentos para a despensa. Esta era enorme e muito bem provida de mantimentos. Sebastian nunca deixava que ficasse totalmente desabastecida antes de pedir novo carregamento. Era muito prevenido.

Assim que foi possível, Ralph tratou de ir para sua tenda, onde tinha certeza que encontraria seus amigos.

- Pablo vai voltar à cidade! - anunciou entrando, assim que certificou-se que os três estavam sozinhos.
- Verdade? - perguntou Charles.
- Acabou de me contar.
- Vou tentar ir com ele! - exclamou Charles.
- Já tentei fazer isso! - murmurou Ralph. - Não tive nenhum sucesso, duvido que você consiga!

- Eu consigo muita coisa com Pablo.

Charles, sem entrar em muitos detalhes, já havia contado aos outros que conhecia Pablo desde sua infância na Irlanda.

- Mas precisa tomar cuidado para que não pareça que estejamos dispostos a debandar em massa daqui.
- Como assim?
- Ralph tem razão. Ele já tentou ir junto, se você for muito insistente ele poderá acabar desconfiando de alguma coisa. - disse Martin.
- Eu só preciso encontrar o jeito certo de falar com ele.

Na manhã seguinte, Charles e Ralph dirigiam-se ao refeitório, quando avistaram Pablo saindo de sua tenda. Estavam a cerca de cem metros deste e caminhavam na sua direção.

- Faça-o falar da viagem! - pediu, falando baixo, Charles.
- De que jeito?
- Não sei, invente qualquer coisa!

Continuaram caminhando, enquanto Ralph pensava no que dizer.

- Quando vai nos abandonar? - perguntou Ralph a Pablo, assim que chegaram a alguns passos dele.

- Amanhã! - respondeu Pablo.

Charles fez uma cara de surpreso.

- Vai nos abandonar?

- Isso mesmo! Amanhã volto para a civilização! Não contou para ele, Ralph? - exclamou Pablo, transparecendo sua satisfação em abandonar o acampamento.

- Não tive oportunidade. Ontem à noite, quando consegui voltar para minha tenda, este preguiçoso já estava dormindo. - disfarçou Ralph.

- Não sei como vocês conseguem dormir cedo, com este calor infernal que faz aqui! - disse Pablo.

- Por que você vai partir? - Charles tentou retomar o assunto.

- Porque aqui não faço nada de útil para ajudar meus companheiros. Nunca fico por aqui mais do que o necessário. Meu lugar é na cidade.

- Gostaria de ir com você! - anunciou Charles. - Quero retomar minhas atividades no IRA.

Pablo sorriu.

- Você também? Ralph também queria vir comigo. Estou me convencendo que este lugar não é agradável para ninguém.

Charles tentou argumentar.

- Não é isso, Pablo. Apenas acho que assim como você, sou muito mais útil no meu país do que aqui.

- Não seja por isso, Charles. Tenho uma missão especial para você aqui mesmo.

- Aqui?

- Isso mesmo, garoto. Quero até aproveitar este nosso encontro para incumbir-lhe da mesma.

Charles procurou parecer interessado.

- Estou ansioso para ouvir que missão é essa.

- Pode nos dar licença, Ralph?

- Vocês têm segredos que não posso ouvir? - reclamou Ralph.

- É claro que temos. - retorquiu Pablo. - Isso vale como prova para vocês. Quando receberem missões importantes, não devem alardeá-las aos quatro ventos. Cada um deve saber apenas o essencial, nada além disso, para sua própria segurança e de todos nós.

- Está bem! - resignou-se Ralph. - Espero você no refeitório. - disse, dirigindo-se a Charles.

Pablo esperou Ralph afastar-se. Pegou Charles pelo braço e começou a caminhar na direção contrária ao refeitório.

- Acredito que já saiba qual é a missão que tenho para você aqui!

- Martin?

- Exatamente, garoto. Agora, mais do que nunca, preciso de você.

- Por quê?

- Se as negociações que envolvem a família de Martin demorarem demais, ele pode começar a ficar nervoso, e não gostaríamos que nos criasse nenhum problema.

- Não creio que Martin possa nos criar problemas. - mentiu Charles. - Eu o tenho acompanhado de perto e acredito que esteja satisfeito de ter aderido ao movimento.

- Também acredito nisso, mas nunca se sabe o que pode acontecer no futuro. Portanto gostaria que você estivesse sempre por perto dele!

- Está bem, Pablo. Se isso o deixa mais tranqüilo, pode contar comigo!

Pablo bateu carinhosamente nas costas de Charles.

- Sabia que poderia contar com você! Vou recomendar a Sebastian que cuide para que o mantenham sempre por perto de Martin.

- Já tem sido assim!

- Qualquer coisa que você perceba de diferente no comportamento de Martin, não deixe de comentar com Sebastian.

- Fique tranqüilo, Pablo. Farei isso.

Pablo parou de caminhar.

- Agora acho melhor você tomar seu café, senão vai perder a hora!

- O.K.!

- Ainda vamos nos falar antes de minha partida.

- Posso escrever para alguns amigos?

- Claro, coloco no correio para você assim que chegar na primeira cidade!

Charles dirigiu-se rapidamente para o refeitório.

- Como foi? - perguntou Ralph, assim que este sentou-se a sua frente.

- Não tenho nenhuma chance de partir. Ele me pediu para vigiar Martin.

- Droga!

- Estou pensando em escrever para algum amigo meu explicando nossa situação. Pablo disse que levaria cartas para mim.

Ralph não pôde evitar o riso.

- Mas você é muito ingênuo mesmo Charles, até parece o Martin! - exclamou. - Acredita que suas cartas não seriam lidas antes de chegarem ao seu destino?

- Pablo não faria isso, confia em mim!

- Não se trata de confiança, eles têm regulamentos muito rígidos. Nunca correriam o risco de serem denunciados tão facilmente.

- Ninguém saberia que Pablo levaria minhas cartas!

- Você não entendeu, Charles. O próprio Pablo as leria. Seu sentido de dever é muito forte.

- Você acha?

- Acho não, tenho certeza!

Charles desolou-se.

- Então... lá se foi mais uma boa idéia.

À noite, Pablo foi até a tenda de Charles, pois além deste, queria despedir-se também de Ralph e de Martin. Encontrou-os conversando animadamente. Apenas John não participava da conversa. Estava sentado à porta da tenda e o havia cumprimentado alto e efusivamente ao avistá-lo. Estranhou o cumprimento tão animado, pois mal se conheciam. *Deve ser o efeito da solidão da selva*, pensou.

- Com licença. - disse, entrando na tenda.

Todos voltaram-se para cumprimentá-lo.

- Entre! - disse Charles.

- Vim me despedir!

- Já? - indagou Ralph.

- Vamos partir antes do amanhecer. São muitos dias de caminhada até o outro acampamento!

- Você voltará? - perguntou Martin.

- Não pretendo. Acredito que só voltaremos a nos encontrar fora daqui!

- Se sobrevivermos aos treinamentos! - brincou Martin.

- Tenho certeza que formaremos uma grande equipe quando vocês estiverem prontos!

- Vamos continuar juntos fora daqui? - indagou Ralph.

- É o que pretendemos. Nossas atividades baseiam-se muito na confiança que temos uns nos outros, e nada melhor para confiar do que em nossos próprios amigos. Não acham?

- Sem dúvida. - respondeu Ralph.

- Além do mais, Martin ainda precisa conhecer a Europa. Não é mesmo, Martin?

- Foi por isso que viemos parar aqui! - concordou Martin.

- Exatamente!

Pablo voltou-se para Charles.

- Já escreveu suas cartas?

- Resolvi não escrevê-las.

- Porquê?

- Poderia parecer coisa de maricas. Meus amigos iriam se divertir as minhas custas.

Vou agüentar firme sem dar notícias até minha volta.

Pablo riu de Charles, que também ria de sua mentira.

- Você que sabe. Se mudar de idéia, pode levá-las até minha tenda. Costumo dormir tarde.

- Está bem!

Pablo consultou seu relógio.

- Preciso ir. Ainda tenho muito para conversar com Sebastian.

Despediu-se de todos com um longo aperto de mão e um abraço, inclusive de John, que mal conhecia.

- Pode me acompanhar até lá fora? - pediu a Martin.

- Claro.

Os dois afastaram-se um pouco da tenda.

- Martin, gostaria de reafirmar para você que seu pai e sua irmã não correm risco nenhum aqui conosco.

- Sei disso, Pablo. Você já me disse!

- Quero que confie em Sebastian da mesma forma que confia em mim, O.K.?

- O.K.!

- Então, até nosso próximo encontro! Quero que saiba que gosto muito de você!

Pablo voltou a abraçar Martin carinhosamente, sendo retribuído, com muito esforço, por este. Quando Pablo se retirou, Martin ficou a observá-lo por um bom tempo. *Lá se vai mais uma chance de sairmos daqui*, pensou.

Martin já ia entrar novamente na tenda, quando percebeu uma movimentação anormal, não muito longe dali, na direção contrária à que Pablo havia tomado. Forçou os olhos para enxergar melhor no escuro, pois a lua ainda não havia saído. Avistou dois guerrilheiros arrastando, à força, um terceiro guerrilheiro. Este lutava muito, mas em vão, para desvencilhar-se dos dois, que eram visivelmente mais fortes. Um quarto guerrilheiro os seguia, carregando as armas dos outros.

- Pessoal! Venham ver isso! - chamou Martin, colocando a cabeça para dentro da tenda.

Os outros correram até onde ele estava. Ainda puderam ver os quatro guerrilheiros, que já iam longe.

- O que houve? - perguntou Ralph.

- Não faço idéia. - respondeu Martin. - Quando os vi, já o carregavam.

- Acho melhor entrarmos e não nos envolvemos nisso! - assustou-se John.

- Também acho. - disse Martin.

Os quatro amigos voltaram para a tenda. Mesmo lá dentro puderam escutar claramente o som de pancadas sendo desferidas, gritos abafados e gemidos de súplica. Podiam ouvir

também, do outro extremo do acampamento, um grupo de guerrilheiros cantando e bebendo alegremente.

Capítulo Dezenove

Ao amanhecer do dia seguinte, os quatro companheiros estavam ansiosos para descobrir o que significava a cena que haviam presenciado. Todos foram juntos ao refeitório. O clima de curiosidade era perceptível em todos os recrutas presentes ao café da manhã. Alguns dos presentes tinham visto a cena, e outros haviam escutado gritos de socorro. Os comentários sobre o que teria acontecido eram generalizados.

- O que está acontecendo? - Ralph perguntou ao cozinheiro que abastecia sua bandeja com o desjejum.

- Você logo saberá! - respondeu este secamente.

Os quatro sentaram-se na mesma mesa. Jason e Richard, que haviam chegado ao refeitório depois, ocuparam os dois lugares livres que restavam.

- Havia uma movimentação estranha em frente à tenda de Sebastian quando vínhamos para cá! - afirmou Richard, enquanto ocupava seu lugar.

- Que tipo de movimentação? - indagou Charles.

- Vimos muitos soldados cercando o terreno em frente à tenda, e outros estavam armando uma espécie de palco, como se preparassem o espaço para uma apresentação.

- Vocês ouviram a confusão de ontem? - tentou obter informações Charles.

- Não. Contudo, me falaram sobre a prisão de um guerrilheiro. Nossa tenda fica muito longe de onde tudo aconteceu. Além disso, não há noite em que os ocupantes da tenda ao lado da nossa não recebam seus amigos para beber e fazer barulho...

- Ah. Então é de lá que sempre ouvimos ruídos de festa?

- Certamente. Não consigo entender este povo, tudo é motivo para beber e festejar!

Apesar do nervosismo, todos riram do comentário de Richard. Foram interrompidos por um guerrilheiro que entrou no refeitório.

- Atenção! - gritou este, batendo palmas.

Todos os presentes silenciaram.

- Ao terminarem seu café, - continuava falando muito alto para ser ouvido em todo o refeitório. - todos, sem exceção, devem dirigir-se ao centro da aldeia!

Terminado o rápido comunicado, o guerrilheiro retirou-se.

- Parece que nossa curiosidade vai ser satisfeita! - exclamou Martin.

- Com certeza! - concordou Ralph.

Todos concluíram sua refeição rapidamente e dirigiram-se ao local indicado. Havia pouco espaço para tanta gente.

- Aquilo é uma força? - indagou Martin, apontando para o palco que havia sido erguido no centro da praça.

- Certamente! - sentenciou Ralph.

Aguardaram por algum tempo, até que todos os guerrilheiros estivessem presentes. Um comandante, que parecia coordenar a operação, vendo toda a volta do palco lotada de guerrilheiros, entrou na tenda de Sebastian. Após algum tempo, saiu acompanhado deste. Os dois subiram ao palco.

- Bom dia, companheiros! - saudou Sebastian.

Ouviu-se um balbuciar na multidão, numa espécie de retribuição ao cumprimento do líder maior do acampamento. O cumprimento foi seguido por um silêncio de expectativa.

- Infelizmente hoje tive que reuni-los aqui por um motivo muito desagradável. - continuou Sebastian.

Toda a platéia permanecia em silêncio.

- Na noite passada, um companheiro nosso, se é que posso chamá-lo assim, resolveu desafiar nossas regras... - fez uma pausa. - Todos sabem que nossas regras são muito rigorosas e que não podemos permitir que se instale o caos por aqui!

- Qual regra foi infringida? - gritou um soldado, no meio da multidão.

Sebastian localizou-o e fuzilou-o com o olhar. O soldado estremeceu.

- Ele violou uma regra de relacionamento com reféns. - respondeu secamente.

Martin, ao ouvi-lo falar em reféns, ignorou a ordem para permanecer no centro da aldeia e correu na direção da tenda de seu pai, temendo que alguma coisa pudesse ter acontecido à Carolina, não se importou se pudesse ser castigado ou não.

Pode ouvir, cada vez mais longe, Sebastian continuar com o seu discurso. Ouviu também Ralph, chamando-o de volta.

- Pelos poderes em mim investidos pela nossa organização, sou obrigado a cumprir nossa lei. Faço questão que acompanhem a execução da sentença, principalmente os nossos novos companheiros, pois quero deixar bem claro que não toleramos comportamentos inadequados.

Sebastian fez um aceno de cabeça para um soldado que estava postado em frente a sua tenda. Este imediatamente adentrou-a. Ao sair, arrastava, acompanhado por um outro soldado, o guerrilheiro citado por Sebastian. Este, quase desfalecido, mal se mantinha em pé. Estava todo machucado, sinal que havia apanhado muito. Tinha as mãos amarradas e um capuz na cabeça.

Ouviu-se um murmúrio na multidão. Alguns estavam surpresos por presenciar uma cena tão hedionda, enquanto outros regalavam-se, satisfazendo seus instintos sanguinários. Os dois soldados arrastaram o condenado lentamente por entre os curiosos que os cercavam, levando-o até o palco, ao lado de Sebastian. Enquanto um deles colocava uma corda no pescoço do prisioneiro, o outro amarrava seus pés.

Neste ínterim, Martin adentrou, esbaforido, na tenda de seu pai, sem ao menos ouvir os protestos do sentinela que a guardava.

- Não devia estar aqui! - disse ele.

Martin encontrou seu pai e sua irmã, tranqüilamente, tomando seu café da manhã. O alívio que sentiu, não lembrava de ter experimentado antes.

- O que houve? - indagou Anthony, percebendo a agitação do filho.

- Nada! - respondeu Martin. - enquanto tomava fôlego. - só passei aqui para ver se estava tudo bem.

O guerrilheiro, que guardava a tenda, entrou atrás dele.

- Desculpe-me por não tê-lo atendido! - pediu Martin a ele, enquanto saía da tenda em sua companhia.

- Provavelmente teve um pesadelo conosco. - disse Carolina ao pai, vendo o irmão sair.

Anthony deu de ombros, continuando com sua refeição.

- Volte para lá garoto, vou fingir que não o vi! - exclamou o sentinela, já fora da tenda.

- Obrigado! - agradeceu Martin, já partindo, às pressas para o centro da aldeia.

Martin chegou ao local da execução, enquanto Sebastian ainda falava, postou-se novamente ao lado de Ralph.

- Tudo bem? - cochichou Ralph.

Martin assentiu com a cabeça, aliviando o amigo, que havia percebido aonde ele havia ido.

- Portanto, - disse Sebastian, encerrando o discurso. - vamos fazer valer a justiça de nossa organização.

A execução foi rápida e eficaz. Assim que Sebastian ordenou, o carrasco puxou uma alavanca que abriu um alçapão sob os pés do condenado, deixando-o pendurado. Martin vi-

rou o rosto na direção oposta ao palco para não acompanhar a cena. Seus olhos cruzaram-se com os de Maria, que o observava junto à entrada da tenda que dividia com Sebastian.

Terminado o espetáculo de horror, todos foram se dispersando aos poucos. Cada um encaminhou-se para seus afazeres. Martin e Ralph dirigiram-se à área de educação física para sua próxima atividade.

- Não tive coragem de assistir! - confessou Martin.

- Acompanhei tudo! - exclamou Ralph. - Principalmente depois que vi Sebastian nos observando.

- Ele nos observava?

- Pelo menos olhava na nossa direção.

- Deve ter percebido que eu saí por um momento.

- Acredito que sim.

- Sabe que Maria, a namorada de Sebastian, estava olhando para mim também?

- Verdade?

- Virei de costas para a execução e deparei-me com ela a me observar.

- Tome cuidado, Martin. Provavelmente queriam ver qual a sua reação. Talvez prevenindo algum ato de violência contra seu pai e Carolina.

- Ele não seria capaz disso!

- Sabemos que são capazes de tudo!

Quando os dois amigos chegaram ao seu destino, o professor já começava a reunir o grupo.

Richard, após a execução, foi convocado para ajudar no transporte do guerrilheiro morto até a saída do vale. Era a segunda vez que o requisitavam para este tipo de tarefa. Já havia carregado uma das reféns assassinadas. A tarefa deveria ter sido feita por outro guerrilheiro, mas este preferiu mandá-lo em seu lugar. Juntamente com outros três guerrilheiros, carregou o corpo inerte, agarrando-o pela perna direita. Ele continuava amarrado e com a cabeça coberta. Percorreram o vale até a caverna, sob os olhares de todos os que ainda estavam no acampamento. Ultrapassaram a caverna, depositando o corpo às margens do rio para descansarem por alguns momentos.

- Você pode voltar! Daqui em diante deixe conosco. - ordenou o guerrilheiro que comandava, referindo-se a Richard.

- O.K., você é quem manda. Deixe-me apenas descansar um pouco. - concordou Richard.

- Tudo bem!

Richard sentou-se à beira do rio. O guerrilheiro desamarrou as mãos do cadáver.

- Vamos adiante! - ordenou aos outros dois.

Um deles agarrou as duas pernas do morto, enquanto os outros pegavam-no pelos braços, agora abertos. Ele estava de barriga para cima. Ao levantarem-no do chão, sua cabeça pendeu para trás, derrubando o capuz. Richard, que estava de costas, voltou-se para eles ao ouvir uma praga proferida por um dos guerrilheiros. Empalideceu ao vislumbrar a face descoberta do prisioneiro. Não era nenhum guerrilheiro, mas sim o filho de um influente político colombiano, o qual Sebastian vangloriava-se de ter conseguido capturar.

- Mas o que significa isso? - indagou, assustado.

Os guerrilheiros assustaram-se ainda mais, ao perceberem que Richard havia descoberto seu segredo.

- Não era para você ter visto isso, garoto! - exclamou o líder.

- Mas... por que vocês fizeram isso?

- O pai dele anunciou publicamente que não faria nada para libertá-lo. Não nos servia para mais nada.

- E precisava matá-lo?
- Devolvê-lo é que não poderíamos, senão nunca mais seríamos respeitados.

Richard estava atônito. Levantou-se e caminhou para junto dos outros.

- Não era para ele ter vindo! - exclamou outro guerrilheiro. - O que faremos?
- Os três voltaram a pousar o corpo no chão.

- Mas não havia nenhuma chance de conseguir resgate por ele? - indagou Richard.

- O pai dele anunciou que não negociaria por uma questão de princípios. O que nos restava fazer?

Richard recuperou a calma, e percebeu que sua situação era delicada.

- Sendo assim... - tentou parecer convencido da explicação.

- Você vai me prometer uma coisa, garoto!

- O quê?

- Não vai falar nada para ninguém sobre isso!

Richard não tinha outra escolha, senão concordar com o guerrilheiro.

- Não se preocupe com isso, estou do seu lado.

- Muito menos para Sebastian! Se ele souber que você descobriu sua farsa, estaremos perdidos.

- Quanto mais eu!

- É bom que tenha percebido isso! Agora volte para o acampamento!

- Está certo!

- Lembre-se, estaremos de olho em você!

- Já disse que podem confiar em mim, não tenho nada a ganhar contando o que sei.

Os três guerrilheiros suspenderam novamente o corpo e puseram-se em marcha na direção da mata. Richard voltou para o acampamento. Ao chegar, procurou agir naturalmente, e incorporou-se ao grupo de recrutas que fazia exercícios físicos. Martin percebeu algo diferente no amigo. Parecia distante, apesar de obedecer as ordens do instrutor.

Na hora do almoço, os seis amigos sentaram-se à mesma mesa. Esta, a exemplo do café da manhã, era ocupada somente por eles. Richard foi o último a sentar.

- Preciso contar uma coisa! - anunciou assim que ocupou seu lugar.

- O quê? - perguntou Martin, que estava a sua frente.

- Antes preciso pedir-lhes que mantenham a calma e tentem não esboçar nenhuma reação ao que vou dizer.

- Mas é tão grave assim? - Martin sobressaltou-se.

Richard olhou discretamente a sua volta, procurando certificar-se de que não era observado.

- É muito grave! Por favor não deixem transparecer nada, caso contrário, posso ser um homem morto!

- Quer nos contar mais tarde? - procurou acalmá-lo Martin, que percebia seu nervosismo.

- Não, eu preciso desabafar agora, senão vou explodir!

- Pois então fale! Estamos todos preparados para escutá-lo. - pediu Charles.

- Ajudei a carregar o homem morto hoje pela manhã!

- Eu o vi ajudando. E o que aconteceu? - exclamou Charles.

- Pois bem... - Richard fez uma pausa. - Continuem comendo normalmente.

- Certo, Richard, mas fale de uma vez! - pediu Ralph.

Richard começou a falar, olhando para sua comida.

- Ele não era guerrilheiro!

- Quem era então? - Martin procurou não demonstrar emoção.

- Era um prisioneiro colombiano.

- Meu Deus! Eles estão loucos! - exclamou Jason.
- Fale baixo, por favor, Jason. - pediu Richard.
- Desgraçados! Estão dizimando os reféns, um a um! - disse Charles.
- Vamos manter a calma! - pediu Ralph. - E você corre algum risco por ter descoberto isso, Richard?
- Acredito que não. Se Sebastian descobrir o que sei, os guerrilheiros que estavam comigo sabem que serão punidos.
- E se tentarem alguma coisa contra você?
- Preciso ficar atento quanto a isso. É por isso que estou pedindo calma a vocês. Eles devem acreditar que não dei maior importância ao assunto.
- Vamos mudar de assunto então. - Voltaremos a falar sobre isso somente à noite. - pediu Charles.
Todos terminaram sua refeição sem tocar mais no assunto. Ao sair do refeitório, Richard encontrou-se com o guerrilheiro que havia liderado a operação de desova do refém.
- Estamos de olho em você, garoto. Qualquer passo em falso você poderá sofrer um acidente.
Richard, que havia se afastado dos amigos, teve presença de espírito.
- Quero que saiba que contei o que aconteceu a alguns amigos meus. Se algo me acontecer, Sebastian ficará sabendo imediatamente sobre a negligência de vocês.
- Você está me ameaçando?
Richard não se intimidou.
- Estou! - respondeu prontamente.

Pablo desembarcou no aeroporto JFK, em Nova Iorque. Ao passar pela alfândega, sentiu que alguém segurava seu braço direito.
- Queira nos acompanhar! - disse um agente da CIA.
Outro agente agarrou-o pelo braço esquerdo. Apesar de seu instinto de sobrevivência, Pablo não havia percebido que estava sendo acompanhado pelos dois agentes da CIA desde seu embarque em Bogotá.
- O que está acontecendo? - indagou, ainda surpreso.
- Já vamos lhe explicar, senhor Carreras! - anunciou o agente que o havia abordado primeiro.
Pablo percebeu que estava perdido. Empalideceu e não disse mais nada. Acompanhou-os resignado.

Capítulo Vinte

Pablo estava sentado. Uma luz desagradável estava apontada para seus olhos. Podia distinguir vagamente a sombra de dois agentes em pé na sua frente. Estava em uma sala de interrogatório, no interior do escritório de Nova Iorque da CIA

- Já estamos perdendo a paciência! - brandiu o agente que estava a sua esquerda. - Aonde vocês esconderam o diplomata?

- Não sei do que vocês estão falando! - insistiu Pablo, que já estava entorpecido pela exaustão dos dois últimos dias de interrogatórios intermináveis.

Na sala ao lado, por detrás de um vidro, o diretor geral da Cia assistia ao interrogatório na companhia do agente especial encarregado do seqüestro do embaixador Alexander.

- Não vamos arrancar nada dele! - comentou o diretor geral da Cia.

- Também acho! - o agente sacudiu a cabeça num sinal de inconformismo.

- Não vamos mais perder tempo com ele. Vamos tentar prosseguir com as negociações para ganhar tempo.

- O.K.! - respondeu o agente. - Hoje mesmo irei pessoalmente para a Colômbia. Tentarei fazer com que troquem o embaixador e sua filha de esconderijo. Nesta operação poderão cometer alguma falha.

- Certo. Mantenha-me informado. O presidente anda me cobrando diariamente uma solução para este caso.

O diretor geral da CIA se retirou. O agente continuou olhando na direção da sala ao lado, mas seus pensamentos não permitiam que conseguisse prestar atenção ao que diziam.

Sebastian estava furioso. Pablo já deveria ter entrado em contato com o comando guerrilheiro há quase uma semana, mas não se manifestava.

- Se ele foi capturado por causa do último seqüestro, eu mato pessoalmente toda a família Alexander. - disse para Maria, que se encontrava jantando com ele na tenda.

- Não se esqueça que fomos nós que começamos com isso! - retorquiu ela.

- Não importa quem começou! - rebateu Sebastian.

Pablo era seu companheiro de luta há muito tempo. Havia começado a atuar juntos em guerrilhas quando ainda eram jovens.

Maria tentou acalmá-lo.

- Deve ter surgido algum imprevisto, e ele preferiu sumir por algum tempo.

- Não acredito nisso.

Um soldado entrou na tenda, interrompendo a conversa.

- Recebemos uma mensagem! - anunciou o soldado, alcançando um papel contendo uma mensagem cifrada para Sebastian.

Sebastian pegou o papel. Fez um sinal com a cabeça para o soldado se retirar. Abriu o papel e leu a mensagem.

- Os governos pediram garantia de vida do senhor Alexander e sua filha!

- Está vendo? Querem prosseguir com as negociações. - Maria sorriu esperançosa.

Sebastian levantou-se.

- Amanhã vou providenciar a transferência deles para o nosso acampamento da Colômbia. Lá deverão encontrar-se com um representante do governo.

- E depois?

- Mandarei executá-los imediatamente.

Maria desanimou. Preocupava-se com o rumo que as coisas poderiam tomar. Já não tinha mais argumentos para impedir que Sebastian levasse adiante a idéia de eliminá-los. De uma coisa já estava decidida, se ele realmente executasse os prisioneiros, dando início a uma fase sangrenta na organização, iria abandoná-lo, assim como ao movimento.

No início da manhã seguinte, Sebastian mandou chamar Cláudio.

- Chegou a hora de levar os Alexander para a Colômbia! - exclamou, assim que Cláudio entrou na tenda.

- Conseguimos alguma coisa? - indagou Cláudio.

- Ainda não, mas acredito que não precisaremos mais esperar por muito tempo.

- Quando partimos?

- O mais depressa possível. Consegue preparar tudo para amanhã de manhã?

- Claro. Quantos soldados levo comigo?

- Dois serão suficientes. Não acredito que o senhor Alexander queira arriscar a vida da filha bancando o herói.

- Está bem. Vou começar a providenciar tudo agora mesmo!

- Escolha dois bons homens!

- Certo!

Cláudio retirou-se. Sebastian chegou à porta da tenda.

- Traga Alexander aqui imediatamente! - ordenou ao soldado que estava ao lado da porta.

- Com licença? - pediu Anthony, em pé à porta da tenda.

Sebastian, que estava em pé, de costas para a entrada, conversando com Maria, virou-se para ver Anthony entrar.

- Pois não... entre!

- Mandou me chamar?

- Mandeí. Acredito que sua liberdade esteja muito próxima, senhor Alexander!

- Verdade? - Anthony disfarçou sua alegria. Sabia que Sebastian não tinha nenhuma intenção de libertá-los.

- Estou providenciando a transferência do senhor e de sua filha para outro esconderijo, onde possam encontrar-se com representantes do governo colombiano.

- E quando será isso?

- Partirão amanhã! - Sebastian sentou-se na ponta de sua escrivaninha. - Têm cerca de oito dias de caminhada até chegarem lá.

- Martin irá conosco?

- Não. Tenho outros planos para ele.

- E que planos são esses?

Sebastian irritou-se.

- Acredito que eu não lhe deva nenhuma satisfação a respeito de nossos planos!

Anthony tentou acalmá-lo.

- Não se trata disso. Sebastian. Eu apenas queria me assegurar que Martin não se envolverá em encrencas.

- Acho que ele já está bem crescido para saber o que deseja para si.

- Como pai dele, nunca deixarei de me preocupar!

Sebastian levantou-se.

- Tem mais alguma coisa a me perguntar a respeito da viagem?

- Não.

- Então pode voltar para sua tenda. E esteja pronto amanhã bem cedo, Cláudio mandará avisá-lo sobre a hora da partida.

Anthony, percebendo a ordem de dispensa, retirou-se da tenda. Sebastian virou-se para o canto, de onde Maria tinha assistido, calada, toda a conversa.

- Preciso conversar com Martin antes dele!

Maria levantou-se.

- Eu me encarrego de encontrá-lo.

- Ótimo, aguardarei aqui!

Maria procurou o comandante responsável pelo treinamento dos recrutas. Encontrou-o no barracão de comunicações. Já passava das dez horas da manhã.

- Onde encontro Martin Alexander? - Maria perguntou.

- Martin Alexander? - o comandante repetiu o nome. - Precisa encontrá-lo agora? - fez uma expressão de quem não estava muito disposto a ajudá-la.

Maria não gostava da forma como era tratada por alguns comandantes. Talvez acreditassem que ela só estava em um alto posto hierárquico na organização por ser companheira de Sebastian.

- Não preciso. Tampouco estou muito interessada nele, mas acredito que Sebastian ficaria muito contrariado se não conseguisse localizá-lo. - retrucou, sarcástica.

A expressão do comandante mudou imediatamente.

- Sebastian é quem o está procurando?

- Exatamente, mas acho melhor ir dizer-lhe que não o localizei.

Maria virou-se para sair.

- Espere, Maria! - pediu o comandante. - Não disse que não sabia onde ele estava! Apenas queria saber se era urgente localizá-lo.

Maria voltou-se para fitá-lo.

- Muito bem, e onde ele está?

- Está em treinamento fora do vale. Mandarei alguém levá-la até lá.

- Muito obrigada pela sua gentileza. - Maria sorriu com ironia.

O comandante odiou-a por isso.

Maria avistou Martin em meio aos outros recrutas, rolando na lama, tentando escapar ileso de arames farpados estendidos horizontalmente acima de suas cabeças.

- Espere aqui que vou chamá-lo. - pediu o soldado que a havia levado até lá.

- O.K.!

Maria ficou observando, à distância, o soldado pedir autorização ao comandante dos exercícios para que Martin o acompanhasse. Avistou-o assentindo com a cabeça e logo após o soldado caminhou na direção onde Martin se encontrava. *Quanta frescura!* - pensou. *Antigamente as coisas eram mais fáceis e mais divertidas.* Maria pensava nos dias em que não eram tão organizados. Havia mais romantismo e mais emoção em tudo que faziam. Agiam por intuição. Agora eram obrigados a obedecer disciplinas impostas pelos principais chefes da organização. Martin veio caminhando na sua direção, acompanhado pelo soldado.

- Pode ir agora! - Maria disse ao soldado assim que chegaram junto dela.

- Vou acompanhá-los! - respondeu este.

- Não se preocupe com isso, sabemos o caminho de volta!

O soldado voltou resignado ao acampamento. Maria virou-se para Martin.

- Sebastian quer vê-lo!
- Já me informaram. Sabe qual o motivo de tanta pressa?
- Nada que possa preocupá-lo. Apenas quer conversar com você sobre seu pai.

Martin assustou-se.

- Aconteceu alguma coisa?
 - É claro que não. Não tem com que se preocupar, mas prefiro que ele mesmo lhe explique o motivo da sua chamada.
 - Está bem. Então vamos?
 - Acho melhor você se lavar no rio para se livrar de toda esta lama!
- Martin olhou para suas roupas. Estava imundo.
- Também acho. - concordou. - Você me espera?
 - É claro.

Martin dirigiu-se para o rio. Maria sentou-se na margem enquanto Martin mergulhava com roupa e tudo. Enquanto tomava banho, Martin notou que Maria o observava com atenção. Ela era um enigma. Sempre que a encontrava, era tratado com uma atenção especial. Ainda não tinha conseguido decifrar se Maria tinha algum interesse por ele ou se era apenas seu jeito de ser. Saiu do rio.

- Estou pronto, vamos?

Os dois partiram na direção do vale.

- Você pode me adiantar alguma coisa?

Maria riu da curiosidade de Martin.

- Já disse que não, espere para conversar com Sebastian.

Os dois seguiram em silêncio por algum tempo. Martin foi o primeiro a quebrá-lo.

- Maria... se eu fizesse uma pergunta, que para mim significa muito, você seria sincera comigo?

Maria surpreendeu-se.

- Depende! - respondeu após algum tempo.
- Depende do quê? - quis saber Martin.
- Do que você gostaria de saber!

Martin parou de caminhar. Maria, que havia caminhado mais um pouco, também parou e virou-se para escutá-lo.

- Por favor, Maria, seja sincera. Você acha que meu pai e minha irmã sairão vivos desta?

Maria sabia que a pergunta seria de difícil resposta, portanto havia se preparado para ela.

- Sebastian está fazendo o possível para isso. - foi evasiva.

Martin segurou-a pelos braços. Os dois eram quase da mesma altura, Martin era apenas um pouco mais alto. Fitou-a no fundo dos olhos.

- Você não está sendo sincera!

Maria esquivou-se. Enxergava em Martin o Sebastian que havia se apaixonado há alguns anos atrás e que hoje estava muito mudado. A aproximação excessiva entre os dois deixou-a nervosa.

- Mas o que quer que eu responda, Martin? Não posso lhe prometer que acabará tudo bem. O que fazemos envolve muitos riscos.

- Mas acredita que Sebastian pretenda libertá-los?

- Espero que sim, Martin!

Maria percebeu o desespero nos olhos de Martin.

- Ele vai matá-los! Vocês não passam de um bando de assassinos sanguinários!

Maria abraçou-o. Não eram íntimos, mas ela sentiu-se na obrigação de fazê-lo.

- Não deve pensar assim, Martin! Prometo a você que farei todo o possível para ajudá-los.

Martin deitou a cabeça no ombro de Maria por algum tempo.

- Desculpe-me. - disse finalmente, levantando novamente a cabeça e separando-se de Maria. - Vamos logo encontrar Sebastian.

Partiu novamente em direção ao acampamento. Maria apenas o seguiu, sem dizer uma só palavra. Não acreditava que Sebastian fosse libertá-los, mas não podia dizer isso a Martin. Já era quase meio-dia. Em breve os outros recrutas fariam o mesmo caminho que eles. Quando já estavam quase chegando na tenda de Sebastian, Martin quebrou novamente o silêncio.

- Desculpe-me pelo que eu disse, falei sem pensar!

- Não tem do que se desculpar, Martin. Sei que está muito nervoso!

- Pode manter o que aconteceu em segredo?

- Pode confiar em mim. Se está pensando que posso contar para Sebastian, fique sossegado, também temos nossos segredos, nem tudo o que acontece com ele eu fico sabendo!

Maria riu maliciosamente. Martin mais uma vez não soube interpretá-la. Maria entrou na tenda, e Martin a seguiu.

- Olá, Martin! - recebeu-o Sebastian, sorridente. - Entre!

- Olá, Sebastian! O que tem de tão urgente para me falar? - Martin foi direto ao assunto

- Queria comunicar-lhe, antes que fique sabendo por outra pessoa, que seu pai e sua irmã partirão daqui amanhã!

Martin sentiu uma ponta de esperança.

- Serão libertados?

- Calma! Ainda não!

Martin ficou intrigado.

- Mas então... para onde vão?

- Irão para outro acampamento nosso! A boa notícia é que as negociações evoluíram e eles estarão partindo para dar mais um passo em busca de uma solução.

- Posso ir com eles?

Sebastian irritou-se.

- Já lhe disse que ainda não está pronto, Martin. Isso aqui não é um colégio para resolver tirar férias!

Martin insistiu.

- Mas gostaria de me certificar que os dois ficarão bem!

Sebastian ficou ainda mais irritado.

- Minha palavra não é suficiente?

Maria intrometeu-se na conversa.

- Martin está apenas querendo defender sua família, Sebastian. Tudo isso é novo para ele, entenda. - Maria abraçou Sebastian por trás.

Sebastian acalmou-se.

- Por favor, Martin, não seja tão insistente. O problema é que no outro acampamento temos um programa de treinamento, e tenho o compromisso de só liberá-los para sair daqui quando estiverem prontos.

Maria saiu de trás de Sebastian e bateu carinhosamente na face de Martin.

- Confie em Sebastian. Assim que for possível você voltará para a cidade. - disse ela.

Martin resignou-se.

- Está bem, Sebastian...

Sebastian também se aproximou de Martin e bateu levemente em seu braço direito.

- Força, garoto! Você será um grande guerrilheiro! Só tenho ouvido elogios sobre você!

O sino do refeitório tocou avisando que o almoço estava pronto.

- Posso ir falar com meu pai agora? - perguntou Martin.

- Vá almoçar primeiro, senão perderá a hora! - exclamou Sebastian.

O período destinado para almoço dos soldados menos graduados não era muito extenso. Caso algum deles o perdesse, só conseguiria comer alguma coisa na janta. A exceção só era feita para os comandantes. Apenas alguns guerrilheiros menos graduados que conheciam os cozinheiros gozavam de algumas regalias.

- Está bem! - concordou contrafeito Martin. - Meu pai já sabe que será transferido? - perguntou.

- Já!

- Então irei conversar com ele depois do almoço.

- Como quiser. - respondeu Sebastian.

Uma guerrilheira entrava na tenda com os almoços de Sebastian e de Maria.

- Com licença! - pediu, já entrando.

- Pois não! - respondeu Maria, enquanto virava-se para retirar alguns mapas que estavam sobre a mesa.

Martin aproveitou para se retirar.

No caminho para o refeitório, meditou bastante sobre a nova situação que se apresentava. Durante seu trajeto começaram a brotar-lhe algumas idéias. Quando chegou no refeitório, estava exultante. Avistou Ralph, Charles e John sozinhos em uma mesa. Pegou uma bandeja, serviu-se e caminhou na direção deles.

- Já encontrei nosso mensageiro! - anunciou, em voz baixa, enquanto se sentava.

Os três pararam de comer e voltaram-se para ele.

- Quem? - Charles foi o primeiro a perguntar.

Os outros dois permaneceram atentos, como se a pergunta tivesse partido de sua boca.

- Meu pai! - exclamou Martin.

Capítulo Vinte e Um

- Seu pai? - perguntou incrédulo Ralph.

- Isso mesmo! - respondeu Martin com ar triunfal.

- De que forma? - quis saber Charles.

- Ele e Carolina serão transferidos de acampamento amanhã!

Nenhum dos ouvintes prosseguiu na sua refeição. Todos prestavam atenção em Martin.

- É verdade? - indagou Charles.

- Acabei de ouvir isso do próprio Sebastian, fui chamado à tenda dele.

- Por isso saiu mais cedo dos exercícios hoje pela manhã?

Martin assentiu.

- Fiquei preocupado ao vê-lo sair.

- Sebastian queria me dar a notícia pessoalmente.

- E você já tem algum plano? - prosseguiu Charles.

- Não exatamente, mas tenho algumas idéias.

Martin iniciou sua refeição. Os outros, que haviam parado a sua, o imitaram.

- E que idéias são essas? - perguntou Ralph, após algum tempo.

Martin parou de comer.

- Primeiro precisamos saber como serão levados. A que horas sairão e quantos guerreiros irão acompanhá-los.

- Que horas sairão é fácil saber, é só perguntar para o seu pai. - disse Ralph. - Já falou com ele depois que soube da partida?

Os outros continuavam almoçando. Martin e Ralph haviam parado novamente.

- Ainda não!

- E acha que ele concordará conosco?

- Meu pai sabe que é sua única chance. Tenho certeza que não espera que Sebastian os liberte.

- E os outros detalhes da operação, como descobriremos?

Martin suspirou.

- Terei que me arriscar um pouco, mas acho que sei com quem conseguir as informações que precisamos.

- Com Quem?

- Maria!

Todos pararam de comer novamente.

- Esta louco? - perguntou Charles, sem perceber que havia falado alto demais.

Alguns ocupantes de mesas vizinhas voltaram-se para ele, mas logo perderam o interesse.

- Com certeza ela o delataria! - continuou, agora falando mais baixo.

- Não tenha tanta certeza disso. Sei que às vezes fica contrariada com algumas decisões de Sebastian. Eu só preciso descobrir uma forma de fazer com que se abra comigo. - retrucou Martin.

- Você precisa agir depressa. Afinal, temos poucas horas para planejar alguma coisa. - alertou Charles.

- É o que pretendo fazer assim que terminar de comer.

Maria e Sebastian estavam terminando sua refeição. Sebastian mastigara o tempo todo em silêncio, pensativo. Maria não quis interrompê-lo.

- Tenho que encontrar uma forma de fazer Martin aceitar as mortes do pai e da irmã. - disse ele, como se pensasse em voz alta.

Maria, apesar de saber que este seria o destino provável dos dois, assustada, fez uma última tentativa.

- Como assim? - balbuciou, sem esconder sua decepção. - Você não me prometeu que pelo menos pensaria em poupar a vida de Carolina?

Sebastian deu-se conta que havia expressado seu pensamento.

- Porque o espanto? Você sabia desde o início desta operação que eles não poderiam ser libertados.

- Sabia que Alexander não poderia escapar com vida, e foi por isso que não concordei com a mesma desde o início.

- Mas foi voto vencido.

- E Carolina? Porque precisamos eliminá-la?

- Não queremos testemunhas. Além disso estou planejando para que tudo pareça um acidente.

- E para quando planeja este “acidente”?

Maria falou com ironia, demonstrando uma visível irritação.

- Assim que os enviados do governo comprovarem o estado de saúde dos dois.

Maria levantou-se.

- Vou dar uma caminhada! - disse secamente.

Sebastian ficou observando, ainda sentado à mesa, sua companheira retirar-se da tenda, após pegar um chapéu que a protegeria do sol forte do meio-dia. Ele ainda a amava como antigamente e tinha certeza que era correspondido. Sabia que suas irritações eram passageiras e que antes da noite já teriam feito as pazes. Além disso, contava muito com ela para manter Martin entre eles, pois notava o forma como este a observava. Sebastian queria manter Martin de qualquer forma entre eles, pois sabia que com a morte do pai ele herdaria uma fortuna. Este dinheiro seria muito útil, se aplicado na organização.

Maria cruzou com Martin na frente do refeitório, de onde este havia saído para ir até a tenda do pai.

- Onde vai neste sol escaldante? - Martin procurou um motivo para puxar conversa.

Maria ficou constrangida ao avistá-lo. Era a última pessoa que gostaria de encontrar naquele momento. Tinha se afeiçoado a ele e sentia-se mal em mentir-lhe.

- Vou me refrescar no rio! - foi tudo em que pôde pensar para responder, enquanto tentava ultrapassá-lo.

Martin não se deu por vencido. Tomou a frente dela, obstruindo sua passagem. Maria parou, sem nada dizer.

- Preciso falar com você mais tarde. Posso procurá-la no rio? - disse ele.

Maria queria desvencilhar-se logo da situação em que se encontrava.

- Pode! - respondeu monossilabicamente.

Martin percebeu que ela evitava olhá-lo de frente.

- Aconteceu alguma coisa? - indagou.

Maria olhava para o chão.

- Nada, apenas estou tentando evitar a claridade do sol. - mentiu.

Martin aceitou a resposta.

- Estou indo até a tenda de meu pai. Daqui a pouco irei procurá-la então.

- Esta bem. - respondeu Maria, retomando sua caminhada.

Martin encontrou Anthony e Carolina almoçando.

- Já soube da novidade! - anunciou, enquanto entrava .

Carolina, que estava sentada de frente para a porta, levantou os olhos ao ouvir a voz do irmão. Anthony, que almoçava sentado de frente para a filha, virou-se, ainda sentado.

- Parece que finalmente teremos o desfecho de nossa aventura. - disse Anthony, desanimado.

- Porque este desânimo? - indagou Martin. - Afinal, é nossa primeira oportunidade de fugir daqui.

- Como assim? - perguntou Anthony.

Martin sentou-se na única cadeira desocupada ao lado da mesa, apoiando seus cotovelos sobre ela. Anthony e Carolina estavam sentados de lado para ele.

- Nós os libertaremos! - sentenciou.

- De que forma? - indagou Anthony.

- Ainda não pensamos, fomos tomados de surpresa pela notícia. - fez uma pequena pausa. - Mas amanhã de manhã saberemos como agir.

Carolina colocou sua mão sobre a do irmão, que estava pousada sobre a mesa.

- Acha que temos alguma chance contra eles, Martin?

- Tenho certeza que sim! - Martin colocou sua mão livre sobre a da irmã e fitou-a nos olhos. - Estamos nos preparando há tempo para isso. Chegou o momento de agirmos!

- Tome cuidado! - pediu Carolina.

Martin levantou-se.

- Fique tranqüila maninha. Agora preciso deixá-los, tenho muito o que fazer.

- Não se arrisque sem necessidade. - reforçou Anthony.

- Está bem, papai!

Martin agachou-se e beijou o pai na face. Repetiu o gesto com a irmã.

- Amanhã serão pessoas livres! - exclamou.

Antes que pudesse ouvir qualquer resposta, retirou-se da tenda, indo direto ao encontro de Maria.

Martin avistou Maria deitada na sombra de uma árvore, à beira do rio. Havia retirado suas botinas e estava com os pés mergulhados na água. Mais uma vez, observou-a por algum tempo. Era uma linda mulher. Cada vez que a via convencia-se mais ainda disso. Ao se aproximar percebeu que Maria estava totalmente absorvida em seus pensamentos, alheia a tudo que a cercava.

- Olá! - exclamou.

Maria assustou-se com sua presença.

- Já chegou? - respondeu.

- Desculpe-me por assustá-la.

Maria sentou-se.

- Tudo bem, estava apenas pensando no sentido que dei a minha vida.

Martin aproveitou a deixa.

- E está satisfeita ou não?

Maria meditou por alguns instantes.

- De certa forma, sim!

- Porque “de certa forma”?

- Existem algumas coisas com as quais não concordo, mas acredito no essencial. Não me desviei de meu rumo inicial.

- Está chateada com Sebastian?

Maria hesitou por algum tempo. Não sabia se Martin era a pessoa certa para desabafar.

- Algumas vezes ele me assusta! - ouviu-se dizer.

Martin sentou-se ao seu lado.

- Por quê?

Maria relaxou.

- Algumas vezes não o vejo como a pessoa que conheci há alguns anos. Talvez seja o excesso de responsabilidade que o tenha tornado mais duro.

- Mas o que a faz sentir isso?

- Algumas atitudes que toma.

Martin sentiu um calafrio. Era a certeza que faltava para confirmar suas suspeitas a respeito do futuro de seu pai e de sua irmã. Sebastian devia ter ordenado suas execuções.

- Sabe alguma coisa sobre meu pai?

Maria demorou para responder, e quando o fez foi evasiva.

- Não estou falando especificamente de nada que tenha acontecido agora. Estou falando de seu comportamento nos últimos tempos. - sentiu que sua resposta não havia convencido Martin, que continuou a fitá-la em silêncio.

- Sebastian fez alguma coisa que a aborreceu? - insistiu Martin.

- Não!

- Sabe de que forma papai e Carolina serão transferidos?

Maria franziu o rosto, retomando sua postura firme.

- Você não está pensando em libertá-los... está?

Agora foi a vez de Martin ser evasivo.

- É claro que não, é apenas curiosidade!

Maria conseguiu sorrir, percebendo a situação em que se encontravam. Ela, em plena crise conjugal, e Martin, agoniado, tentando salvar sua família. Ao mesmo tempo tinham que esconder o que sabiam ou pensavam.

- Seja sincero, Martin. Pretende libertá-los?

Martin deixou de fitá-la e passou a olhar para o rio sem responder.

- Pretende? - insistiu Maria.

Martin voltou a fitá-la.

- Não faria isso por sua família?

A resposta caiu sobre Maria como uma bomba. Teve a certeza de que Martin faria alguma coisa. Desta vez ela é que ficou sem responder de imediato. A conversa estava extremamente truncada. Nenhum dos dois falava sem antes medir muito as palavras.

- Você tem família... não tem, Maria? - Martin voltou a falar.

Maria resolveu falar francamente com Martin.

- Tenho medo que Sebastian esteja se transformando em um assassino frio e sanguinário.

Martin foi irônico.

- Eu não tenho nenhuma dúvida disso!

Maria surpreendeu-se.

- Como assim?

- Neste pouco tempo que passei aqui, já constatei diversos assassinatos comandados por ele.

Maria ficou aturdida.

- Não estou entendendo... é claro que Sebastian tem mortes no seu caminho, mas sempre em lutas armadas. Nunca assassinou alguém covardemente! Talvez esteja um pouco próximo disso, mas estou empenhada em impedi-lo.

- Matar reféns indefesos não é covardia?

Maria ficava cada vez mais chocada.

- O que você sabe sobre isso?

- Sei de pelo menos três reféns que morreram em suas mãos.

Maria tentou defender seu companheiro.

- Não é verdade! - gritou.

- Precisa que eu prove?

- E tem como provar?

- Sei onde os corpos estão enterrados!

Maria quase desfaleceu. Sebastian já havia chegado onde ela achava que poderia evitar.

- Isso é loucura, Martin, não posso acreditar!

Martin pousou sua mão sobre o ombro de Maria e falou num tom mais calmo.

- Infelizmente é verdade.

Maria permaneceu em silêncio por um longo tempo. Martin manteve sua mão sobre o ombro dela, também em silêncio. Algumas poucas e grossas lágrimas escorreram lentamente pelas faces da linda morena. As lágrimas provocaram um sentimento ambíguo em Martin. Se por um lado ele lutava por sua família, Maria estava vendo sua vida desmanchar-se em poucos segundos.

- Vou fazer o que acho certo! - exclamou Maria, levantando a cabeça repentinamente, enquanto secava suas lágrimas com as costas da mão direita.

Martin, assustado, retirou sua mão. Maria recolocou suas botinas, e em silêncio se levantou, tentando se recompor.

Martin também se levantou, colocando-se ao seu lado.

- E o que é certo? - perguntou ele.

- Aguarde-me em sua tenda, irei procurá-lo à noite.

- Está bem! - concordou Martin.

Maria retirou-se sem mais uma palavra.

Capítulo Vinte e Dois

Ao anoitecer, Martin, assim como Ralph, John e Charles, aguardavam ansiosamente a chegada de Maria, conforme esta havia prometido a Martin. Cada um estava sentado em sua cama, à exceção de Ralph, que caminhava de uma ponta à outra da tenda.

- O que podemos fazer? - repetia, inconformado por ainda não terem um bom plano.

- Calma, Ralph. Acredito que Maria esteja fazendo alguma coisa para nos ajudar. - pediu Martin.

- O que ela poderia fazer?

- Não se esqueça que ela está nessa organização há muitos anos, sabe como funciona e de quase tudo o que acontece na tenda que compartilha com Sebastian.

- Está bem, mas onde ela está agora?

Como em resposta à pergunta de Ralph, ouviram passos fora da tenda. Todos levantaram os olhos em direção à porta, a tempo de ver Maria adentrá-la, acompanhada por um guerrilheiro. Maria desconcertou-se um pouco ao observar que Martin tinha companhia.

- Podemos conversar lá fora, Martin? - pediu ela.

Martin levantou-se. Hesitou, entre expor seus amigos, contando que sabiam de tudo ou aceitar o convite de Maria para se retirar da tenda, contando a eles o que combinasse com ela depois.

- Estamos com ele, - antecipou-se à decisão de Martin, Charles. - tudo o que queremos é acabar com esta matança de inocentes.

- Isso mesmo, pode confiar em nós. - completou Ralph.

Maria voltou-se em direção ao guerrilheiro que a acompanhava, em busca de concordância. Este limitou-se a um consentimento de cabeça.

- Está certo. - disse ela, voltando-se novamente para Martin.

Caminhou um pouco mais na direção dos quatro ocupantes da tenda, de onde virou-se para seu acompanhante.

- Este é Simon! - disse ela.

Todos já o conheciam e cumprimentaram-no com um aceno de cabeça.

- Simon é meu melhor amigo. - continuou Maria. - Crescemos juntos na mesma rua e somos como irmãos. Ele também não concorda com os rumos que nosso movimento tomou e está aqui para ajudá-los.

Ralph, que ainda estava em pé, adiantou-se, postando-se ao lado de Maria e de frente para Simon.

- De que forma? - indagou Martin.

- Maria me pediu que ajudasse Martin a libertar seu pai. - respondeu ele. - Vinha para cá exatamente pensando em como fazer isso. Não sabia que ele tinha aliados. Isso facilita muito nosso trabalho.

- Como assim? - perguntou Martin, levantando-se.

- Tenho muitos amigos aqui em quem posso confiar. - continuou Simon. - No entanto, não posso planejar nenhuma operação com eles tão apressadamente. Além disso, estão em tendas nas quais não posso confiar em todos, o que não os permitiria sair à noite sem despertar suspeitas.

- E acha que teríamos condições de fazer alguma coisa? - perguntou Martin, ansioso.

- É claro que têm. Além disso, o fato de todos na tenda estarem juntos nisso, permite que planejem uma operação para esta noite.

- Como?

- Sou o chefe da guarda, posso colocar pessoas de minha confiança vigiando o acampamento esta noite. Eles os deixariam sair e voltar sem serem notados.

- E o que faríamos? - interrompeu-o Ralph

- O que acha que fariam, garoto?

- Acha que teríamos condições de enfrentá-los?

- Têm outra escolha?

A pergunta ficou sem resposta. Charles e John, ainda em suas camas, baixaram os olhos, angustiados. Todos perceberam que seriam os únicos capazes de resolver o problema, e isso significava que provavelmente teriam que se tornar assassinos.

- Eu já estou preparado para isso há muito tempo! - exclamou Martin, como se tivesse lido os pensamentos de seus amigos. - Vou enfrentá-los, nem que seja sozinho.

Maria, vendo os outros fraquejarem, interferiu.

- Mas serão apenas três a guardá-los. - disse, virando-se para Ralph, que ainda estava em pé ao seu lado, no meio da tenda. - Além disso, contamos com o fator surpresa, pois eles estarão completamente desprevenidos. Nunca imaginariam ser atacados tão perto do acampamento.

Charles levantou-se.

- Como eu lhe disse desde o início, Martin. - caminhou em direção a este. - Pode contar comigo!

Tudo o que Martin, emocionado, pode fazer foi abraçar o amigo.

Ralph, que estava do outro lado de Martin, irritou-se.

- Não estou dizendo que não podem contar comigo! Martin sabe que estou com ele em qualquer situação! - bradou. - Apenas não sei se seremos capazes de enfrentá-los!

John, que estava quieto desde o início da conversa, também levantou-se, indo para junto de Charles.

- Só saberemos se tentarmos! - exclamou num tom de quem já estava decidido.

- Tenho certeza que Jason e Richard também irão. - disse Martin.

- Vocês têm outros aliados? - surpreendeu-se Simon.

- Temos. - respondeu Martin. - Mais dois.

- Então vou requisitá-los para a guarda de hoje. Assim poderão deixar suas tendas sem despertar suspeitas.

- Ótimo, mas algum de vocês deve ficar aqui na tenda, pois caso venha alguém aqui durante a noite, precisam arranjar uma desculpa para a ausência dos outros. - disse Maria.

- Quem fica? - perguntou Martin.

Ninguém respondeu.

- Você fica, John? - tornou a perguntar Martin.

- De jeito nenhum! Não acredita que eu seja capaz de ajudá-los? - respondeu este, indignado.

- Não se trata disso, John. Me desculpe! É que Maria está certa, alguém tem que ficar.

Ninguém se oferecia.

- Você fica! - disse Ralph para Martin.

- Eu? - disse Martin. - Você está louco? Se alguém tem que ir, sou eu!

- Eu estava pensando nisso, mas não queria sugerir. - disse Maria. - Ralph tem razão, Martin. Você deve ficar por dois motivos: se alguém poderia ser suspeito aqui, é você. Além disso, você poderia ficar nervoso, pois a vida de seu pai e sua irmã estarão em jogo.

Martin não aceitou.

- Eu já disse que vou e ponto final! Meu pai espera isso de mim e eu nunca o decepcionaria.

- Poderia decepcioná-lo se algo saísse errado por sua teimosia ou nervosismo! - exclamou Ralph.

- Fique você, que está com medo! - disse Martin.

- Todos estamos com medo, mas mesmo assim queremos ir. - defendeu-se Ralph.

Vendo que aquela discussão não levaria a nada, Maria tratou de interferir mais uma vez.

- Façam um sorteio para decidir quem fica.

- De forma alguma! Eu irei! - disse Martin.

- Está bem! - exclamou Maria. - Vamos embora então, Simon. Daqui a alguns dias, quando for tarde demais, voltamos para ver o que decidiram.

Maria encaminhou-se para a porta, enquanto Simon voltava-se para sair.

- Esperem! - quase gritou Martin. - Está bem! Eu concordo com o sorteio!

Maria sorriu, vitoriosa. Já conhecia Martin o suficiente para saber como lidar com ele.

- Eu farei o sorteio! - exclamou.

Maria saiu da tenda por alguns segundos. Retornou com quatro pequenos paus. Todos estavam com apenas uma parte visível. A maior parte de cada um estava escondida dentro da mão direita de Maria.

- Quem tirar o menor fica! - anunciou.

Ralph foi o primeiro a retirar o seu, seguido de Martin, Charles e John. Todos levantaram seus braços à altura dos olhos, segurando seu pedaço de pau verticalmente, na ponta dos dedos, virados para cima. O de Martin era o menor.

- Droga! - exclamou ele.

- Muito bem. - disse Simon, antes que a discussão recomeçasse. - Vamos agir. Convocarei seus amigos da outra tenda para ficarem de guarda. Estabeleçam seu plano de ação. Direi para meus amigos deixarem-nos sair do acampamento e levar seus amigos juntos.

Voltou-se para Maria.

- Vamos? Já nos demoramos demais por aqui.

- Vamos! - concordou ela.

Maria aproximou-se de Martin.

- Não faça nenhuma bobagem. - disse, tocando-o carinhosamente na face. - Tudo vai dar certo. Boa sorte a todos!

Simon e Maria retiraram-se. Os quatro ocupantes da tenda ficaram em silêncio. Ralph, depois de algum tempo, foi o primeiro a quebrá-lo.

- O que faremos?

- Teremos a nosso favor o fator surpresa, portanto a chance de algum ataque nosso não dar certo é mínima! - exclamou Charles.

- Sei disso! - concordou Ralph. - Mas como imagina este ataque?

- A trilha que sai do acampamento é uma só até contornar a montanha. Depois é que se abre para todos os lados. Vamos esperá-los logo após a saída do vale.

- O.K.! - exclamou John. - Só nos resta saber o horário de partida.

- Isso eu descobrirei agora! Vou até a tenda de meu pai, esperem-me aqui! - disse Martin.

Martin encontrou seu pai e sua irmã em pé, angustiados, no meio da tenda. Eram oito e meia da noite.

- Olá! - saudou ao entrar.

- Estávamos aguardando-o ansiosos! - exclamou Carolina, em tom queixoso, quase ralhando-o.

- Desculpem-me, não pude vir antes. Estávamos decidindo o que fazer.
- E então? - indagou Anthony.
- Meus amigos atacam o seu grupo logo após deixarem o acampamento. Estejam preparados!
- Não estará com eles? - perguntou Anthony.
Martin baixou os olhos.
- Sinto muito, papai! - murmurou. - Precisarei ficar no acampamento para qualquer emergência.
Anthony levantou a cabeça do filho com as duas mãos.
- Sente muito? Não sabe como fico feliz ao saber disso. Se algo der errado e acontecer alguma coisa conosco, ainda restará você para não deixar sua mãe sozinha!
Martin reagiu ao pessimismo do pai.
- Nada vai dar errado, papai. Amanhã a essa hora vocês estarão livres, confio em meus amigos.
- Também quero confiar neles, meu filho. Mas devemos estar preparados para tudo.
Escorria um filete de lágrimas pela face de Carolina. Haviam mantido a esperança e o bom humor até então, mas não conseguiam mais relaxar. Esta noite seria diferente. Estavam a poucas horas de uma situação que superaria grandemente o estresse acumulado nos últimos tempos. Martin separou-se do pai, que ainda o amparava, e foi para junto da irmã.
- Não se preocupe, maninha. - disse ele, enquanto acariciava a cabeça da irmã. - Muito breve isso que estamos passando será uma apenas uma triste lembrança. Além disso, tenho certeza que crescemos muito com tudo o que aconteceu.
Carolina apoiou sua cabeça no peito do irmão.
- Aguarde a volta do papai, Martin. Não faça nada precipitado. Resistimos a tudo até agora e vamos vencer. - pediu ela.
- Fique tranqüila, Carolina. Soube me cuidar até agora.
Martin deu um beijo na face da irmã, seguido de um longo abraço.
- A que horas partirão? - perguntou.
- Assim que surgirem os primeiros raios de sol. - respondeu Anthony.
- Vou avisar o pessoal. Estejam atentos, mas não demonstrem nervosismo.
- Sou especialista nisso, esqueceu?
- É claro que não, papai.
Martin estendeu sua mão direita para despedir-se do pai. Anthony ignorou a mão estendida e puxou o filho para junto de si, aplicando-lhe um forte abraço. Martin, que ainda estava constrangido por tudo que havia causado, não resistiu e correspondeu ao gesto do pai, também apertando-o contra si.
- Prometa-me mais uma vez que tomará cuidado, meu filho!
- Prometo, papai. Podem ir tranqüilos!
Os três ficaram emocionados. Assim que sentiu que ia chorar, Martin preferiu sair da tenda, procurando não demonstrar fraqueza. Já à porta da tenda, voltou-se para dar uma última olhada em seus entes queridos.
- Digam a mamãe que a amo muito e que em breve estarei com ela.
- Estou certo disso. - respondeu Anthony.
Martin partiu na escuridão da noite.

Quando entrou em sua tenda, Martin, ainda emocionado pela despedida, encontrou seus amigos prontos para partir. Aguardavam apenas sua volta.
- A que horas partem? - indagou Ralph.

- Ao raiar do dia! - respondeu Martin. - Terão que atacá-los logo na saída do vale se quiserem contar com a escuridão da selva e ainda retornar ao acampamento sem serem vistos.

- Não se preocupe com nossa volta. Já combinei tudo com o chefe da guarda, e também já falei com Jason e Richard. Estão nos aguardando na saída do acampamento. - disse Charles.

- Vamos? - convidou Ralph, pegando sua arma.

- Vamos! - respondeu Charles, imitando o gesto de Ralph.

John levantou-se sem nada responder. Não era de falar muito, mas agora estava particularmente mais calado que o normal. Parecia o mais nervoso do grupo.

- Muito cuidado! - recomendou Martin.

Ralph abraçou-o longamente. Charles e John também o fizeram, e um a um foram saindo silenciosamente da tenda. Martin ficou em pé no meio desta, por algum tempo, não se moveu. Não era uma pessoa religiosa, mas lembrou-se de rezar.

Capítulo Vinte e Três

A transferência de acampamento iniciou na manhã seguinte. O grupo era formado por cinco pessoas: Cláudio, que era o guia, Anthony, Carolina e dois outros guerrilheiros colombianos experientes. Os últimos, além de exercerem a função de guardas, para evitar a fuga dos reféns, levavam consigo uma grande quantidade de alimentos, suficientes para suportar os oito dias de caminhada que separava os dois acampamentos.

Cruzaram por baixo da cachoeira. Era a primeira vez que os dois reféns deixavam o vale do acampamento desde a sua chegada ao cativeiro. Anthony, mesmo estando em um estado de tensão muito grande, não desperdiçou a oportunidade de embevecer-se mais uma vez com aquela maravilha da natureza. Assim como ele, Carolina também estava muito tensa. Ambos sabiam que a qualquer momento seriam atacados por seus aliados, e sobressaltavam-se a cada ruído que ouviam na mata.

Haviam caminhado cerca de vinte minutos, quando tudo aconteceu. Primeiro ouviram uma batida seca, vinda por detrás. Anthony imediatamente jogou-se por cima de Carolina, jogando-a para o lado. Os dois caíram ao solo. A batida seca fora o choque da coronha da espingarda de Ralph contra a cabeça de um dos guerrilheiros que estava mais atrás. No momento em que pai e filha iam ao solo, Cláudio e o outro guerrilheiro, que também haviam escutado o barulho, viravam para verificar o que acontecia. Era tarde demais para os dois. Enquanto Charles, que estava escondido um pouco mais adiante, enfiava uma faca no peito de Cláudio, o outro guerrilheiro era degolado por Jason. Ralph terminou o serviço afundando friamente sua faca no peito do guerrilheiro que havia abatido, já inerte no solo. Anthony e Carolina ficaram imóveis no chão, sem ao menos olhar para ver o que acontecia.

- Tudo acabado! - exclamou Ralph, vendo que a situação estava sob controle.

Pai e filha, que haviam parado de respirar, soltaram a respiração aliviados ao reconhecer a voz de Ralph.

- Deu certo! - gritou excitado Charles.

Jason, que havia matado um guerrilheiro cortando sua jugular, arqueou-se vomitando. Não conseguia olhar para o que tinha acabado de fazer. Ralph e Charles abraçavam-se em comemoração. Enquanto isso Richard e John saíam do meio das árvores. Eles estavam escondidos para entrar em ação caso a primeira tentativa de ataque fracassasse. Ambos correram para socorrer o amigo que passava mal.

- Você fez o que devia ser feito. Não se deixe abater! Estamos em uma guerra, agora são eles ou nós.- John tentou consolar Jason.

- Sei que não é fácil matar alguém. - disse Richard. - Mas você acaba de dar início a uma operação que poderá salvar dezenas de vidas.

Jason já começava a se sentir melhor. Já não estava tão branco e recuperava sua cor natural. Ralph e Charles procuravam não pensar na gravidade do que haviam feito. Todos, ainda muito nervosos, comemoravam o feito. Anthony e Carolina levantaram-se e também se abraçaram, em comemoração. Carolina não olhava para onde jaziam os corpos. Ralph veio ao seu encontro.

- Você está bem? - dirigia-se à Carolina.

Carolina largou o pai e jogou-se aos braços de Ralph em agradecimento. Não conseguiu conter as lágrimas, que vieram misturadas com a sensação de alívio. Ralph a acolheu em seu peito, apertando-a com força.

- Calma minha querida, - consolou-a - agora tudo vai ficar bem! O pior já passou.

- Temos que agir depressa agora! - interrompeu-os Anthony.

Ralph voltou à realidade.

- Claro, senhor Alexander! Temos que retornar o mais depressa possível para o acampamento. Peguem provisões suficientes para sua jornada e ponham-se imediatamente em marcha. Enquanto isso enterraremos os corpos e apagaremos os vestígios de nossa ação.

- Certo, Ralph. - respondeu Anthony.

Imediatamente pai e filha prosseguiram o plano acordado. Pegaram a mochila de um dos guerrilheiros, que continha bastante comida para os dois, três cantis cheios de água potável e um estojo de primeiros socorros. Anthony pegou também a espingarda de Cláudio e munição suficiente para garantir a segurança da jornada que empreenderiam. Prontos para partir, despediram-se dos seus salvadores. Anthony deu um longo abraço em todos, mesmo os que ainda não conhecia.

- Diga para Martin não cometer nenhuma loucura. - pediu a Ralph. - Tenham paciência e nos aguardem. Prometo que estarei de volta o mais depressa possível.

- Cuidarei de Martin para o senhor! - respondeu Ralph.

- Podem estar certo de que voltaremos para libertá-los!

Carolina beijou cada um deles na face. Quando chegou a vez de Ralph, este a agarrou, levantando-a do chão e aplicando-lhe um longo beijo na boca. Era o primeiro beijo entre os dois, e eles desejaram ardentemente que não fosse o último. Carolina assustou-se um pouco. Tinha por Ralph uma grande amizade e admiração, que talvez pudessem se transformar em amor. Não estava preparada para este tipo de despedida, apesar de saber do amor que Ralph nutria por ela.

- Cuide-se, Ralph. - pediu ela timidamente.

Ralph colocou-a novamente no chão.

- Cuide-se você!

Abaixou-se um pouco e aplicou-lhe novamente um longo abraço.

- Vamos, Carolina! - Anthony interrompeu a despedida dos dois pegando a filha pelo braço. - Cada segundo é muito importante para nós agora!

Carolina separou-se lentamente de Ralph. Pai e filha iniciaram sua viagem de retorno ao lar.

- Adeus e boa sorte! - desejou Ralph.

Os dois viraram-se para abanar aos companheiros.

- Cuidem-se todos! - gritou Anthony pela última vez. - Vocês são bons garotos!

Voltaram-se novamente para a frente. Anthony passou a mão em torno dos ombros da filha e seguiram sua caminhada. Os que ficaram no local do ataque trataram de acabar com qualquer indício que pudesse denunciá-los. Primeiro procuraram um lugar onde a mata fosse bastante espessa e longe da trilha tomada por Cláudio. Escolhido este lugar, puseram-se a cavar com as pequenas pás que traziam em seu kit de sobrevivência. Terminadas as escavações largaram os três corpos e os equipamentos que estes traziam consigo dentro dos buracos. Taparam os buracos, tendo o cuidado de cobri-los com a relva que havia anteriormente por cima deles. Ficou quase imperceptível que naquele lugar tinha havido uma escavação. As próximas chuvas se encarregariam de eliminar definitivamente com qualquer pista. Concluído o serviço o grupo retornou ao acampamento para não despertar suspeitas.

Anthony e Carolina empreenderam um ritmo muito acelerado a sua fuga. Desta vez Carolina não se queixava. Agora caminhava assim por vontade própria.

- Se continuarmos assim, no máximo em dois dias encontraremos o rio Negro. - disse Anthony, quebrando o ritmo de suas respirações entrecortadas.

- Tem certeza de que estamos no caminho certo, papai?

- Estamos fazendo o caminho inverso ao de Cláudio, minha filha. Seguindo nesta direção, o máximo que podemos nos desviar de nossa rota é cerca de um ou dois quilômetros. Mesmo assim, acredito que teríamos condições de chegar ao rio.

- E se nos desviarmos mais?

- Considere que este desvio pode ser na direção do rio, e não o inverso. Tendo sorte, podemos até encontrá-lo antes. Seja otimista minha filha.

- Estou sendo papai. Estou rezando desde que partimos.

Ao anoitecer, decidiram continuar mais um pouco adiante, mesmo correndo o risco de desviar-se um pouco da rota. Quando deram por encerrada a caminhada do dia, evitaram acender fogueiras. Procuraram uma árvore para dormir em seus galhos. Evitavam assim o ataque de alguma fera.

- Amanhã, por volta do meio-dia em diante, temos que ficar atentos ao ruído do rio. - disse Anthony.

- Estou exausta, papai.

Carolina tirou as botinas encharcadas que usava. Seus pés estavam tapados de bolhas. Anthony acendeu sua lanterna e começou a tratar os pés de Carolina com o estojo de primeiros socorros que trazia consigo. Depois enrolou uma bandagem para que os pés ficassem mais firmes dentro da botina, evitando assim a formação de novas bolhas. Preferiu nem tocar em seus próprios pés, que doíam muito.

Anthony retirou o cinto de Carolina. Depois colocou-o novamente, tendo o cuidado de prender um galho entre ele e a cintura da filha, para evitar que caísse enquanto dormia. Repetiu a operação com seu próprio cinto.

- Papai?

- Sim, Carolina?

Carolina riu.

- Por favor... me alcance o sorvete de baunilha!

Anthony entrou na brincadeira.

- Temos um problema, minha filha...

- Qual?

- Só temos de morango.

Os dois riram muito. Todas as intempéries pelas quais haviam passado ainda não haviam destruído seu bom humor. Logo Carolina parou de rir.

- Papai?

- Sim?

- O que será que mamãe está fazendo agora?

- Não sei o que ela está fazendo, minha filha, mas com certeza seu pensamento é só para nós.

- Pobre mamãe, tanto tempo sozinha.

- Seja otimista, Carolina! No máximo em dois ou três dias estaremos com ela!

O sono veio rápido para ambos, pois o cansaço era muito grande.

Assim que os primeiros raios de sol bateram na copa das árvores, retomaram a caminhada.

Por volta do meio-dia iniciou uma chuva torrencial.

- Vamos parar para comer alguma coisa. - anunciou Anthony.

- Ótimo... minhas pernas já não me obedecem mais.

Sentaram-se no local mais seco que foi possível encontrar e saciaram sua fome. Esperaram a chuva passar. Esta durou cerca de uma hora.

- Vamos? - disse Anthony, levantando-se.

Carolina levantou-se prontamente.

- Vamos!

- Fique em silêncio e atenta a tudo que puder ouvir.

- Duque podia estar conosco agora. - Carolina sorriu.

- Certamente está fazendo companhia a Sarah.

Carolina ficou um pouco deprimida.

- Duque gosta tanto de você, papai.

Anthony afagou-lhe os cabelos.

- Logo estaremos com eles, querida!

A tarde foi passando, e nada de alcançarem o rio Negro. Uma angustia foi tomando conta de Anthony, que procurava escondê-la de Carolina.

- Já devíamos ter encontrado o rio, não é, papai? - Carolina percebera o ar de preocupação do pai.

Anthony tentou disfarçar.

- Calma, minha filha. Logo iremos encontrá-lo.

- E se mudarmos nossa direção?

- Não podemos fazer isso. Se perdermos nosso rumo, dificilmente nos encontraríamos novamente.

- Mas papai, com todo o tempo que ficamos em cativeiro, mudou a estação do ano, fazendo com que o sol não esteja exatamente na mesma posição.

- Sei disso, Carolina, e já estou levando em consideração a nova posição do sol. De qualquer forma, vamos deixá-lo um pouco mais a nossa direita.

Sempre caminhando, silenciaram novamente, atentos aos ruídos da mata. O sol já estava quase caindo, e o desânimo e o desespero tomava conta dos dois. Carolina deu um grito.

- Papai, veja aquilo!

Anthony olhou na direção em que a filha apontava. Era uma grande árvore.

- Pedro. - balbuciou Anthony.

Havia, esculpida na árvore, uma grande seta, tendo a letra "N", também esculpida, um pouco abaixo. As duas marcas já estavam cicatrizadas, denotando que já haviam sido feitas a um bom tempo.

- Só pode ter sido Pedro quem fez isso! - agora Anthony gritava, correndo em direção da árvore.

- O que significa? - Carolina corria atrás do pai.

- Está nos apontando o rio Negro. - Anthony chorava de alegria. - Só pode ser coisa do Pedro.

Carolina parou ao lado do pai, de frente para a árvore. Finalmente entendeu o que se passava.

- Está nos indicando o caminho a seguir?

Anthony agarrou-a, jogando-a para cima.

- Claro, minha filha! Estamos salvos!

Os dois choraram de alegria. Tomaram imediatamente o rumo que a seta indicava.

- Procure por outras setas. - disse Anthony.

- Nem precisa me dizer isso, papai! Já estou procurando! - respondeu Carolina.

- Precisamos ser rápidos! Daqui a pouco começa a escurecer.

Encontraram outra seta, logo depois mais outra. Com quinze minutos de caminhada no novo rumo, já podiam ouvir as águas do rio Negro. Caminhavam tão rápido na direção do barulho das águas, que quase corriam. Quando avistaram a margem do rio, mal podiam conter as lágrimas.

- Agora só temos que segui-lo até nossa casa. - afirmou Anthony.

Carolina nem sentia o cansaço que se abatia sobre ela. Estava ansiosa para rever a mãe.

- Vamos iniciar imediatamente, papai. Podemos caminhar durante a noite?

- Agora que vamos costear o rio, não corremos o risco de nos perder. Nosso único risco são os animais que podemos encontrar pelo caminho. Algumas espécies vêm ao rio à noite para beber água ou banhar-se.

- Tomaremos cuidado, papai. Mas vamos seguir adiante?

- Esta bem, Carolina, mas temos que tomar cuidado para não cansarmos muito, ainda temos uma longa caminhada.

Seguiram acompanhando a margem do rio, já com a escuridão tomando conta da selva. Caminharam cerca de duas horas. Anthony parou.

- Veja, Carolina! - apontou uma claridade adiante. - Aquilo só pode ser uma fogueira.

Carolina sobressaltou-se.

- Vamos nos aproximar, papai?

- Não sei... podem ser índios, ou guerrilheiros.

Anthony pensou por um momento. Agarrou o braço da filha, ficando de frente para ela.

- Você fica aqui. Vou tentar me aproximar silenciosamente para ver se descubro quem está lá. - disse.

Carolina balançou a cabeça negativamente.

- De jeito nenhum, papai. Se pensa que vou ficar sozinha aqui, está muito enganado.

- É muito perigoso vir junto, minha filha. Deixo a espingarda com você.

- Irei junto, com ou sem sua autorização, papai. - afirmou Carolina

Anthony silenciou por algum tempo.

- Está bem. - disse por fim. - Mas deve permanecer em completo silêncio e sempre atrás de mim.

- Prometo... - Carolina sorria vitoriosa.

Anthony engatilhou a espingarda. Esgueiraram-se vagarosamente pela mata, cuidando para não fazer nenhum ruído. Quando já estavam quase alcançando o acampamento improvisado a sua frente, foram interrompidos por um grito.

- Quem está aí?

Identificaram imediatamente o dono da voz que gritava.

- Pedro? - murmurou Carolina, levantando-se.

- Quem está aí? - a voz retorquiu novamente.

- Pedro? - Carolina gritou. - Somos nós!

- Carolina? - Pedro gritou.

Esta corria em sua direção.

- Pedro!

Anthony também levantou e corria atrás dela. Carolina jogou-se aos braços do velho seringueiro, que se desequilibrou com seu peso, quase indo ao chão. Anthony alcançou a filha. Pedro largou-a ao chão. Assim que encontrou-se com o amigo, abraçou-o paternalmente.

- Você salvou nossas vidas, seu índio safado! - disse Anthony, sem poder conter as lágrimas.

- Pensei que tudo o que eu havia lhe ensinado tinha sido em vão! Você não dava sinais de vida. - respondeu o outro.

- Não me esqueci de seus ensinamentos nem por um segundo, meu amigo!

- Bom... pelo menos não desperdicei meu tempo à toa!

- Deixe de se fazer de durão, eu sei que está louco para chorar! Venha cá e me de outro abraço. - ordenou, puxando-o para junto de si.

- E a minha menina? Como está? - perguntou Pedro, com os olhos umedecidos.

Carolina chorava emocionada. Anthony respondeu por ela.

- Está bastante cansada e com alguns arranhões, mas ficará bem.

Pedro abraçou-a novamente, acariciando-a.

- Sabia que iria encontrá-los.

- E Sarah, como está?

- Não a tenho visto, Anthony. As notícias que tenho são de que está bem. Passa os dias procurando-os incansavelmente.

Anthony surpreendeu-se.

- Ela não sabe o que aconteceu conosco?

- Ninguém sabe o que aconteceu, só temos feito procurá-los.

- Pobre mamãe. - balbuciou Carolina. - Deve estar desesperada.

- Mas agora está tudo bem. Vou levá-la até sua mãe. - confortou-a Pedro.

Anthony colocou a mão no ombro do amigo.

- Muito obrigado pelo que está fazendo por nós, Pedro.

- Sabe que sempre pode contar comigo, pequeno Anthony. Você é muito mais que um filho para mim.

A sinceridade das palavras do velho amigo emocionaram muito Anthony, que agradecido, deu-lhe um beijo na face. Pedro também chorou emocionado. Pedro realmente tinha sido e sempre continuaria sendo seu segundo pai.

- Agora vamos descansar, devem ter tido um dia muito duro.

- Nada disso, queremos partir imediatamente. - disse Anthony. - Não temos um segundo a perder.

- Agora não é possível, Anthony. Meu barco é pequeno e correríamos um risco muito grande descendo o rio sem enxergar bem.

Anthony rendeu-se

- Tem razão.

- Prometo-lhes que os acordarei cedo. Antes de raiar o dia já estaremos a caminho. Meu barco é bastante rápido, e ainda estamos a favor da correnteza. Chegaremos em casa em poucas horas.

Pai e filha concordaram passivamente. Estavam realmente muito cansados. Os três jantaram à beira da fogueira.

O barco de Pedro era um barco muito comum de ser encontrado na Amazônia. Possuía uma pequena cabine e era movido a motor de popa. Tinha acomodação, em redes, para quatro pessoas.

Assim que terminaram de jantar, Pedro acomodou seus amigos em duas redes que estendeu dentro da cabine. Os dois, exaustos, dormiram assim que deitaram.

Pela manhã Anthony acordou com o sol atravessando a janela do barco, misturado com os ruídos do motor. Percebeu que já desciam o rio em alta velocidade. Levantou e encaminhou-se à cabine, onde Pedro dirigia o barco. Este ao avistá-lo, sorriu divertido.

- Já estamos com seis horas de viagem. Resolvi fazer-lhes uma surpresa.

- Como assim? O dia mal amanheceu!

- Você não entende nada da selva mesmo, Anthony. - zombou Pedro. - Ainda tenho muito a lhe ensinar. Não percebeu que hoje era noite de lua cheia?

- Tem razão, Pedro. Dormimos antes dela aparecer.

- Isso mesmo. Assim que ela banhou o rio com sua luz, coloquei o barco a caminho de casa. Já estamos chegando.

- Não há dia em que eu não aprenda alguma coisa com você. - Anthony reconheceu, com humildade. - Vou acordar Carolina.

Enquanto Anthony acordava Carolina, Pedro atracou o barco ao lado de sua casa.

- Acorde, filha. Chegamos! - Anthony falou com carinho ao lado da rede onde esta dormia.

Carolina sentou-se assustada.

- Como assim? Dormi demais?

- Nada disso, Pedro trouxe-nos enquanto dormíamos.

Carolina abraçou o pai.

- Quero ver mamãe imediatamente.

Os três desceram do barco e puseram-se a caminho da casa dos Alexander. Quase corriam, movidos pela vontade de chegar. Anthony ia à frente. Carolina não conseguia suportar seu ritmo. Estava no limiar de suas forças. Pedro, observando-a fraquejar, agarrou-a ao colo e seguiu tentando acompanhar o amigo, apesar de seu peso extra.

Chegaram ao início da clareira que circundava a casa dos Alexander. Quando a enxergaram, os dois fugitivos ficaram entorpecidos pela alegria que sentiram, alegria esta que só foi superada ao ver Duque, seguido de Sarah, correndo em sua direção.

Capítulo Vinte e Quatro

Anthony não concordou com Sarah, que queria que fossem ao hospital de Manaus para tratar seus ferimentos, pois Martin ainda corria perigo. Pediu a seu amigo Ricardo que trouxesse um médico de confiança para que ele e a filha fossem atendidos sem despertar suspeitas. Queria manter seu retorno no mais absoluto segredo. Também pediu a Ricardo para comunicar-se com o exército. Se a imprensa descobrisse que haviam retornado, instantaneamente os guerrilheiros saberiam.

Anthony recebeu, na varanda de sua casa, os comandantes do exército brasileiro, que chegavam atendendo ao seu apelo. Estes tinham mais uma vez a sua frente o coronel Carlos Peterson. Após as apresentações, feitas por Ricardo, Anthony convidou-os a entrar em sua casa.

- Antes de mais nada, senhores, preciso agradecer-lhes pela atenção e apoio que dispensaram a minha esposa. Estou certo de que excederam suas obrigações.

- Fizemos o que qualquer um faria para ajudá-los, senhor Alexander. - respondeu o coronel.

- Não precisa ser modesto, coronel Peterson. Sarah ficou maravilhada com sua disposição em ajudar-nos.

- Sua esposa é que foi incansável, senhor Alexander. Não se passou um dia sequer sem que procurasse pessoalmente pelo senhor e seus filhos.

Já estavam todos na sala da casa. Além de Anthony e do coronel Peterson, estavam presentes Ricardo e mais dois oficiais do exército. Anthony, após um longo suspiro, e verificando que todos estavam em silêncio, iniciou o assunto pelo qual os havia chamado.

- Senhores... - tentou prender a atenção de todos. - Tenho um comunicado importantíssimo a fazer-lhes...

Anthony percebeu que todos estavam atentos as suas palavras.

- Existe um grande acampamento de guerrilheiros colombianos na selva brasileira. - continuou.

Os militares ficaram perplexos.

- Você tem certeza? - indagou o coronel.

- Absoluta. Já confirmei a localização aproximada através do mapa que tenho em casa. Venham, vou mostrar-lhes. - Anthony encaminhou os visitantes até a parede da sala onde o mapa estava afixado.

- Vejam. Segundo meus cálculos, pelo tempo de caminhada até minha casa, o acampamento fica aproximadamente neste ponto, em uma espécie de vale isolado do resto da floresta. - apontava o mapa enquanto falava.

- Precisamos investigar esta informação. - afirmou um oficial do exército que acompanhava a explicação.

- Não temos tempo para isso! Proponho-me a levá-los até lá imediatamente. - afirmou Anthony

- Isso é impossível, senhor. Não temos autonomia para tomar esta decisão. - esclareceu o coronel Carlos. - Primeiro precisamos comunicar nosso comandante, este por sua vez deverá contatar com o comando geral do exército para que possamos agir. O governo da Colômbia também precisa ser avisado, pois sob as leis de nosso país, eles não são guerrilheiros, e sim apenas seqüestradores, e isso é um assunto para a polícia federal.

- E se o governo da Colômbia solicitar a interferência do seu governo, de quanto tempo precisam para se preparar?
- Estamos sempre de prontidão, senhor. Basta uma ordem superior.
- Eu conto com isso, coronel. Meu filho está correndo risco de vida. Não somente ele, como mais de uma dezena de pessoas inocentes que lá se encontram.
- Infelizmente, por enquanto não podemos fazer nada, senhor. Temos uma hierarquia em nossa instituição e somos obrigados a obedecê-la.
- Eu entendo, mas o que podemos fazer para agilizar a tomada de decisão?
- Vou entrar em contato imediatamente com meus superiores.
- Eu os constrangeria se acionasse meus contatos para tentar interferir em meu favor?
- De forma alguma, senhor Alexander. Mas, de qualquer forma pode estar certo que faremos todo o possível para auxiliá-lo da forma mais rápida e eficiente possível.
- O FBI e a CIA poderiam participar da operação?
- Tudo depende das negociações entre nossos governos.
- Eu preciso ir junto para mostrar-lhes o lugar exato.
- Quanto a isso, não posso lhe dizer nada por enquanto, senhor. Não sei se meu governo permitirá a um estrangeiro correr este perigo dentro de nossas fronteiras.
- Bom... isso eu também vou tratar de conseguir.
- Por enquanto, deixarei um pelotão guardando sua residência para evitarmos surpresas.
- Obrigado, coronel. Vocês estão sendo muito atenciosos.

Assim que os oficiais do exército partiram, Anthony começou a telefonar para todas as pessoas que poderiam ajudar. A primeira ligação foi para a Casa Branca.

- Por Deus, Anthony, onde você está? - perguntou Paul Bakerman, o secretário geral de estado e seu amigo pessoal.

- Comigo está tudo bem, Paul. - respondeu Anthony. - Eu e Carolina estamos em casa, no Brasil. O que eu estou precisando é de seu apoio urgente para resgatarmos Martin, assim como muitos outros prisioneiros de várias nacionalidades.

- Mas como podemos fazer isso?

- Paul, eu sei como voltar até o acampamento guerrilheiro. O problema é que precisamos ser rápidos para evitar uma tragédia. Assim que souberem da nossa fuga, os outros prisioneiros correrão perigo.

- E como você imagina fazer isso?

- Preciso que a Casa Branca dê carta branca para o FBI e a CIA agirem. Também preciso que vocês intercedam junto ao governo brasileiro para que ajam rápido e permitam nossa participação na operação.

- Qual é o risco que corremos?

- Qualquer risco que viermos a correr agindo rapidamente, com certeza será menor do que o que acontecerá se não fizermos nada.

- Vamos ver o que podemos fazer, Anthony. Prometo-lhe todo o meu empenho para ajudá-lo.

- Obrigado, meu amigo. Tenho certeza que fará tudo o que estiver ao seu alcance. E não se esqueça, atos heróicos bem sucedidos podem render muitos votos.

- Esta bem. - sorriu o interlocutor. - Se tudo der certo, pelo menos o seu voto eu vou fazer questão de cobrar.

- Um último pedido.

- Sim?

- Por favor, precisamos que a CIA continue o processo de negociação com os representantes dos guerrilheiros para não despertar suspeitas. Vai demorar alguns dias para perceberem nossa fuga.

- Tudo bem, faremos isso também.

Sua segunda ligação foi para o embaixador americano no Brasil.

- Como você está, meu amigo? - saudou-o este.

- Agora estou bem. Mas preciso muito de sua ajuda para interceder por mim junto ao governo brasileiro.

- O que eu posso fazer por você?

- Muito mais do que imagina. Primeiro preciso que insista para que enviem tropas até o acampamento guerrilheiro. E em segundo lugar, precisa conseguir autorização para que eu vá junto.

- Você está louco, Alexander? Quer meter-se no meio de uma possível guerra?

- É a única forma de encontrarem o local rapidamente, meu amigo. Sem minha ajuda as buscas seriam muito demoradas.

- E você tem certeza que encontrará o local? Representamos aqui o governo de nosso país. Já imaginou o vexame a que podemos nos expor?

- Quanto a isso não se preocupe. Passei grande parte de minha vida por aqui. Se há alguma coisa que sei muito bem é me encontrar dentro da selva. Além do mais, quer maior vexame que deixar morrer dezenas de inocentes?

- Tudo bem, Alexander. Vou utilizar toda a minha influência para ajudá-lo.

- Agradeço-lhe não só por mim, mas pelas dezenas de pessoas que podemos ajudar a salvar.

A terceira e última ligação foi para o governo da Colômbia. Graças ao trânsito que tinha junto ao governo e dada a gravidade da situação que expôs para sua assessoria, conseguiu ser atendido imediatamente pelo próprio presidente.

- Desculpe-me se lhe importuno, excelência, mas nosso êxito depende principalmente da rapidez com que agirmos.

- Estamos sempre dispostos a combater as ações de grupos extremistas, senhor Alexander.

- Disso eu tenho certeza, caso contrário não estaria lhe fazendo este pedido.

- Vou solicitar a meu ministro do exército prioridade total para este caso. Aguarde nosso contato.

- Muito obrigado, senhor presidente. Tenho a convicção de que tudo dará certo.

Após este telefonema, Anthony finalmente relaxou, descobrindo-se com uma terrível dor de cabeça, provocada pela tensão acumulada.

- Vai ficar tudo bem. - disse Sarah, que havia acompanhado todos os telefonemas. - Você já fez tudo que estava a seu alcance. Agora é rezar e esperar pelas autoridades. - enquanto falava, massageava os ombros do marido, percebendo seu estado de tensão.

- Deus lhe ouça, querida. - completou ele num desabafo. - Como está Carolina?

- Dormiu novamente. A viagem de retorno que vocês empreenderam deixou-a em frangalhos.

- Mas não havia tempo a perder... - justificou-se Anthony. - Martin depende de nós.

- Sei disso, não estou reclamando, só estou dizendo que ela precisará de um bom tempo para se recuperar...

- Todos nós precisaremos.

- Como será que Martin está?

- Estou preocupado com ele Sarah... Aquele pessoal é muito perigoso.

- Acha que podem fazer algum mal à ele?

- Enquanto ele não enfrentá-los nem descobrirem a nossa fuga, não corre nenhum risco...
- Tomara que consiga se conter...
- Martin está mudado querida, não parece mais aquele garoto rebelde de alguns meses.
- Espero que não faça nenhuma loucura.
- Ele amadureceu muito, acredito que saberá se cuidar. Quando voltarmos lá, estará esperando por nós. Temos muito que conversar.
- Deus fará com que vocês se entendam. Será que voltaremos a ter paz em nossa família?
- Conte com isso, querida. No que depender de mim, farei tudo o que for possível. Em nenhum momento, desde que nossos filhos nasceram, deixei de pensar no melhor para eles.
- Isso você nem precisa me dizer. Acha que não conheço meu próprio marido?
- Nunca é demais reafirmar nossas verdades.
- Esta bem, querido. Mas agora vou preparar-lhe um bom banho de imersão. Você precisa relaxar.
- Ótimo, querida. Estou mesmo precisando disso. Também gostaria de tomar um comprimido para dor de cabeça.
- Vou arranjar as duas coisas. - respondeu Sarah, enquanto se retirava.

Em menos de vinte e quatro horas, Anthony conseguiu o que parecia impossível. Seu telefone não parava de tocar. Os exércitos dos três países estavam a caminho para uma operação conjunta na Selva Amazônica. Também participariam os agentes da Interpol, polícia federal brasileira, CIA e FBI. Todos estavam prestes a chegar.

O coronel Peterson foi o primeiro a chegar, trazendo consigo o general do exército brasileiro que comandaria a operação.

- O senhor conseguiu! - disse eufórico o coronel, enquanto se aproximava. - Está de parabéns.

- Todos estamos. - respondeu Anthony.

- Este é o general Azambuja, senhor Alexander. - apresentou-os o coronel.

Os dois homens apertaram firmemente as mãos.

- Muito prazer, general. Seja bem vindo!

- Senhor Alexander, podemos utilizar sua casa como quartel general, pelo tempo que durar a operação?

- Certamente, general.

- Ótimo! - respondeu o general. E, virando-se para Peterson. - Coronel, inicie imediatamente a instalação de nossos equipamentos.

Logo após começaram a chegar todos os outros envolvidos na operação. Parecia uma ação cinematográfica. A cada novo comandante que somava-se ao grupo, era detalhado o plano de ação estabelecido pelo exército brasileiro. Quando este sugeria alguma ação alternativa, ela era imediatamente estudada pelos presentes, e, se aprovada, agregada ao plano. Não havia tempo a perder.

Capítulo Vinte e Cinco

A expedição de salvamento partiu ao raiar do dia. A maioria dos soldados ocupava lanchas enormes. Assim que fosse localizado o acampamento guerrilheiro, receberiam o apoio de helicópteros e aviões. O grupo era composto por cerca de mil homens.

- Traga nosso filho de volta! - pediu Sarah a Anthony antes da partida.
- Prometo que o farei! - respondeu ele com convicção.
- Cuide-se! - despediu-se ela, depois de um beijo e um longo abraço.

No escritório geral da CIA, onde Pablo permanecia em constantes sessões de interrogatórios, entremeadas apenas por algumas horas de sono diárias, os agentes estavam exultantes, pois tinham em mãos um trunfo para tentar fazê-lo falar. Pablo, que estava em sua cela, foi trazido e colocado mais uma vez na sala de interrogatório que tão bem conhecia.

- E então, - disse o agente que o interrogaria. - é hoje que saberemos onde estão escondidos seus amigos?

Pablo deu de ombros. Continuava decidido a nada dizer.

- E se eu lhe disser que já sei onde estão? - continuou o agente.

Pablo permaneceu em silêncio. Sem demonstrar nenhuma emoção, passou a prestar mais atenção às palavras do agente. Contudo, tinha certeza que este estava blefando.

- Excelente idéia esconder-se em um vale perdido no meio da mata! Como descobriram sua existência?

Pablo ficou aturdido. *Será que está me testando?* Pensou.

- Boa tentativa. - balbuciou. - Tente outra!

- Sabe que estou certo! - irritou-se o agente. - Não preciso mais que me diga onde estão, pois já sabemos.

O interrogado permaneceu inalterado em seu comportamento. Apenas desviou o olhar do agente antes de se pronunciar novamente, procurando demonstrar desinteresse.

- Então, posso voltar até minha cela? - perguntou. - Ainda estou com sono!

O agente, que estava sentado desde a entrada de Pablo na sala, levantou-se para dar mais ênfase as suas palavras.

- Escute aqui, rapaz! - o agente projetou-se para a frente, agarrando o braço esquerdo de Pablo com sua mão direita. - Só queremos evitar um derramamento de sangue desnecessário para ambos os lados!

Pablo deu de ombros mais uma vez.

- Vai colaborar ou não? - insistiu o agente.

O outro permaneceu impassível.

- Está bem. - desistiu o agente. - Se prefere assim... - voltou-se para sair da sala.

- Espere! - interpelou-o Pablo.

O agente voltou-se.

- Sim?

- Como descobriam?

- Acredito que não seja eu o interrogado!

- Tudo bem. - disse Pablo. - Não esperem resgatar ninguém com vida daquele acampamento.

Anthony, assim como Pedro, que ia com ele na lancha da frente, sabia exatamente até que ponto do rio Negro poderiam ir antes de se embrenharem na mata. Isso encurtaria muito o caminho de volta. Tudo estava saindo de acordo com o planejado. Haviam partido há apenas um dia e já estavam bem próximos do local de desembarque. A cabeça de Anthony fervilhava de preocupações. *Como fariam para resgatar os reféns em segurança?* A promessa que havia feito a Martin e seus amigos de que retornaria para salvá-los estava muito próxima de ser realizada, mas após sua chegada tudo se transformaria em uma incógnita. Anthony ouviu Pedro berrar para o comandante do barco que ocupavam.

- Chegamos!

Só então percebeu a quanto tempo estava absorto em seus pensamentos. Realmente haviam chegado ao seu destino por água. Restava agora apenas um pouco mais de um dia de caminhada pela mata.

A espera por ajuda no acampamento era angustiante. Todos os que esperavam a volta de Anthony não conseguiam disfarçar seu nervosismo.

- Não planejamos qual será nossa atitude diante da chegada da equipe de salvamento! - exclamou Martin.

Ele se encontrava almoçando no refeitório, na companhia de Ralph e Charles. Anthony e Carolina haviam partido há dois dias.

- Existe alguma coisa que possamos fazer? - perguntou Ralph.

- Seremos obrigados a fazer alguma coisa, caso contrário não haverá nenhum refém para ser resgatado. - continuou Martin.

- Tem razão! - concordou Charles.

- E o pessoal que nos auxiliou? Será que continuarão conosco? - indagou Ralph, dirigindo-se a Martin.

- Espero que sim. Se estão fartos de derramamento de sangue, não penso que queiram deixar mais alguém ser sacrificado.

Martin deu a resposta que Ralph esperava ouvir.

- Então vamos procurá-los para pedir ajuda!

- Acho uma boa idéia! Com certeza estão mais bem preparados que nós para defender os reféns. - disse Charles.

- Procurarei Maria agora mesmo! - afirmou Martin.

Martin encontrou Maria sozinha na tenda que dividia com Sebastian.

- Posso entrar? - perguntou.

Maria, que estava lendo de costas para a entrada, voltou-se, ainda sentada.

- Claro, meu amigo!

- Está sozinha? - Martin quis certificar-se, enquanto entrava.

Maria fechou seu livro, colocando-o na escrivaninha que estava a seu lado e levantou-se.

- Estou!

- Estamos muito preocupados, Maria.

- É claro que deveriam estar, Martin. Afinal, estamos prestes a enfrentar uma guerra.

- Vim pedir ajuda.

Maria caminhou em direção a Martin e tocou com sua mão esquerda o braço direito do garoto.

- Já estamos com tudo acertado, Martin. Pode tranquilizar seus amigos.

- Já? - surpreendeu-se Martin.

- Já! - confirmou Maria. - Temos um grupo pronto para defender os reféns. Simon está mantendo dentro do cercado dos reféns apenas homens de sua confiança, e todos eles estão preparados para o ataque.

- E nós? O que faremos quando tudo começar?

- Apenas corram, desarmados, para dentro do cercado. Os homens de Simon não atirarão em vocês.

- Mas... gostaríamos de ajudar na proteção aos reféns. Acredito que podemos ser úteis.

- E serão muito úteis!

- Desarmados?

- Martin, já temos dentro daquele cercado muito mais armas de que precisamos para defendê-los. Não se preocupe. Assim que entrarem no cercado receberão as suas armas.

Martin finalmente conseguiu respirar aliviado.

- Ótimo! Tenho certeza de que desta vez não decepcionarei meu pai.

- Você dá muita importância para ele, não é?

Martin suspirou.

- Sempre dei. Apenas não havia me dado conta disto. Estes meses aqui me ensinaram muito.

- Seria bom que partisse agora. Sebastian deve chegar daqui a pouco...

- Está certo, estou ansioso para contar para o pessoal que já temos um plano. Todos estão ansiosos!

- Uma última recomendação, Martin.

- Qual?

- Quando tudo começar, obedeçam a todas as ordens que receberem dentro do cercado. A organização será nossa melhor aliada.

- Pode contar com isso! - exclamou ele. - E o que vocês farão se forem capturados?

- Quando entramos neste tipo de luta temos que estar preparados para tudo Martin, se eu sobreviver, só me resta submeter-me à justiça. Se o que fiz até hoje foi errado, cumprirei a pena que me for imposta.

- Você é muito corajosa!

- Você também Martin.

- Prometo que farei meu pai interceder por vocês.

- Mais uma coisa! - disse Maria.

Aproximou-se de Martin e aplicou-lhe um afetuoso beijo na face. Martin ficou sem jeito, não sabendo como reagir. Maria percebeu o constrangimento e bateu levemente na face do amigo.

- Pode ir agora! - disse por fim.

Martin retirou-se, ainda visivelmente constrangido. Maria sorriu, divertida. Apesar de ter amadurecido muito nos últimos meses, Martin ainda era um garoto.

Capítulo Vinte e Seis

O amanhecer do sexto dia desde a partida de Anthony e Carolina parecia ser igual a todos os anteriores no acampamento. Tocou o despertar, e todos trataram de levantar e se preparar para o novo dia que se iniciava. Martin, Ralph, Charles e John, que geralmente deixavam juntos sua tenda, indo tomar o café da manhã no refeitório, agora mais do que nunca procuravam andar sempre juntos, na expectativa de que algum tipo de ataque acontecesse a qualquer momento.

- Ouviram alguma coisa? - perguntou John, que era o mais silencioso, e por causa disso o mais atento a tudo o que se passava, parando de caminhar.

Os outros também pararam.

Antes que alguém pudesse responder, os helicópteros dos exércitos da operação de salvamento começaram a sobrevoar o acampamento.

Houve uma agitação e gritaria geral de todos os que lá estavam. A maioria dos guerrilheiros corria atônita, sem saber muito bem aonde estava indo. Alguns corriam para sua tenda, na busca de suas armas. Outros corriam para o centro da aldeia, onde estavam os barracões com armas e munições. Uns poucos jogaram-se ao solo, tentando entender o que estava acontecendo.

- Chegaram! - gritou Martin para seus amigos.

- Vamos para o cercado! - gritou Charles, apontando na direção em que deviam seguir.

Enquanto corriam, avistaram Jason e Richard, que também haviam sido orientados para que tomassem esta atitude. No portão de entrada do cercado um guerrilheiro deixava apenas uma fresta para que seus aliados entrassem. Outros apontavam suas armas na direção dos que corriam, numa atitude de defesa. Martin viu que um deles apontava em sua direção. Mesmo assustado, não parava de correr.

- Largue a arma! - gritou o guerrilheiro.

Martin, que não estava armado, não sabia o que fazer, mas mesmo assim continuava a correr.

- Largue! - tornou a gritar o outro.

Martin ouviu-o atirar em sua direção. Instintivamente jogou-se ao solo, tentando escapar do tiro. Enquanto caía, ouviu o tiro de fuzil explodindo no peito de um guerrilheiro, que correndo ao seu lado, apontava sua arma na direção dos que protegiam o cercado. *Deve ser a primeira vítima da invasão*, pensou Martin, ainda atônito. Ouviu o guerrilheiro gritar.

- Levante-se e venha, garoto!

Olhou novamente para a frente e pôde ver seus amigos alcançando o portão. Mais depressa que pôde, tratou de levantar e se colocar novamente na direção do portão, que estava a apenas alguns metros. Ao atingi-lo sentiu-se como uma criança. Estava em segurança após atingir o pique, como em uma brincadeira de pegador.

Jovens guerrilheiros em treinamento, assustados, também corriam para o cercado. Martin viu que Maria também corria para lá. Os helicópteros anunciavam que todos deveriam se jogar ao solo sem reação, mas ninguém fazia isto.

Os guerrilheiros que apontavam seus fuzis na direção dos helicópteros que procuravam aterrissar em uma clareira, no canto oposto do cercado dos reféns, eram metralhados por atiradores destes. Os chefes do acampamento estavam dispersos e procuravam correr na direção da tenda de Sebastian para saber o que fazer. Sebastian, que tinha sua tenda perto do galpão de armamentos, já havia tomado o comando dos que chegavam, coordenando a distribuição de armas.

- Quem já estiver armado, corra na direção dos reféns e mantenha-se junto deles! - gritava. - Lá não seremos atacados!

O comando que defendia os reféns mandou que estes fossem reunidos ao fundo do cercado, de onde dificilmente seriam alcançados pelas balas dos outros guerrilheiros. Pediram aos reféns que levassem consigo seus lençóis, que eram brancos, e os agitassem incessantemente para não serem atingidos pelas equipes de resgate. Todos os que estavam dispostos a rechaçar a tentativa de invasão do cercado receberam armas e foram orientados a formar uma linha, deitados junto à cerca, e atirar em qualquer um que tentasse ultrapassá-la. Martin e seus amigos decidiram fazer parte deste grupo.

A batalha começou em poucos minutos. O acampamento ficou dividido em três partes: no fundo do vale, os reféns com seus defensores, ao centro, e com a maior parte territorial, os guerrilheiros sob o comando de Sebastian, e na entrada do vale os soldados que haviam descido dos helicópteros.

Aos poucos, protegidos pelos soldados dos helicópteros, começou a brotar da caverna um número enorme de soldados. Estes se postavam em posição de ataque assim que atingiam a margem do rio. O comando de ataque coordenava todas as operações de fora do vale, de onde mantinha-se em comunicação com o pessoal de terra e com a força aérea, que sobrevoava, incessantemente o acampamento.

- Os reféns estão ao fundo do acampamento! - anunciou pelo rádio um observador aéreo.

- Pode vê-los bem? Como estão? - perguntou o operador de rádio, ao lado do comandante da operação.

- Todos estão ao fundo do vale agitando panos brancos! Acredito que estejam bem!

- E não estão sendo atacados?

- Vamos sobrevoar novamente, mas não vejo nenhum movimento neste sentido.

O rádio silenciou por algum tempo.

- Estão sendo protegidos! - anunciou novamente o rádio.

Anthony, que ouvia tudo ao lado dos comandantes, explodiu de alegria.

- De que forma? - perguntou o operador.

- Guerrilheiros estão postados na entrada do cercado, atirando em seus próprios companheiros. Precisam de ajuda, não sei por quanto tempo vão suportar!

- Mande imediatamente alguns helicópteros sobrevoarem o cercado e atirar em tudo o que se mexer na sua volta! - ordenou o comandante ao oficial que estava a seu lado. - Não atirem em ninguém que esteja dentro do cercado.

- Más notícias! - anunciou um guerrilheiro correndo na direção de Sebastian. - Alguns companheiros nossos estão defendendo os reféns! Já perdemos muitos soldados tentando chegar até eles!

- Maldição! - explodiu Sebastian. - Quem são estes desgraçados?

- É o grupo de Simon!

- Desgraçado! - Sebastian bateu na mesa na qual estava escorado. - Bem... isso não importa agora, vamos entrar lá de qualquer jeito!

- Sebastian... - o soldado hesitou. - Tem mais uma coisa!

Sebastian estava impaciente.

- Diga de uma vez!

- Maria está com eles!

Desta vez Sebastian não bateu na mesa. Deu um tremendo murro no soldado que havia trazido a notícia, jogando-o ao solo.

- Mentiroso!

O soldado não se abalou com o golpe recebido.

- Eu gostaria de estar mentindo, Sebastian, mas juro que é verdade.

- Também a vi dentro do cercado! - exclamou outro soldado.

Sebastian sentiu o ódio crescendo dentro de si. Nunca poderia esperar isso de Maria.

- Peguem os morteiros e as granadas! - ordenou. - Vamos explodir tudo por lá!

- Mas... sem reféns, como faremos para sair daqui? - perguntou Homero, que estava ao seu lado.

- Quem disse que sairemos daqui? - perguntou sarcasticamente Sebastian. - Tudo está acabado, vamos tentar fazer o maior estrago que pudermos.

- Mas e se tivermos alguma chance de escapar? - insistiu Homero.

Sebastian, tentando acalmar-se, bateu no ombro do amigo num gesto de consolo.

- Sabíamos que isso iria acontecer algum dia, Homero. Este dia chegou. Agora só nos resta morrer com dignidade, defendendo nosso ideais.

Todos os guerrilheiros que o ouviram estremeeceram. Era muito difícil estar preparado para morrer.

A batalha prosseguiu com extrema violência. Todos os que estavam dentro do vale participavam. Os soldados começaram a desembarcar dos helicópteros, também dentro do cercado. O grupo de Sebastian postou-se à frente deste, atirando sem cessar. O grupo que estava do lado de dentro respondia da mesma forma, agora apoiado pelos exércitos, mais bem armados. Os morteiros dos guerrilheiros passaram a explodir em vários locais dentro do cercado. Os atiradores dos helicópteros passaram a atirar nos guerrilheiros que preparavam as cargas dos morteiros. Estes, tentando se defender, conseguiram atingir um helicóptero, que explodiu num estrondo ensurdecedor.

- A equipe da retaguarda precisa avançar o mais depressa possível! - pediu pelo rádio o soldado que observava o avanço guerrilheiro das alturas. - Não sei por quanto tempo eles vão resistir!

- Bombardeiem com carga total todo o acampamento, com exceção do cercado! - berrou o comandante da operação ao ouvir o relato do observador.

A força aérea provocou um verdadeiro inferno entre os guerrilheiros. As bombas explodiam, uma após a outra, sem cessar.

- Suspendam o ataque aéreo! - ordenou novamente o comandante, e completou. - Invasão total por terra, agora! Vamos forçá-los a se defender, assim não mais atacarão os reféns!

Os exércitos tomaram o acampamento em poucos minutos. Os poucos guerrilheiros que haviam resistido ao bombardeio aéreo, sucumbiram ao avanço. Alguns guerrilheiros jogaram suas armas ao solo, entregando-se ao inimigo.

Sebastian, assim como todos os comandantes guerrilheiros, resistiram até o final. Quando tudo terminou, jaziam inertes no solo.

- Tudo sob controle! - anunciou o comandante da infantaria, de dentro do acampamento. - Vamos nos aproximar do cercado agora.

- Aqui no cercado também temos o controle. - anunciou, pelo rádio, um militar que havia desembarcado do helicóptero direto lá dentro.

Fora do vale houve uma explosão de alegria. Dentro ainda se podia ouvir um ou outro tiro perdido, mas começava a imperar um silêncio mortal. Todos podiam apenas ouvir o zunido dos próprios ouvidos, depois de tantas explosões e tiros. Quando os últimos tiros silenciaram, Anthony e os que haviam permanecido do lado de fora do vale durante a invasão militar receberam autorização para entrar.

- Estejam preparados para a pior visão de suas vidas! - alertou um oficial pelo rádio.

Anthony, assim que saiu da caverna, correu na direção do cercado, onde deveria estar Martin. Seu coração pulsava tanto que tinha a sensação que saíria pela boca. Não se importou com os inúmeros cadáveres destroçados que ia deixando para trás. Nem os via, tanta era sua concentração em atingir seu objetivo. Entrou no cercado onde havia passado tantos dias, pela primeira vez por vontade própria. Havia muitos feridos e mortos. Os que estavam bem tratavam de auxiliar os que estavam necessitando de ajuda. Os guerrilheiros que haviam sobrevivido dentro do cercado, entregavam-se, sem resistência.

Nada de avistar Martin. Uma agonia ia tomando conta de sua alma em substituição à expectativa do reencontro. Avistou Ralph sentado a um canto do cercado.

- Ralph! - gritou.

Este apenas levantou os olhos para fitá-lo, sem esboçar nenhuma outra reação.

Anthony correu em sua direção. Ao chegar perto, estancou estarecido. Caiu de joelhos ao solo.

- Ele lutou até o fim, senhor Anthony. Salvou muita gente! - exclamou Ralph, como um autômato.

Sobre as pernas de Ralph repousava, ligada ao corpo inerte, a cabeça de Martin, que era acariciada pelo amigo.

Capítulo Vinte e Sete

Anthony Alexander chegou à Casa Branca para sua audiência quinze minutos antes do horário combinado previamente com a assessoria do presidente. Aguardou pacientemente na ante-sala do salão oval. O presidente o recebeu no horário previsto.

- Lamento muito tudo o que o senhor e sua família passaram. Fizemos tudo o que era possível para ajudá-los! - exclamou o presidente americano ao recebê-lo.

Anthony, em pé no meio da sala, apertou com força a mão de seu interlocutor, que com a outra confortava-o batendo em seu ombro.

- Obrigado, senhor presidente. Garanto que não me decepcionaram.

- Como está sua esposa?

- Agora está melhor, senhor presidente. Sarah é bastante forte.

- Sente-se, meu amigo. - disse o presidente, acomodando-se no sofá de seu gabinete privado.

- Obrigado.

- E você, como está se saindo?

- Todos nós estamos tentando superar o acontecido, senhor. Não podemos passar o resto de nossas vidas revivendo o passado. Acho que estamos nos saindo bem.

- Gostaria de beber alguma coisa?

Anthony fez um gesto de recusa com a mão.

- Obrigado. Não quero tomar muito seu tempo.

- E a que devo a honra de sua visita?

- Vim até aqui para pedir-lhe meu desligamento de governo americano.

O presidente surpreendeu-se.

- Seu desligamento?

- Isso mesmo, senhor.

Anthony demonstrou firmeza na sua resposta.

O presidente levantou-se e caminhou até a janela, de onde contemplou o jardim da Casa Branca por algum tempo. Depois virou-se para Alexander, e ainda em pé, retomou a conversa.

- Sei que esta muito cansado, Alexander. Mas não posso aceitar seu desligamento. Proponho-lhe uma licença por tempo indeterminado para que possa pensar melhor no assunto.

- Minha decisão é irrevogável, senhor. Já pensei muito, e também conversei com minha família.

O presidente voltou a sentar-se de frente para Anthony.

- Você vai se arrepender disso, Alexander. Sei que adora seu trabalho.

- Gosto muito do que faço, mas tenho certeza que não vou me arrepender, senhor.

- Você sabe que fará muito falta ao nosso país. Muitos dos acordos que obtivemos até hoje foram graças a você.

- Acredito que posso ser muito mais útil ao nosso país dedicando-me a um projeto que estamos idealizando.

- E que projeto é esse?

- Ainda não pensamos em todo ele, senhor. Mas prometo-lhe que será um dos primeiros a tomar conhecimento do que pretendemos, assim que o detalharmos. - Anthony sorriu. - Até porque precisaremos de muito dinheiro para levá-lo adiante. - concluiu.

- Esteja certo que tudo o que for feito em favor de nosso povo sempre contará com o meu apoio! - utilizou-se de retórica o presidente.

- Obrigado, senhor.

Anthony despediu-se do presidente, e antes de deixar a Casa Branca, procurou alguns conhecidos para despedir-se. Sentiu uma certa nostalgia ao partir, pois toda sua vida profissional tinha sido dedicada à diplomacia. Mas, antes que pudesse abater-se por tais pensamentos, tratou de direcioná-los ao seu novo empreendimento.

Epílogo

Dia primeiro de janeiro de 1998, Colômbia. A fundação Martin Turman Alexander abre suas portas. Estão à frente desta, Sarah, Anthony, Carolina e Ralph.

Recebem, além de autoridades de todo o mundo, os convidados e financiadores para a inauguração. O complexo onde está instalada a fundação é imenso, e abrigará milhares de crianças ao mesmo tempo. Será financiada por grandes grupos multinacionais, governos e por palestras que Anthony apresentará através do mundo defendendo suas idéias.

Após a chegada de todos os convidados, Anthony iniciou um curto discurso, que exporia seus objetivos.

- ... o objetivo da fundação é auxiliar crianças e jovens colombianos a manterem-se longe dos grupos ligados ao tráfico de entorpecentes e guerrilhas. Procurará apoiá-los, desde a mais tenra infância, com estudo, muito carinho e principalmente proporcionando oportunidades de enfrentar a vida sem precisarem utilizar meios ilícitos. - encerrou o discurso, Anthony.

Todos os presentes aplaudem-no, em pé.

Estava lançada uma nova semente de esperança, não só no combate ao tráfico, como também na melhoria de vida de milhares de crianças que até então não tinham muitas perspectivas na vida.
